

Cesar Dalpra

**A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO NO DISCERNIMENTO
VOCACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Galdino
Feller

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

DALPRA, Cesar

A quênose do Espírito Santo no discernimento vocacional /
Cesar Dalpra; orientador: Vitor Galdino Feller - Florianópolis, SC,
2020.

106 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa
Catarina.

Inclui referências:

1. Discernimento 2. Quênose 3. Vocação

Cesar Dalpra

A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 09 de outubro de 2020.

Prof. Dr. Rafael Alex Lima da Silva
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vítor Galdino Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Ademir Eing
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

Prof. Dr. Edinei da Rosa Cândido
Faculdade Católica de Santa Catarina
Avaliador

“Os que são guiados pelo Espírito Santo têm ideias exatas. Eis por que há tantos ignorantes que veem mais longe do que os sábios”.

(São João Maria Vianney)

RESUMO

A vocação é um chamado de Deus feito ao ser humano. No decorrer da vida, o sujeito busca descobrir a própria vocação, e nessa realidade percebe como necessário o discernimento. Discernir é algo fundamental para quem busca responder ao chamado de Deus. É um processo que envolve o ser humano de modo integral, na sua relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. O Espírito Santo por sua vez está presente na vida de cada ser humano. De modo discreto e abscôndito acompanha cada indivíduo no decorrer da vida. Tal maneira de o Espírito Santo agir, isto é, oculta e silenciosamente, acontece de modo quenótico. O objetivo dessa pesquisa busca encontrar a relação entre a quênose do Espírito Santo e o discernimento vocacional. O discernimento à luz da quênose do Espírito se dá na oração feita a Deus, na ética para com o próximo e no cultivo da interioridade. A contribuição que esta pesquisa visa oferecer, está principalmente na demonstração do valor da terceira pessoa da Trindade na dinâmica vocacional.

Palavras-chave: Discernimento. Quênose. Vocação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O DISCERNIMENTO VOCACIONAL	15
1.1 O DISCERNIMENTO	15
1.2 DISCERNIMENTO VOCACIONAL	19
1.2.1 Importância da oração no discernimento vocacional	21
1.2.2 O imperativo ético no processo de discernimento	26
1.2.3 Dimensão psicológica do discernimento vocacional	29
2 A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO	35
2.1 REVELAÇÃO QUENÓTICA DO ESPÍRITO SANTO NA SAGRADA ESCRITURA	38
2.1.1 Antigo Testamento	39
2.1.2 Novo Testamento	44
2.2 A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO ENQUANTO AMOR INTRATRINITÁRIO	54
2.3 A IMPORTÂNCIA DE PROMOVER O CONHECIMENTO DO ESPÍRITO SANTO E DE SUA QUÊNOSE.....	58
3 A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL	65
3.1 O ESPÍRITO SANTO NO HOMEM	65
3.2 DISCERNIMENTO E QUÊNOSE	71
3.2.1 O Espírito que possibilita a oração	76
3.2.1.1 O Espírito que conscientiza sobre o pecado	77
3.2.1.2 O Espírito Santo na oração do discernimento	82
3.2.2 O Espírito que faz agir	86
3.2.3 Autoconsciência e liberdade no discernimento	93
CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

O conhecimento de algo produz um movimento muito interessante. Parte-se de um ponto em que pouco se sabe, e mesmo sendo pouco, se trata de um conhecimento incerto e por vezes sem base alguma. Ao mesmo tempo, a busca por conhecimento apresenta uma riqueza inimaginável. Na busca por entender alguma realidade, quebram-se os preconceitos e se ampliam os horizontes do indivíduo que se lança na grande aventura da busca. Quanto mais longe vai a pesquisa, mais se percebe que aquilo que se sabe, é muito pouco comparado àquilo que se pode saber.

Esta pesquisa destaca essa realidade, pois trabalha com temáticas que por vezes são tidas como conhecidas, de modo que não seja preciso mais aprofundar. A vocação é um exemplo atual dessa presunção intelectual. Atualmente, muito se fala em vocação, se fala do chamado de Deus, da resposta do sujeito humano, da felicidade e da liberdade de encontrar a própria vocação. Sem dúvida, é muito importante falar em vocação, criar uma cultura vocacional. No entanto, percebe-se que esta abundância de informações sobre a vocação acaba sendo repetitiva e sem o devido aprofundamento. Fala-se do chamado de Deus, mas não se discorre sobre a forma como esse chamado acontece. Afirma-se que viver a vocação faz o homem ser livre e feliz, mas não se aprofunda o modo como isso acontece.

De modo similar, o conhecimento acerca da pessoa do Espírito Santo pode também ser subestimado diante daquilo que se poderia reconhecer acerca do Paráclito. Por um lado, é próprio do Espírito Santo não ser o centro das atenções, pois como se poderá ver, o Espírito sempre busca iluminar os outros, mas não a si mesmo. Contudo, isso não significa que se deva deixar de mergulhar na profundidade do Espírito Santo, buscando com isso, compreender cada vez mais a revelação da terceira pessoa da Trindade.

Como pode-se notar no título do presente trabalho, procurar-se-á relacionar essas duas grandes realidades, isto é, a vocação e o Espírito Santo. Da parte da vocação se trabalhará o tema do discernimento, buscando captar quais os grandes fundamentos para discernir a vocação. Da parte do Espírito Santo, este trabalho abordará o modo como o Espírito Santo se manifesta, ou seja, paradoxalmente através da quênose. Tendo feito isso, buscar-se-á construir uma relação entre as duas temáticas, afim de entender como o Espírito Santo age na realidade vocacional de cada indivíduo. Ao mesmo tempo, dará ao leitor pistas de como melhor se pode

proceder para realizar com confiança a caminhada de discernimento da vocação.

A busca por relacionar esses dois importantes temas surge do anseio por entender o processo de discernimento da vocação e a presença do Espírito Santo nesse processo. É uma tentativa de dar um embasamento adequado à comum afirmação acerca da vocação: “é um chamado de Deus e uma resposta humana”. Por um lado, tratar do discernimento abre a possibilidade de compreensão da resposta do indivíduo. De igual forma, desenvolver a temática da quênose do Espírito Santo permite entender o chamado de Deus que se dá no coração de cada pessoa.

Esta pesquisa não tem a intenção de dar novas respostas ou criar hipóteses acerca da realidade vocacional, mas busca dar uma base sólida para as respostas já existentes. “Deus chama e o homem responde”, esta é uma afirmação comum nos encontros e discursos sobre vocação. O que este trabalho anseia, é entender como Deus chama, e de quais formas o ser humano responde.

Como objetivo geral, coloca-se a relação entre a quênose do Espírito Santo e o discernimento vocacional. No fundo, é a busca por entender a relação de Deus com o ser humano na realidade vocacional. Na quênose se manifesta o chamado, no discernimento torna-se visível a resposta, na relação entre os dois temas desponta a realidade vocacional como um todo. Assim, a vocação desponta como uma soma de atitudes: a de Deus que se abaixa para fazer seu chamado e a do ser humano que busca através de suas relações e de sua liberdade dar a resposta a Deus.

Para alcançar tal objetivo geral, três capítulos serão desenvolvidos. No primeiro capítulo, buscar-se-á compreender a realidade do discernimento vocacional. Para tal, dar-se-á início abordando o discernimento de modo geral, considerando que é um conceito amplo e com possibilidade de uso em diversos contextos. Após esta contextualização conceitual, faz-se necessária uma delimitação, de modo que haja uma inserção na temática cuja compreensão é o objetivo almejado, ou seja, o discernimento vocacional. Quanto ao discernimento vocacional, ele se mostra um movimento que perpassa o ser humano como um todo, de modo que aborda as relações do indivíduo com Deus, consigo mesmo e com o próximo. Perpassando tais realidades, este trabalho almeja alcançar uma compreensão daquilo que é o discernimento vocacional.

O segundo capítulo tem o objetivo de entender o que é a quênose do Espírito Santo. Para tanto, buscar-se-á sinais desse agir quenótico do Espírito em diferentes espaços. Através das Sagradas Escrituras, será

possível perceber o desenvolvimento da compreensão da pessoa do Espírito, bem como de sua manifestação quenótica. Pela reflexão teológica posterior, poderá ser visualizada a importância da realidade da quênose na relação do humano com o divino. Também através da reflexão a respeito da quênose se perceberá a própria identidade do Espírito, que em seu ser e agir não busca aparecer, mas sempre procura iluminar o outro. Ao final deste segundo capítulo se entenderá a importância de conhecer o Espírito Santo e abrir-se a seu agir.

Os dois primeiros capítulos constroem a base para o terceiro, que é de certo modo o objetivo principal, ou seja, a relação entre o discernimento vocacional e a quênose do Espírito Santo. Nesse capítulo se buscará entender como o Espírito age na realidade do discernimento, e como o modo quenótico do Espírito agir é fundamental para que o ato de discernir seja livre e autêntico. Há, ainda nesse capítulo, o anseio de desenvolver a importância do Espírito Santo na dinâmica vocacional. Isto é, apresentar de que forma o Paráclito participa da descoberta e vivência da vocação em cada pessoa.

Para que seja construído este terceiro capítulo, procurar-se-á forjar os dois primeiros capítulos em uma só reflexão. Para tal tarefa, será preciso, em primeiro lugar, entender como a realidade do discernimento própria do homem pode se relacionar diretamente com o Espírito, cujo agir quenótico é objeto de reflexão. Tendo encontrado respostas para esse primeiro aspecto, pode-se falar do movimento quenótico do Espírito em cada uma das dimensões do discernimento. Espera-se, com isso, entender como Deus chama o homem e como o homem responde a este chamado. Ademais, poder-se-á entender, através de tal relação, como é possível falar em liberdade diante do processo de chamado e resposta.

1 O DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Discernir é algo mais comum do que se pode pensar. Praticamente a todo instante usa-se o discernimento. Quando se atravessa a rua, quando se decide o que comer, ou mesmo qual roupa se irá usar. Usa-se para distinguir sobre o que é certo e o que é errado, o que é justo ou injusto. Diante de tantos discernimentos, todo ser humano é chamado a discernir algo muito importante, que não irá somente definir qual cor de roupa a usar ou qual comida escolher, mas se trata de um discernimento que mudará a própria vida: o discernimento vocacional.

A vocação pode ser colocada entre o chamado de Deus e a resposta do homem a este chamado. Não se trata de um movimento único, mas de uma soma de atitudes. A atitude de Deus que chama, e a do sujeito que busca responder este chamado com a própria vida. Porém, como se sabe, Deus não chama o ser humano de modo direto. Isto é, a vocação não é algo que está pronto e que só é preciso esperar Deus revelar. É justamente aqui que entra o discernimento. Assim como só se compreende um livro à medida em que se lê, assim também ocorre com a vocação. Se faz necessário um mergulho em direção ao próprio interior em busca da descoberta da própria vocação.

Tendo consciência da amplitude do tema, este primeiro capítulo buscará compreender através de diversos prismas a realidade do discernimento vocacional. Inicialmente, buscar-se-á entender o discernimento de modo geral, para assim então poder delimitar tal realidade ao âmbito vocacional. Tendo feito tal delimitação, serão abordados três aspectos imprescindíveis para um discernimento vocacional profícuo: a oração, o caráter ético e a dimensão psicológica do discernimento vocacional. Ao abordar tais aspectos, a pesquisa almeja tomar o ser humano por inteiro, observando a suas relações com Deus, com o outro e consigo mesmo.

1.1 O DISCERNIMENTO

Tudo aquilo que existe de alguma forma se relaciona com o ser humano. A partir do momento em que o indivíduo existe, constitui um nó de relações com todos aqueles de quem se aproxima. Essa relação se dá por meio de uma comunicação. Os gestos, sinais, palavras e todas as demais expressões, fazem com que duas realidades se aproximem constituindo uma relação. Ao considerar duas realidades: a de que Deus

existe, e a de que ele se comunica, pode-se perguntar: como se dá a comunicação entre Deus e o ser humano?

É importante se questionar quanto a isso, pois todos aqueles que dizem ter fé em Deus afirmam se comunicar com ele. Contudo, não conseguem expressar exatamente como se dá essa comunicação. Esse desconhecimento talvez se deve ao fato de Deus não falar ao sujeito humano como um estranho, introduzindo realidades que não lhe são próprias. Muito pelo contrário, Deus fala ao ser humano por meio dos pensamentos e dos sentimentos do próprio ser humano.¹

O Espírito de Deus age no ser humano fazendo com que ele participe do amor de Deus. A ação desse Espírito, justamente por ser por meio do amor, é percebida pelo ser humano como sua própria verdade. Isso quer dizer que Deus está no indivíduo e que quanto mais existe uma identificação entre a pessoa e este divino hóspede, mais se conseguirá estabelecer uma relação.² É como uma música ouvida no rádio: só se ouve a música a partir do momento em que houver sintonia.

É exatamente dentro desta relação de Deus com o ser humano que surge o conceito de discernimento. O discernimento é o trabalho que se faz para descobrir no íntimo do próprio ser qual é a sintonia, isto é, quais pensamentos e quais sentimentos são frutos dessa relação com Deus e quais não são. Além disso, é importante saber a quais desses pensamentos e sentimentos deve-se dedicar a vida. É preciso cultivar uma certa capacidade de decodificá-los, a fim de saber o que Deus espera de cada um.³

Nesse sentido, o Papa Francisco em sua exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, afirma que a ação de discernir, “embora inclua a razão e a prudência, supera-as, porque trata-se de entrever o mistério daquele projeto, único e irrepitível, que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais variados contextos e limites”⁴. Ainda nesse sentido reflete Rupnik:

Por que é tão importante observar quais sentimentos acompanham certos pensamentos, ou

¹ RUPNIK, Marco Ivan. **O discernimento**. Trad. Euclides Martins Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 27.

² RUPNIK, 2008, p. 27.

³ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Antropologia da formação inicial do presbítero**. São Paulo: Loyola, 2011. p. 146-148.

⁴ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate***. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018. p. 80; GeE 169.

de quais sentimentos nascem certos pensamentos? Porque podemos ter pensamentos diferentes, todos bons, mas não podemos seguir todos eles. O problema não é só ter pensamentos evangélicos, mas saber a qual deles dedicar a vida, qual deles seguir.⁵

É claro que precisa-se cultivar bons pensamentos, mas falar de discernimento é falar de um passo além: a decisão. Isto é, durante a vida, muitas ideias sobre o que se quer ser profissionalmente no futuro aparecem. Ademais, estas possibilidades são inúmeras, e geralmente todas elas parecem boas. O grande desafio é conseguir filtrar de dentro destas inúmeras possibilidades aquela para a qual Deus chama: eis o processo de discernimento.

O Espírito fala e age por meio dos acontecimentos da vida de cada um, mas os eventos em si são silenciosos ou ambíguos, enquanto se podem dar diferentes interpretações. Iluminar seu significado em ordem a uma decisão, requer um percurso de discernimento.⁶

Etimologicamente, discernimento é uma palavra oriunda do verbo latino “*cernere*”, que significa passar no crivo, fazer a triagem de alguma coisa. Seria mais precisamente perceber algo a partir da capacidade de distinguir; perceber ou definir algo entre outras coisas.⁷

Ao criar, a primeira coisa feita por Deus é dar ordem ao mundo. A Palavra (*Dabar* em hebraico) ordena. Nessa primeira ação vê-se o movimento de dar nome às coisas. A ordem e o nome são atos de discernimento que produzem o melhor dos frutos da criação. Não se trata de querer o melhor para si, mas o bem de todos. O ser humano, imagem e semelhança de Deus tem também essa capacidade criadora de discernimento na medida em que ordena, dá o nome e vê o que é bom.⁸

⁵ RUPNIK, 2008, p. 28.

⁶ SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens a fé e o discernimento vocacional**. Documento preparatório. Brasília: Edições CNBB, 2017. p.31.

⁷ AZEVEDO, Marcello de Carvalho. **Autoridade e Discernimento**. Exposição feita no painel sobre Autoridade e discernimento, no dia 25 de julho de 1983, durante a XIII AGO da CRB Nacional. p.28.

⁸ HORTELANO, Eduardo L. **O discernimento**: Formar em e para. Inst. de Espiritualidad, Universidad Pontificia Comillas, Espanha: 2018, p. 3.

No mesmo sentido, discernir pode ser entendido como um processo de distinguir uma coisa da outra, ter critério para conhecer o que é bom ou conveniente em alguma realidade. Discernir é ainda separar, selecionar, interpretar e julgar, para poder escolher e decidir. “O discernimento comporta uma análise da realidade (exterior ou interior) e sua avaliação com vistas a tomar decisões operativas.”⁹

Discernir é prestar atenção em Deus, é ficar atento ao que Deus fala. É desse modo, um processo de conversão total, pois parte de uma certeza de que Deus sempre nos fala. Com isso, no processo de discernimento, não há lugar para obstinação, cegueira. Mais do que um chamado de Deus, fala-se aqui de um chamamento¹⁰ e, portanto, de um processo constante de encontro e amadurecimento das relações a partir da relação fundante com Deus.¹¹

Nesse contexto entra a formação da consciência, que permite que o discernimento cresça em profundidade e na fidelidade a Deus: formar a consciência requer o caminho da vida inteira, no qual se aprende a cultivar os mesmos sentimentos de Jesus Cristo.¹²

Até então, foi possível construir um percurso de compreensão da realidade do discernimento de modo abrangente. Ou seja, evidenciou-se a relação fundante entre Deus e o ser humano que permite o processo de discernir, bem como buscou-se esclarecer a forma como se dá esse processo. Ao chegar nesse ponto, pode ficar a impressão de que faltam no decorrer do texto algumas bases necessárias para o ato de discernir. Sem dúvida, alguns aspectos precisam ser elaborados, para que seja mais fácil e completa a compreensão da temática. Justamente por não desconsiderar tal necessidade de aprofundamento que o direcionamento deste trabalho focará na especificidade do discernimento vocacional, abordando assim

⁹ DOMÍNGUES, Luiz M.G. **Discernir o chamado**: A avaliação vocacional, Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2010, p. 23.

¹⁰ Quando se fala em chamado, muitas vezes se pensa em algo estático e que acontece uma só vez na vida. No entanto, Deus chama continuamente no decorrer da vida, daí a ideia de chamamento. Obviamente pode-se continuar usando o conceito “chamado”, desde que não se pense em algo estático e em um determinado momento da vida do indivíduo que discerne.

¹¹ RUPNIK, 2008, p. 25.

¹² FRANCISCO. Exortação Pós Sinodal *Christus Vivit*: Para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019. p. 109; CV 181.

as bases mais importantes para o entendimento da realidade do discernimento.

1.2 DISCERNIMENTO VOCACIONAL

Como dito anteriormente, há um momento em que o ato de discernir não é somente o responsável por separar os pensamentos e sentimentos de acordo com sua proveniência, mas passa a estar ligado diretamente com a decisão do sujeito em relação à sua vocação. De certo modo, é um aprofundamento do sujeito, que não busca somente diferenciar o que vem de Deus e o que não procede dele, mas busca, em uma atitude atenta de identificação, encontrar em meio aos pensamentos e sentimentos provenientes de Deus algo que indique o caminho a seguir vocacionalmente.

É importante frisar a ideia de um caminho, itinerário, e/ou percurso vocacional, pelo fato de a vocação não ser algo estático e localizado em um determinado tempo da vida. Falar de vocação não é somente falar da escolha específica que é feita em determinada altura da vida, mas se trata de entender que a própria vida é o chamado. “A vocação não é algo exterior ao homem, mas está inserida nas fibras do seu próprio ser.”¹³

Atualmente, a ideia de vocação volta a adquirir o sentido que se aproxima daquilo que ela é de fato. Isto é, falar de vocação começa a ser entendido de modo mais amplo e profundo, não se identificando com um momento delimitado da vida da pessoa, mas com a própria realidade da pessoa. Passa-se a entender que a pessoa não é uma realidade que tem uma vocação, mas é simplesmente uma vocação.¹⁴

Então, se evidencia claramente que a vocação não é uma realidade estática, dada uma vez por todas e possuída em tranquila paz de espírito; mas é, pelo contrário, uma realidade essencialmente dinâmica. A vocação é a realidade do próprio homem que é chamado a construir seu conteúdo essencial através de todas as situações existenciais da sua vida; é o imperativo próprio do seu ser que lhe diz: realiza-

¹³ CASTAGNETTI, C., *Vocacione*, Nuovo Dizionario di spiritualità, SP, Roma: 1978. Apud: BAQUERO, Victoriano, **Tenho vocação?** Orientações metodológicas. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 11.

¹⁴ PIGNA, Arnaldo. Trad. Atílio Cancian. **A vocação: Teologia e Discernimento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 7.

te a ti mesmo, permanecendo fiel a ti mesmo, isto é, comportando-te como ser inteligente e livre; antes de tudo, reconhecendo a tua qualidade de criatura e, por conseguinte, a tua dependência e destinação total a Deus.¹⁵

Compreende-se assim, que a descoberta da vocação não pode se dar em um estalar de dedos, de uma hora para a outra. É preciso um processo de progressiva iluminação. É precisamente dentro desse contexto que se coloca o discernimento. Nesse processo contínuo de relação com Deus que é a vocação, o ser humano é colocado diante de si mesmo para conhecer em seu ser a vontade de Deus. É o que quer dizer Rupnik quando afirma: “No discernimento, o homem experimenta a sua identidade como criador da própria pessoa. Nesse sentido, é a arte na qual o homem manifesta a si mesmo na criatividade da história e cria a história criando a si mesmo.”¹⁶

Entender a vocação como um chamamento, permite falar de um discernimento vocacional, pois se a vocação fosse estática e situada em um momento preciso não seria possível falar em nenhuma reflexão. No entanto, entendendo a vocação como uma realidade que permeia toda a vida, percebe-se que durante toda o tempo Deus vai lançando o seu chamado, e faz de maneira tão processual que não se pode dizer que o chamado aconteceu aqui ou acolá. De fato, se perguntar a alguém sobre o momento exato em que Deus chamou, na grande maioria das vezes não se saberá dizer um momento pontual, mas se falará de um esclarecimento crescente.¹⁷

Isto significa, em outras palavras, que o homem nunca foi feito completamente. Ele recebe a si mesmo, não como um projeto já realizado, mas como um projeto a ser realizado mediante a sua livre iniciativa. A vocação do homem é uma criação por parte de Deus e, ao mesmo tempo, um chamado ulterior, um convite dirigido ao homem, para que ele se crie.¹⁸

Nesse mesmo sentido, Paulo VI em sua encíclica *Populorum Progressio* afirma com clareza que a vida toda é vocação, e que todo

15 PIGNA, 1989, p. 16.

16 RUPNIK, 2008, p. 14.

17 PIGNA, 1989, p. 19.

18 PIGNA, 1989, p. 13.

homem é convidado a desenvolver-se em seu chamado. É dado a todos a capacidade de viver a própria vocação, pois a todos são dadas as aptidões e qualidades necessárias para descobrir a própria vocação. “Desenvolvê-las será fruto da educação recebida do meio ambiente e do esforço pessoal, e permitirá a cada um orientar-se para o destino que Ihe propõe o Criador.”¹⁹

Esse modo de Deus chamar é uma prova do seu grande amor para com o ser humano. Deus não chama de modo nitidamente visível pelo simples fato de que ama e quer que todos sejam livres. Deus dá a vida a cada um, e é na própria vida que está a resposta para o chamado de Deus. É só vivendo que se pode discernir a própria vocação, pois Deus sempre vai dando sinais na caminhada de cada um, a fim de que possa encontrar a vocação para a qual o chama.²⁰

Não se pode pensar, no entanto, que basta viver a vida de qualquer modo e a vocação irá se mostrar. Discernir exige do sujeito uma atenção constante e uma intimidade muito grande para com o transcendente. Ademais, o olhar que busca respostas no transcendente deve ainda voltar-se para o imanente, onde Deus responde. Olha-se para o céu pedindo a Deus a resposta para a vocação, mas não se pode esquecer de olhar para os lados, onde Deus usa de instrumentos para responder. Há, desse modo, três aspectos essenciais para um bom discernimento vocacional: a oração direcionada, a atenção para com a realidade e o processo de autoconsciência.

1.2.1 Importância da oração no discernimento vocacional

A oração é um aspecto que deve estar presente na vida de todo cristão. Nas mais diversas realidades da vida cristã a oração é algo indispensável e de suma importância. Quando se fala em discernimento, a oração é um fator constitutivo, pois é pela oração que o sujeito busca se comunicar com Deus. Salomão, que nas escrituras é sempre lembrado por sua sabedoria e seu discernimento, pede a Deus, segundo o livro de Reis, o dom do discernimento durante a sua oração.

¹⁹PAULO IV. **Carta encíclica *Populorum Progressio***. Vaticano: 1967. Não páginado; PP. 15. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

²⁰ PIGNA, 1989, p. 20.

“Dá a teu servo um coração cheio de julgamento para governar o teu povo e para discernir entre o bem e o mal, pois quem poderia governar o teu povo que é tão numeroso?” Agradou ao Senhor que Salomão tivesse pedido tal coisa; e Deus lhe disse: “Porque foi este o teu pedido, e já que não pediste para ti vida longa, nem riqueza, nem a vida dos teus inimigos, mas pediste para ti discernimento para o julgamento, vou fazer como pediste.”²¹

A busca pelo discernimento é uma busca agradável a Deus. Isso pode ser visto nessa passagem do livro de Reis. Além disso, a passagem bíblica faz perceber que é melhor ter discernimento do que ter todas as riquezas e poder. É relevante observar nessa breve períclope os movimentos que acontecem. Primeiro há um deslocamento daquele que procura o Senhor, em seguida há o pedido que este faz a Deus. De fato, considerando o discernimento como um dom de Deus, é preciso pedir a ele esse dom. Ademais, a maneira de pedir algo para Deus é indo ao seu encontro através da oração.

A oração se insere aqui como um aspecto de fundamental importância para o discernimento da vocação. A oração é a ferramenta que aproxima o sujeito que discerne do Deus que chama; o ouvinte da voz; o receptor do emissor. Como já dito anteriormente, trata-se de um caminho que exige sintonia, que será maior à medida que o sujeito se aproxima e se desfaz dos ruídos e interrupções que podem existir entre aquele que chama e aquele que ouve. “A oração mantém a pessoa aberta aos apelos e pronta a realizar a vontade de Deus. [...] Falamos da oração que é abertura, diálogo e disponibilidade.”²²

Para perceber o que Deus quer de nós, precisamos de uma conaturalidade. [...] A oração reativa em nós a vida teologal. Ajuda-nos a perceber o significado salvífico e religioso da nossa existência e da questão em discernimento. [...] Sem a purificação da oração o sujeito será pouco a pouco carcomido pelos próprios interesses e perderá sua força redentora. A oração liberta dos apegos, auto-buscas, interesses individuais, para abrir aos apelos

²¹ BIBLIA de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011; 1Reis 3, 9-11.

²² OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Evangelho da vocação**: dimensão vocacional da evangelização. São Paulo: Loyola, 2003, p. 143.

de Deus através dos pequenos sinais da própria vida.²³

Entende-se nesse ponto a importância da oração, e não de qualquer oração, mas uma oração voltada especificamente para o processo de discernimento. Trata-se de uma via espiritual que busca purificar o próprio interior deixando o caminho entre si e Deus o mais aberto possível para conseguir ouvir nitidamente o chamado.²⁴ Tal projeto exige do sujeito que discerne uma predisposição para a escuta e momentos de silêncio.²⁵

Embora o Senhor nos fale de muitos e variados modos durante o nosso trabalho, através dos outros e a todo o momento, não é possível prescindir do silêncio da oração prolongada para perceber melhor aquela linguagem, para interpretar o significado real das inspirações que julgamos ter recebido, para acalmar ansiedades e recompor o conjunto da própria vida à luz de Deus. Assim, podemos permitir o nascimento daquela nova síntese que brota da vida iluminada pelo Espírito.²⁶

Trata-se de uma oração que considera sempre em um primeiro momento a divina vontade. Não se pode partir do pressuposto de que Deus irá se adaptar aos anseios e aos desígnios subjetivos e individualistas, mas ao contrário, é preciso se colocar à disposição de Deus, de modo que a vontade de Deus seja a nossa, e que seja a vontade divina a nossa norma de vida. “A oração não é mais a tentativa de unir a vontade de Deus à nossa, mas a tentativa sempre renovada de conformar a nossa vontade à vontade do Pai”²⁷.²⁸

²³ LIBÂNIO, João B. **O discernimento espiritual revisitado**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 12.

²⁴ RUPNIK, 2008, p. 168.

²⁵ FRANCISCO, 2018, p. 81; GeE 171-172.

²⁶ FRANCISCO, 2018, p. 81; GeE 171.

²⁷ SCHIAVONE, Pietro. **Il discernimento: Teoria e prassi**. Milano: Pauline, 2009, p. 46.

²⁸ “l’orazione non è più il tentativo di piegare la divina volontà alla nostra, ma il tentativo sempre rinnovato di conformare il nostro volere al volere del Padre.”

É preciso compreender que a busca de discernimento será mais frutuosa na medida em que houver uma saída de si mesmo e uma busca de um novo modo de pensar. Trata-se de aos poucos ir adquirindo uma mentalidade que se conforme com Cristo Senhor e o seu Evangelho. De fato, uma voz conhecida e familiar nos atrai o olhar, faz-nos parar para escutar, e permite distingui-la das demais vozes que ecoam no coração. Quanto mais se estiver familiarizado com a voz de Deus, mais se saberá quando ele está falando.²⁹

A oração é a porta de acesso àquilo que todo processo de discernimento vocacional procura: saber o que Deus espera para a vida do sujeito. É uma iniciativa divina revelar-se e dar a conhecer o mistério de sua vontade.³⁰ Discernir é uma tarefa que não pode prescindir da oração, da escuta e de uma experiência de fé. Estimular a vivência da oração abre caminho para um projeto de vida.³¹

O Papa Francisco propõe uma oração que valorize os momentos de escuta e de silêncio. É preciso, além disso, educar-se para acompanhar o tempo de Deus, entender que a vida apressada e sempre mais atribulada não acompanha o constante e paciente caminhar dele. Ademais, o Papa convida para que todos se abram ao Espírito Santo, para que ele possa libertar de todo medo que pode levar o sujeito a se fechar para as oportunidades positivas que a vida oferece. Por fim, convida a fazer uma verdadeira saída de si mesmo em direção ao mistério de Deus.³²

Rupnik, por sua vez, propõe um itinerário de oração que tem como intenção conduzir ao discernimento. Segundo ele, “toda oração é oração, se for oração, mas nem toda oração conduz ao discernimento”. A oração precisa ser planejada, e ao terminá-la, é preciso refletir o que se rezou e anotar aquilo que se vive: trata-se do exame da oração. De tal exame se recolherá o material para o discernimento. Seis são os passos que o autor apresenta para fazer a oração de discernimento. Apresentamos aqui brevemente cada uma delas a fim de facilitar a compreensão.³³

²⁹ SCHIAVONE, 2008, p. 29.

³⁰ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática Dei Verbum (DV). In: Santa Sé. Concílio Ecumênico Vaticano II- Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 179.

³¹ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA. Pastoral Vocacional. **Texto base do IV congresso vocacional do Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 76; nº 103.

³² FRANCISCO, 2018, p.82; GeE 175.

³³ RUPNIK, 2008, p. 63.

1º) Escolher um lugar: É preciso escolher um lugar que facilite a oração. Um lugar delimitado ajuda a manter o foco, pois muitas novidades possibilitam distrações que não ajudam no discernimento. A posição do corpo também é importante e deve ser considerada: não se pode separar a corporeidade da espiritualidade.

2º) Formar um desejo para a oração, O que se quer com essa oração? Os mestres da oração aconselham a escolher o tema da oração no dia anterior à oração. Ao saber o que rezar a fim de esclarecer alguma realidade, a oração fica mais frutuosa e não se perde tempo com uma oração desorganizada e sem finalidade.

3º) Fazer uma oração absoluta: Esquece-se do que se está procurando encontrar, deixando livre o espaço para que Deus possa dizer o que ele quer. É preciso esquecer o ponto 2 para entrar no ponto 3, se isso não for feito, corre-se o risco de querer determinar os movimentos de Deus. Nessa fase da oração é preciso abrir-se para que o Espírito reze. Orígenes recorda que a oração do cristão é a oração do Espírito Santo.

4º) Meditar um texto bíblico: este é o núcleo da oração: nesse ponto se tem contato com algum texto bíblico, que será lido e relido com atenção, simpatia e respeito. Após uma leitura profunda, foca-se em algumas palavras ou expressões que o texto oferece e que chama atenção. Reza-se no próprio interior essas palavras, de modo que o Espírito pode ir trabalhando enquanto se vai repetindo as palavras de Deus. De tempo em tempo, parar, e sentir o que essas palavras provocam no próprio ser. A cada palavra suscitada, anote-se no caderno nem que seja uma só palavra. Nessa fase, as tentações e distrações devem ser incluídas na oração, pois querer afastá-las só as torna mais evidentes.

5º) Agradecer: agradecer a Deus por tudo o que aconteceu, e concluir com uma oração, que pode ter a inserção de algum santo de devoção.

6º) Examinar a oração: Para o discernimento, esse é o aspecto mais importante. Aqui se recolhe o material para discernir. Trata-se do momento em que é preciso colocar no papel tudo aquilo que o sujeito sente que Deus quis dizer. Em seguida, procurar identificar quais são os sentimentos que tais palavras fazem afluir.³⁴

O exame da oração serve para que, de hora em hora, vejamos por meio de quais pensamentos o Espírito fala ao coração e por meio de quais sentimentos Deus suscita seus pensamentos. A

³⁴ RUPNIK, 2004, p. 63-71.

pessoa também percebe melhor onde opõe resistência, onde estão seus apegos, suas teimosias e seus deleites sexuais. Pelo exame se consegue também vislumbrar os possíveis enganos e, por isso, somos nós mesmos que, de hora em hora, de oração em oração, podemos melhorar a atitude e a estratégia da oração.³⁵

Tendo feito a oração, pode surgir um questionamento em relação à forma de se utilizar os exames da oração. Basicamente, deve-se pegar essas anotações e discernir o que durante a oração vem de Deus e o que vem do inimigo. Com esse material se pode ver como o Espírito age em cada indivíduo e quais são os pensamentos que devem ser seguidos. O que se deve seguir e o que se deve evitar, de modo que aos poucos vai-se obtendo um conhecimento de si mesmo sob o aspecto espiritual.³⁶

1.2.2 O imperativo ético no processo de discernimento

O discernimento da vocação não se resume somente nesta relação e processo de escuta. Desde o primeiro congresso vocacional do Brasil³⁷, entende-se a vocação como algo que engloba o ser humano como um todo. Desse modo, ao se falar de discernimento, é preciso compreendê-lo a partir de diversos prismas.³⁸

É por isso, necessário perceber o imperativo ético que está por detrás de todo processo de discernimento. Não há possibilidade de ouvir o chamamento de Deus trancado no escuro e no silêncio. Ali será possível construir uma relação com o divino, mas ainda não é um discernimento completo. Para o discernimento avançar, é preciso sair de si mesmo. Em uma espécie de segundo movimento, mantém-se a relação com Deus e volta-se o olhar para o mundo, a comunidade, o irmão. O processo de

35 RUPNIK, 2004, p. 72.

36 RUPNIK, 2004, p. 74.

³⁷ O primeiro congresso vocacional do Brasil foi realizado dos dias 1 a 5 de setembro de 1999, em Itaiaci, Indaiatuba (SP), com o tema: "Vocações e Ministérios para o Novo Milênio". Disponível em: <http://www.rogate.org.br/dia_dia.html> Acesso em: 08 jun. 2020

³⁸ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA, **Vocação e Discernimento**: Texto base. Brasília: CNBB, 2018, p. 33; n° 34.

discernimento é também um caminho de autoconhecimento. E o ser humano se conhece na medida em que vai ao encontro do outro.³⁹

Nota-se que muitas vezes, no processo de discernimento, esse aspecto não é levado tão a sério. Pensa-se que seja suficiente a preocupação com a dimensão espiritual. Com certa frequência tende-se a esquecer as exigências da natureza humana, assim como foi criada por Deus. Mas o Deus do diálogo, da eleição e da aliança não aniquila a história humana. Pelo contrário, é nos fatos e acontecimentos que formam a sua trama que Ele manifesta o seu desígnio e propósitos salvíficos.⁴⁰

Sem dúvida, a dimensão espiritual é importante, dado este que já foi aqui esclarecido. O que se quer dizer aqui, é que não basta somente pedir a Deus na oração para que ele mostre o caminho, é preciso também caminhar e ver a resposta para além de si mesmo. O fato é que o ser e o agir devem ter consonância: não se pode pedir a Deus para mostrar o caminho quando ao mesmo tempo não se sai para caminhar.⁴¹

Esta ‘saída para caminhar’ significa estar atento aos sinais que Deus coloca no mundo. É preciso cuidar para que o discernimento não seja uma alienação que afasta da principal fonte de resposta em nosso discernimento: o outro. Nesse sentido, a dimensão espiritual deve estar vinculada estritamente à dimensão vivencial. “Quando vivemos em sintonia com o Espírito de Deus, nossa existência se torna sensível aos gritos da humanidade. Por detrás deles, conseguimos perceber com clareza a voz de Deus Trindade que nos chama e nos envia a uma missão.”⁴²

Entende-se aqui a importância de se ter um compromisso comunitário. A vocação vai amadurecendo na medida em que existe doação, de acordo com os dons que o Espírito Santo suscita. A participação na comunidade e na sociedade não são coisas secundárias na

39 OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Teologia da vocação**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 119.

40 OLIVEIRA, 1999, p. 121.

41 MOSCONI, Luis. **Dar um sentido verdadeiro à vida**: O maior desafio do Ser Humano. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 222.

42 OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Nossa resposta ao amor**, Teologia das vocações específicas. Loyola, São Paulo: 2001, p. 198.

espiritualidade vocacional. Ao contrário, é uma necessidade do discernimento ir ao encontro dos apelos dramáticos de quem sofre, pois Cristo chama por meio desses acontecimentos.⁴³

Sem essa saída de si mesmo, o discernimento se torna tão somente uma busca de autorrealização egocêntrica, um desenvolvimento de si mesmo onde não há espaço para a solidariedade, para o serviço e acolhimento do outro.⁴⁴

A necessidade de agir, mesmo na ambiguidade da história humana, vai nos revelar que a pessoa só se realiza realmente quando se sente responsável pelo que acontece com as outras. Ninguém é feliz de verdade quando permanece indiferente, alheio ao que se passa com os seus irmãos. [...] Quem se sente chamado por Deus não pode viver isso de forma intimista, individualista. Deverá perceber que o apelo divino manifesta-se no grito de quem está sendo esmagado pela opressão.⁴⁵

Estamos inseridos na multiplicidade de relações que nos colocam em contato com os outros. O homem é um ser cuja essência é ser-com-o-outro, de modo que só pode se ter nas mãos a partir do momento em que se comunica com o outro. “O verdadeiro amor impede que nos amemos sem antes amar a Deus e sem amar os outros ao mesmo tempo.”⁴⁶ Ou seja, apenas quando se sai de si mesmo ao encontro de Deus e dos irmãos é que se consegue encontrar a própria vocação. Ninguém conhece a própria vocação estando sozinho.

Diante do convite a olhar para além de si mesmo, o discernimento adquire uma interrogação pelos sinais dos tempos. Assim como Cristo convidou seus seguidores e ouvintes a lerem os sinais dos tempos (Cf. Mt 16, 2-3), hoje convida a fazer um esforço para discernir nos acontecimentos e nas exigências da atualidade qual é o desejo de Deus para cada um de seus filhos.⁴⁷

⁴³ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Evangelho da vocação**, Dimensão vocacional da evangelização. São Paulo: Loyola, 2003, p. 145.

⁴⁴ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Teologia da Vocação**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 117.

⁴⁵ OLIVEIRA, 1999, p. 119.

⁴⁶ PIGNA, 1989, p. 17.

⁴⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. Vaticano: Não paginado; GS 1. Disponível em:

1.2.3 Dimensão psicológica do discernimento vocacional

É preciso ainda considerar os aspectos psicológicos do ato de discernir. Existem muitos aspectos que devem ser conhecidos, desenvolvidos e integrados, a fim de que se cresça na capacidade de discernir. Na realidade, entende-se que o discernimento se torna possível na proporção em que o indivíduo consegue compreender-se, e, nessa autocompreensão, abrir-se à transcendência que o chama a uma relação.⁴⁸

Trata-se daquilo que Arnaldo Pigna chama de uma visão global da própria existência, ou seja, só pode querer entender a própria vocação aquele que é capaz de abraçar a própria vida. Quem entende a própria vida como um todo, compreende como ela é efêmera, e mais que isso, percebe que é um ser relativo e ordenado para a vida eterna. Alcançar esse conhecimento de si mesmo e da própria realidade torna o caminho mais claro, pois faz o sujeito perceber que as coisas do mundo são secundárias diante da vida eterna e do chamado que Deus faz.⁴⁹

Deus ama o ser humano, e justamente por isso busca se comunicar com ele, e esta comunicação se dá com o indivíduo por completo, ou seja, em sua dimensão mais profunda. Deus sempre fala naquilo que o indivíduo é, e espera uma resposta. No entanto, quanto mais superficial for o conhecimento de si mesmo, mais difícil será para saber o que Deus fala ao próprio ser. É como se Deus enviasse uma carta e o sujeito não soubesse qual é a sua própria caixa de correspondência. Deus fala com a própria pessoa, não com seus fantasmas ou suas projeções. Deus ama a pessoa naquilo que ela é, mas para entender esse amor, precisa-se saber quem se é: eis o valor da dimensão psicológica no discernimento vocacional.⁵⁰

A psicologia ajuda justamente na autocompreensão do indivíduo, de sua história e nas interações interiores do mundo psicossomático. Não se pode pensar que basta a dimensão psicológica para um bom discernimento. A dimensão psicológica deve estar atrelada às demais dimensões já apresentadas, de modo especial à dimensão espiritual. É

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/_documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> Acesso em: 15 nov. 2019.

⁴⁸ PEDREIRA, Eduardo. Critérios pastorais para o discernimento vocacional. In: BAQUERO, Victoriano (Org). **Discernimento vocacional**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 81.

⁴⁹ PIGNA, 1989, p. 70-71.

⁵⁰ RUPNIK, 2008, p. 123.

preciso haver um diálogo recíproco entre o espiritual e o psicológico, para poder iluminar o mistério da pessoa.⁵¹

Este movimento de aproximação do próprio eu para com Deus, abre o panorama do sujeito, que passa a perceber que as suas ações não são momentâneas, mas interferem no todo da própria história. Conhecer-se leva a entender que as escolhas, por menores que sejam, constituem um passo decisivo na realização plena do “eu” para toda eternidade. Entender tal dinâmica torna o discernimento um movimento indispensável para a vida, pois se as escolhas são tão importantes, é preciso saber escolher.⁵²

Basicamente, esse entrosamento é necessário porque do mesmo modo como o Deus fala por meio da completude daquilo que se é, assim também o demônio se utiliza desse meio com a finalidade de confundir e desviar da voz de Deus. Justamente por isso que é preciso conhecer bem a totalidade daquilo que se é, e aproximar esse “eu” da dimensão espiritual. Ainda assim, quanto mais se progride no caminho do discernimento, mais o espírito tentador usa de artimanhas refinadas para nos confundir.

Com essas pessoas, o inimigo usa sua arte de disfarçar-se, agindo, porém, na psique. Propõe pensamentos conforme a pessoa: a quem é devoto inspira, por exemplo, pensamentos devotos, a quem é corajoso, pensamentos corajosos, a quem é generoso, pensamentos generosos etc. No interior desse mesmo mundo espiritual religioso, o inimigo consegue fingir orar com quem ora, jejuar com quem jejua, fazer caridade com quem dá esmolas, para atrair a atenção, entrar pelas portas da pessoa e depois fazê-la ir para onde quer levá-la.⁵³

Aqui se encontra um desafio para o sujeito que discerne: se o tentador usa dos pensamentos e das atitudes boas para desviar do caminho, como será possível discernir com clareza e sem medo? Uma saída possível é perceber que esses “pensamentos armadilha” tão logo que são aceitos já começam a produzir seus frutos, e pelos frutos é que se conhece a árvore. Ao interpretar um pensamento mau como bom, logo

⁵¹ RUPNIK, 2008, p. 124.

⁵² PIGNA, 1989, p. 72.

⁵³ RUPNIK, 2008, p. 121.

começarão a aparecer a obstinação, o desleixo, o fechamento e o fanatismo. O sinal mais revelador é, sem dúvidas, o olhar voltado só para si mesmo. Ao fechar-se e ao sair da unidade⁵⁴, fica claro que não se trata de um caminho de Cristo. Nessa altura, é preciso fazer um caminho de retorno, uma busca pelo outro e pela oração que leva à unidade.⁵⁵

Quando se trata de uma pessoa cuja psique está ferida e desconstruída, o inimigo só tem o trabalho de fazer lembrar das próprias fraquezas e incapacidade. Mostra toda feiura e gravidade, com o intuito de desencorajar aquele que quer conhecer a própria vocação. Basicamente, “se a pessoa chega a concluir que não é digna do serviço do Senhor, de estar com ele, de abraçar uma escolha definitiva na vida, continua em uma afirmação da própria vontade, que é um ato destrutivo e perigoso”⁵⁶

Tais desvios e desconstruções podem levar o sujeito a ter uma imagem de Deus que seja distorcida. O sujeito vê em Deus uma figura vingativa, atemorizadora, legisladora ou mesmo de um Deus distante. Tais imagens só atrapalham na construção de um discernimento salutar.⁵⁷ Assim, tanto em pessoas com um autoconhecimento bem construído, como em pessoas com um “eu fragmentado”, existe abertura para o Espírito. O discernimento se insere na busca pela distinção. Nessa busca, quanto mais o sujeito se conhece e está atento aos frutos de seu discernimento, mais conseguirá fazer um caminho frutuoso.

Vale a pena então, ter uma boa consciência de si, das estratificações da nossa memória psicológica, em seus pontos mais ativos, mais fortes, mais aflitos e sensíveis, para estarmos mais atentos aos pensamentos que surgem, nos quais podemos prender-nos, a quais experiências ou a quais partes do caráter podemos estar condicionados, para que possamos ser mais cautelosos, prudentes e perspicazes ao avaliarmos os pensamentos.⁵⁸

⁵⁴ Unidade como movimento contrário à desarmonia e o afastamento para consigo mesmo, para com os outros e para com Deus. Cf. RUPNIK, 2008, p. 126.

⁵⁵ RUPNIK, 2008, p. 126.

⁵⁶ RUPNIK, 2008, p. 128.

⁵⁷ MADRE, Filipe. **Vinde e vede**, o chamado de Deus e o discernimento vocacional. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 56-57.

⁵⁸ RUPNIK, 2008, p. 122.

O importante é ter consciência que o Espírito age na pessoa como um todo, considera toda a sua história, e conhece seu mundo mais do que o sujeito a si mesmo. O Espírito Santo fala a pessoas concretas, e não expropria e nem exila da própria verdade e realidade. O conhecimento de si mesmo é necessário para saber discernir quem está falando no próprio interior.⁵⁹

A dimensão psicológica e o discernimento têm certa complementariedade, pois quanto mais um deles for trabalhado, mais o outro conseguirá evoluir. Se por um lado, a organização da própria identidade permite desenvolver um discernimento abrangente e claro da própria vida, de outro lado, percebe-se que o hábito de discernir as realidades da vida ajuda no processo de autoconhecimento e compreensão da própria identidade.

Aquele que consegue construir um processo de discernimento bem estruturado, se encaminhará para a consciência de um ideal concreto. Um ideal concreto é um objetivo para o qual vale a pena viver e, também morrer caso for preciso. É um ato de decisão livre que, abarcando profundamente a pessoa na sua totalidade, a orienta de modo definitivo e direciona suas energias para um aspecto comum. A pessoa adquire unidade, dando à vida um tom de harmonia, e às ações, direção e eficácia. Sem um ideal concreto, o sujeito corre o risco de se transformar em um brinquedo dos próprios instintos ou dos outros.⁶⁰

A simbiose entre a dimensão psicológica do sujeito e o processo de discernimento fica mais clara nas palavras de Pigna:

Tal opção não é um ato isolado da vontade, mas fruto de progressiva maturação. Ela representa a definitiva conquista da própria identidade, o momento decisivo e o ponto de partida indispensável para a própria realização completa.⁶¹

É importante frisar que nem todos conseguem ter tal maturidade diante do processo da vida. O fato, porém, é que preparados ou não, em todos surgirão questionamentos sobre a própria vocação e sobre qual o caminho que se deve seguir. Diante de tal situação há três possibilidades. A primeira é a fuga, ou seja, deixar que os questionamentos fiquem

⁵⁹ RUPNIK, 2008, p. 122.

⁶⁰ PIGNA, 1989, p. 72.

⁶¹ PIGNA, 1989, p. 72.

engavetados sem buscar uma resposta. O segundo modo de tentar responder é investir em um valor humano: todo sentido da vida da pessoa é colocado em uma ideologia, uma profissão, ou em uma pessoa. O único problema é que tudo o que é humano passa e, mesmo que demore a passar, pode ainda decepcionar. A última saída, que pressupõe a fé, consiste na abertura para Deus. Fui criado por Deus, e ele espera algo de mim, e pelo discernimento é que se vai buscando compreender o que Deus quer dizer e qual é a minha vocação neste mundo.⁶²

É ainda interessante expor que, mesmo tendo encontrado no discernimento um sentido para a vida e uma vocação para a caminhada, ainda assim não se pode parar de discernir. Quando se descobre que Deus chama, percebe-se que chama sempre, porque sempre ama. Com essa consciência, entende-se que em tudo o que se faz há o chamado de Deus. Claramente, não será preciso um período longo de discernimento para cada mínima coisa que vamos fazer, mas o fato de ter esta consciência nos mostra que é preciso sempre estar atento à voz de Deus.⁶³

Ao apresentar as dimensões antropológicas para o discernimento, Victoriano Baquero coloca como um aspecto fundamental a realidade da atenção. Quando se falta atenção, deixa-se as emoções controlarem as decisões, assim como deixa o controle para a racionalidade, ou mesmo para as paixões. O problema é que sem a devida atenção, aos poucos as decisões que eram próprias do indivíduo consciente passam a ser decididas por hábitos mecânicos, que não são expressões daquilo que somos, mas de uma parte do que somos. Se é mecânico é rígido: quanto mais rígido, menos livre; quanto menos é livre, menos se consegue discernir.⁶⁴

O autor ainda apresenta a pessoa e suas dimensões através de uma analogia bastante interessante, que vale a pena trazer aqui para maior compreensão do assunto. Trata-se de uma carruagem, onde o carro são os movimentos exteriores, o cavalo são as emoções e a sexualidade, o intelecto (pensamentos e fantasias) são o cocheiro, e o dono é a consciência e a vontade.

Se todas as partes que compõem essa carruagem não estiverem de acordo, ela não irá a lugar algum. Se o cavalo (sexualidade e emoções) ir para onde quiser e comandar a carruagem, não haverá meta, e sempre

⁶² MADRE, 2011. p. 16.

⁶³ CENCINI, Amadeu. **Construir cultura vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 34.

⁶⁴ BAQUERO, 1991, p. 85.

necessitará de emoções mais fortes para se fugir do vazio. Se o cocheiro mandar, ou seja, se o sujeito deixar a racionalidade pura mandar, não se permitirá ouvir ninguém, nem a Deus, em uma autoafirmação que não deixa Deus agir. Se a Carroça mandar (Movimentos mecânicos), o sujeito sempre agirá por agir, fará por fazer, sem finalidade alguma; verdadeiro escravo do agir.⁶⁵

Há, no entanto, uma parte da carruagem que não foi elucidada, e que é a chave para todo esse desafio: o dono da carruagem. Se o dono sabe onde quer ir, ele dirá ao cocheiro, que dará ordens ao cavalo que puxará o veículo. Ou seja, quando a consciência e a vontade sabem para onde querem ir, elas darão ordem para o intelecto, que irá guiar a sexualidade e as emoções, as quais serão a força para o movimento. Basicamente, crescer humanamente é tomar consciência de quem se é. Na medida em que se descobre a si mesmo em sua totalidade, tendo uma visão global da própria existência, começa-se a descobrir onde se quer ir. Ordenar todas as realidades que existem na própria interioridade, colocando-as em seu devido grau de importância, ajudará a discernir com liberdade e coerência.⁶⁶

Diante das realidades apresentadas neste primeiro capítulo, pode-se dizer que o discernimento acontece a partir de um conjunto de relações. Na relação com Deus que acontece por meio da oração, na relação com o próximo que acontece nos acontecimentos do cotidiano e na relação consigo mesmo que se dá no processo de autoconhecimento e integração das faculdades próprias do indivíduo. Com tal consideração, se percebe que o discernimento não é uma realidade puramente transcendental e desligada do mundo, mas algo que perpassa o ser humano como um todo.

⁶⁵ BAQUERO, 1991, p. 81-83

⁶⁶ BAQUERO, 1991, p. 84.

2 A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO

A teologia sempre procura encontrar termos que se adequem àquilo que se busca refletir. Diversas vezes, se impõe a necessidade de utilizar um termo que não é comum à linguagem costumeira, para que se possa alcançar, na medida do possível, uma proximidade daquilo que quer se transmitir. Nesse sentido, no decorrer da caminhada cristã, foi necessário desenvolver alguns conceitos para determinadas realidades que apareceram. Essa realidade se fez notar de modo especial na tessitura da sintaxe trinitária, onde termos foram cunhados com a finalidade de abranger aquilo que se buscava expressar.

Não considerar essa realidade seria um descuido da parte de quem reflete. Utilizar termos coloquiais para abordar temáticas transcendentais pode levar a ambiguidades e incompreensões. Justamente por isso a tradição cristã sente a necessidade de utilizar conceitos específicos e não comumente integrados na linguagem cotidiana. O termo que será abordado nesse capítulo tem essa dimensão de especificidade. Trata-se do conceito de quênose, que apesar de não fazer parte da linguagem cotidiana, expressa uma realidade divina que toca a cada um dos seres humanos.

Quênose vem do verbo grego κενόω, que significa “esvaziar-se”, “despir-se”. Na teologia expressa o esvaziamento, o reduzir-se a nada e o estado de humilhação. Sua significação teológica se enquadra na realidade de Jesus Cristo que, sendo a segunda pessoa da Trindade, ou seja, sendo Deus, aniquilou-se assumindo a condição humana. A palavra quênose é uma herança da patrística oriental que trata da dinâmica de Deus que vem ao encontro do humano. Na teologia oriental, o conhecimento se dá pela relação, de modo que para Deus ser conhecido e conhecer o humano precisa ir ao encontro dele.⁶⁷

A quênose é o movimento de rebaixamento, escondimento ou diminuição que se faz por amor. O movimento que o Filho fez de descer e se encarnar nos aponta precisamente o que se quer dizer com movimento quenótico. A quênose é a saída de si, é o despojar-se por amor daquilo que lhe é próprio. O Filho ao se fazer carne despojou-se de sua

⁶⁷ SANTOS, Eduardo. A Descida do Deus Trindade: a quênose da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 16, n° 62, p. 111-123, Jan/Mar 2008, p. 113.

majestade e colocou-se junto dos homens abrindo mão da condição que lhe era própria, em troca de fazer-se homem pelos homens.⁶⁸

Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como Deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.⁶⁹

É a partir do hino de Filipenses 2, 6-11 que o termo quênose foi fundido. O conceito quer significar dessa maneira a saída de si mesmo sem deixar de ser o “si” mesmo. É um auto-esvaziamento em direção ao outro e para se encontrar no outro, no entanto, sem perder a própria identidade. Apesar do conceito ter sido cunhado em uma passagem cristológica, não se pode dizer que somente Jesus Cristo exerce o movimento quenótico. A quênose de Deus não acontece somente na pessoa de Jesus, ela é trinitária.⁷⁰

O momento da criação já implica no Deus Trindade um agir quenótico em relação ao seu caráter de absoluto. O Deus absoluto que a nada precisava se referir se converte em absoluto relativo. O absoluto se torna Deus, que é relacional ao ser humano. A quênose paterna acontece desde a criação, não no fato de criar, mas em seu “não ser” na criação. O Filho e o Espírito revelam o Pai, não porque ele não quer se revelar, mas porque mantém sua transcendência, afim de preservar o maior presente dado ao ser humano que é a liberdade.⁷¹

A quênose paterna se dá na retração que Deus faz para dar às criaturas um espaço autônomo, mesmo que envolvido pela presença de Deus. Tavares usa a metáfora do útero materno para elucidar tal realidade: Ao mesmo tempo que a geração do filho implica no fato da mãe reservar um espaço para que ele cresça com a devida autonomia, está envolto por todos os lados pelo corpo da mãe. De forma análoga, o criador se retrai dando lugar às criaturas, afim de respeitar-lhes a autonomia. Isso não significa desinteresse pelas criaturas, pelo contrário, aponta para o

⁶⁸ CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**. O que significam as relações trinitárias na vida em sociedade? São Paulo: Cidade Nova, 2000. p. 29.

⁶⁹ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Fil 2, 6-8.

⁷⁰ SANTOS, 2008, p. 114.

⁷¹ BULGÁKOV, Sergui. **El Paráclito**. Trad. Miguel Montes. Salamanca: Ediciones Síguime, 2014, p. 279

respeito pela liberdade dos seres criados, bem como a sua proximidade e terna presença que envolve toda criação.⁷²

Criar, implica dar às criaturas uma consistência própria, respeitando suas diferenças e sua liberdade. O Pai no ato de criar não faz uma extensão de si mesmo, como uma espécie de emanação, mas cria a partir do nada, fora de si mesmo, mas envolto por sua presença. É por tal quênose do Pai que todo ser humano é livre, e nesta liberdade é chamado a buscar o encontro com seu criador.

A quênose do Filho se apresenta naquilo que ele é. Ele se fez homem, se humilhando até a forma de ser humano ao encarnar-se. Deus-homem, entrou no mundo como Cordeiro de Deus, imolado no Gólgota, tendo como ápice de sua quênose a Cruz.⁷³

Devemos retornar ao mistério da quênose, cuja primeira consequência foi a encarnação, vindo em seguida toda a existência humana de Jesus. Enquanto de um lado, a pessoa que se rebaixa até a forma servil pertencente ao Filho divino é, por isto mesmo, a expressão de sua liberdade divina e, inclusivamente, de sua harmonia com o Pai durante sua existência de servo, do outro lado, a obediência que determina toda a sua existência é não apenas função daquilo que ele se tornou (ou seja, existência destinada à morte), mas aquilo que Ele quis ser, rebaixando-se e se esvaziando: alguém que pelo despojamento de sua ‘forma de Deus’ (e, por conseguinte, de autodisponibilidade divina), obedece ao Pai de um modo eminente e único, ou seja: de um modo tal, que sua obediência deverá representar a tradução quenótica de seu amor filial e eterno para com o Pai.⁷⁴

A quênose de Jesus tem seu cume na cruz, mas esse amor pleno não se dá somente por ela. A quênose se mostra desde a encarnação e perpassa todo seu ministério público. Portanto, em Jesus se pode ver, sentir e vivenciar o Deus quenótico. O Pai continua sendo o princípio da ação quenótica de Deus, mas é no Filho que se dá sua plena realização.⁷⁵

⁷² TAVARES, Sinivaldo. **Trindade e criação**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 200.

⁷³ BULGÁKOV, 2014, p. 279.

⁷⁴ BALTHASAR, H. U. O evento Cristo. In Feiner, Johannes. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 58–59.

⁷⁵ SANTOS, 2008, p. 116.

É importante salientar ainda, que a quênose não se refere somente àquilo que se renuncia, mas também àquilo que se assume. Dessa forma, falar em Deus quenótico é afirmar não somente seu autoaniquilamento, mas também uma busca por sincronizar-se com a existência finita, vivendo sob as limitações desta criatura para compartilhar das mesmas violências e sofrimentos que o humano precisa passar.⁷⁶

Este capítulo não tem a pretensão de analisar a quênose das três pessoas da Trindade, mas pretende compreender o movimento quenótico de uma só pessoa, isto é, do Espírito Santo. Contudo, fizemos essa breve introdução com o intuito de apresentar a realidade quenótica e demonstrar que se trata de uma realidade presente nas três pessoas da Trindade. Assim, é também algo que concerne ao Espírito Santo. Deste ponto em diante, a pesquisa será direcionada para compreender como o Espírito Santo age de modo quenótico. Para tal tarefa, iniciaremos a busca de evidenciar a compreensão da pessoa do Espírito Santo nas Sagradas Escrituras, procurando captar nessa manifestação, aspectos de um movimento quenótico.

2.1 REVELAÇÃO QUENÓTICA DO ESPÍRITO SANTO NA SAGRADA ESCRITURA

Logo no início do decreto *Ad Gentes*, afirma-se que “não há dúvida que o Espírito Santo já atuava no mundo antes de Cristo ser glorificado”.⁷⁷ Assim, o Espírito não iniciou sua missão no dia de Pentecostes, dia em que encheu os discípulos do Senhor. Este dia foi um acréscimo de sua grandeza, pois os patriarcas, os profetas, os sacerdotes, e todos os santos que viveram antigamente foram robustecidos pela santificação desse mesmo Espírito.⁷⁸ Este dado foi endossado pela tradição da Igreja de

⁷⁶ RIBARIC, Sergio Alejandro. **O silêncio de Deus**: Segundo Hans Urs von Balthasar. 155p. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 97.

⁷⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. Vaticano: 1965. Não paginado; AG 4. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html> Acesso em: 26 mai. 2020.

⁷⁸ S. Leão Magno, Sermão 76: PL 54, 405-406. Apud: CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; AG 4.

forma mais concreta no símbolo de Constantinopla, que ao abordar o tema do Espírito Santo professa: “Ele que falou pelos profetas”.⁷⁹

Isso não significa que o Espírito tenha sido compreendido sempre de modo igual. A compreensão do Espírito pelos homens foi se enriquecendo com o passar do tempo, de modo que desde o processo de formação do povo de Israel até os dias de hoje o Espírito se manifestou e essa manifestação não passou despercebida. A revelação do Espírito sempre aconteceu, o que mudou foi a compreensão desta manifestação por parte do ser humano. Por mais que a forma de entender o Espírito seja distinta no decorrer da história, pode-se dizer que cada uma das percepções enriquecem o conhecimento sobre o Espírito Santo e acrescentam aspectos novos à bagagem de conhecimento já obtido.

O objetivo dessa parte do trabalho é compreender o entendimento que se tem da manifestação do Espírito Santo na Sagrada Escritura, buscando encontrar nesse processo de descoberta aspectos que são próprios do movimento quenótico. Se há no Espírito uma dimensão quenótica, tal dimensão precisará revelar-se junto àquele que a possui. Ou seja, na medida em que o Espírito se revela, ele revela todas as suas dimensões, de modo que, se há no Espírito uma dimensão quenótica, ele a revelou em sua própria manifestação.

2.1.1 Antigo Testamento

No Antigo Testamento, utiliza-se 378 vezes o termo *Ruah*, que é traduzido para o grego como *Pneuma*, cujo significado pode ser sopro, respiração, vento, ar, alma. Das vezes em que o termo é utilizado, pode-se dividir em três blocos de significado quantitativamente parecidos. Primeiro é a ideia de *Ruah* como sopro do ar, o vento; depois, há uma quantia de vezes em que o termo é usado como princípio da vida, respiração; por fim, é também usado como força vinda de Deus, de onde ele age e faz agir. É preciso fazer tal distinção, pois o Antigo Testamento usa da ideia de sopro para diversas circunstâncias, e são atribuídos ao sopro do espírito (de modo geral) as mais diversas realidades, desde um simples vento até a algum espírito mal vindo do Senhor. No entanto, percebendo esta multifacetada compreensão, torna-se possível tomar

⁷⁹ PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. **Dicionário Teológico**: O Deus cristão. São Paulo: Paulus. 1988, p. 173.

somente aquilo que interessa a esta pesquisa, isto é, o Espírito que é sopro de Deus, que age e faz agir, produzindo efeitos no mundo pelo seu poder.⁸⁰

Poucas são as vezes que se utiliza o termo “Santo” para designar o Espírito. Um exemplo desse uso se faz no salmo 51 onde se diz: “Ó Deus criai em mim um coração que seja puro, renovai um espírito firme em meu peito; não me rejeiteis para longe de vossa face, não retireis de mim o vosso santo Espírito”.⁸¹ Ainda que seja usado tal termo, deve-se entender que muitas vezes ao falar de Espírito Santo, o Antigo Testamento queria falar de Deus que é Santo. De modo geral, o Antigo Testamento expressa pouco o valor da santificação, e quando fala no Espírito-Sopro, quer falar daquele que faz agir a fim de realizar os desígnios de Deus na história.⁸²

De certo modo, essa forma ambígua de falar do Espírito já aponta para a dimensão quenótica da terceira pessoa da Trindade. Como já visto, a quenose é um escondimento que se faz por amor. O Pai se esconde por amor a seus filhos, o Filho se rebaixa ao fazer-se homem, para os homens salvar. O Espírito Santo por sua vez se revela encobrendo sua própria grandeza, se mostra sem chamar atenção, de modo que os homens, mesmo depois de terem experienciado a sua presença, permanecem sem o compreender claramente.

O Espírito desce no mundo, mas sua pessoa dissimula-se na sua própria epifania. Ele manifesta-se apenas nos seus dons e nos seus carismas. O grande mistério cobre-o. As suas imagens na escritura são imprecisas e fugitivas: sopro, chama, perfume, unção, pomba, sarça ardente.[...] O teu nome, tão desejado e constantemente proclamado, ninguém poderia dizer aquilo que ele é.⁸³

Na Santíssima Trindade, Pai e Filho, como visto, exercem sua dimensão quenótica sempre tendo um objetivo em vista. O Pai se esconde para dar liberdade à criatura, o Filho se rebaixa por amor e para salvar a

⁸⁰ CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas. 2009, p. 17-19.

⁸¹ Sl 51, 12-13.

⁸² CONGAR, 2009, p. 20.

⁸³ EVDOKIMOV, Paul. **O Espírito Santo na tradição ortodoxa**. Trad. José Luiz de Almeida Monteiro. São Paulo: Ave Maria, 1996, p. 86.

humanidade. Já pudemos observar que o Espírito também tem uma dimensão quenótica em sua revelação e, assim como o Pai e o Filho, deve possuir também um objetivo em sua quenose. Tal desígnio será evidenciado no decorrer da pesquisa.

O Espírito era tido como uma força que realiza efeitos e suscita experiências de vidência, profecia, transe, inspiração, liderança entre outras. É uma influência de Deus sobre o homem que coloca em cena o próprio homem assegurando a realização dos desígnios de Deus para o seu povo. Esta presença do Espírito fica explícita no livro dos Juízes, de modo que, diversas vezes se reafirma a cooperação do Espírito naqueles que são colocados como juízes. O Espírito esteve sobre Otoniel (Jz 3,10), revestiu Gedeão (Jz 6, 34), estava sobre Jefté (Jz 11,29), impeliu e penetrou na pessoa de Sansão fazendo-o realizar grandes feitos (Jz 14, 6 e 14, 19).⁸⁴

É no último dos juízes e no primeiro dos reis que a compreensão do Espírito começa a tomar um novo sentido, isto é, em Saul. Deixando para trás a ação repentina e insólita do espírito-sopro sobre a ação do ser humano, passa a ter uma nova perspectiva que vem a se solidificar com Davi.⁸⁵

É com Davi que algo de definitivo começou, cuja continuidade seguimos através da profecia de Natã (2Sm 7), da profecia de Isaías: “Um ramo sairá da cepa de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. sobre ele repousará o Espírito do Senhor” (Is 11, 1-2). Até Jesus, “Filho de Davi”, como o atestam a genealogia de são Mateus e aquela que são Lucas (3, 31) coloca após o relato de seu Batismo.⁸⁶

Com essa nova perspectiva, abre-se o livro dos profetas. A Tradição da Igreja considera o Espírito Santo como “aquele que falou pelos profetas”, justamente pelo fato de os profetas serem porta-vozes daquilo que Deus tinha a dizer para o povo que passava por tempos difíceis. Nos períodos conturbados é que o profeta anuncia a libertação e um futuro de esperança. Em meio a diversos dramas prediz Isaías, que o Espírito do Senhor irá repousar sobre o rebento que brotará das raízes da

⁸⁴ CONGAR, 2009, p. 21-22.

⁸⁵ MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1983, p. 305.

⁸⁶ CONGAR, 2009, p. 22.

cepa de Jessé. “Espírito de sabedoria e discernimento, espírito conselho e de valentia, espírito de conhecimento e de temor do senhor.”⁸⁷

Mais que perceber o impulso dado pelo Espírito ao profeta, é perceber a compreensão que o próprio profeta tinha do Espírito. A profecia fala do Messias, que receberá do Espírito todos os dons necessários para reinar de forma justa. O Espírito é o impulso da vida e da atividade. É o Espírito quem fala pelos profetas, direcionando o povo para a santidade e para a justiça. Mesmo diante do exílio e da perseguição, o profeta é impulsionado a ser porta-voz do Espírito que reanima o povo, de modo que os ossos secos tornam a ter vida através do sopro enviado por Deus (Ez 37). Assim, todo sofrimento que o povo viveu na época do exílio dá forma à compreensão de Espírito-sopro de Deus que purifica os corações, penetrando e santificando o seu povo.⁸⁸

Entende-se, desse modo, que o objetivo do Espírito em agir de modo quenótico parece estar voltado para a ação do próprio ser humano. O Espírito não busca revelar-se em plenitude manifestando seu esplendor, tampouco fazendo o Reino de Deus acontecer sem a participação da humanidade. Na criação, o Espírito é a força de ser e o doador de vida, mas é a força de ser e de vida própria da criação. O Espírito se limita à sua própria ação na criação, em conformidade com a condição desta. “A desmesura da plenitude se reclusa em uma medida própria do incompleto.”⁸⁹ Não quer dizer que o Espírito não possa se revelar, mas que ele o faz gradativamente, respeitando os limites do humano.⁹⁰

De certo modo, cada etapa do povo de Deus vai transformando o entendimento acerca do Espírito. Nos patriarcas e nos juízes era como um sopro de Deus que faz agir; nos profetas é entendido como o Espírito que vivifica, purifica e ajuda a superar os desafios. Essa gradual compreensão fica ainda mais clara nos livros sapienciais. A literatura sapiencial tem, dentro do processo de assimilação da Pessoa do Espírito Santo, um papel fundamental.

A literatura sapiencial possui uma reflexão sobre a sabedoria que a aproxima do Espírito “quase identificando as duas realidades, ao menos consideradas em sua ação”.⁹¹ A sabedoria possui aspectos que aproximam do Espírito: ela procede de Deus; possui uma difusão

⁸⁷ Is 11, 1-2.

⁸⁸ MACKENZIE, 1983, p. 304-305

⁸⁹ BULGÁKOV, 2014, p. 279-280.

⁹⁰ BULGÁKOV, 2014, p. 279-280.

⁹¹ CONGAR, 2009, p. 27.

universal (Sb 1,7 e 8,1); conduz os homens de acordo com a vontade de Deus; e tem uma força interior de transformação.⁹²

As duas realidades são identificadas de várias maneiras: A sabedoria possui um espírito (Sb 7,22b) ou ela é um espírito (Sb 1,6), ela age sob a forma de um espírito (Sb 7,7b). [...] ela exerce uma função cósmica universal, ela suscita profetas, ela se faz guia da humanidade, depois do povo eleito, ele aparece enfim como a grande mestra interior as almas. A assimilação indica em muitos pontos que a sabedoria aparece antes de tudo como uma sublimação da função exercida pelo Espírito no Antigo testamento. E isso explica por que certos Padres da Igreja a consideraram uma prefiguração, não do Verbo, mas do Espírito Santo.⁹³

Um último aspecto muito importante indicado pelos sapienciais é a personificação do Espírito. Não se trata mais de uma força advinda de um terceiro, mas é algo próprio e com existência em si mesmo. Uma grande quantidade de escritos rabínicos fala do Espírito como alguém que fala, que chora, se alegra e consola. Por vezes tais escritos falam do Espírito falando com Deus, o que o coloca como uma outra pessoa, e não somente uma emanção ou uma energia.⁹⁴ Desse modo, “o Espírito Santo é uma realidade divina enviada por Deus e que age com certa autonomia, no quadro dos limites postos pela vontade de Deus”.⁹⁵ Não é ainda possível dizer que exista uma definição do Espírito como Deus no Antigo Testamento. Trata-se do próprio Deus, não em sua pessoalidade, mas sim na relação com a criação. O Espírito tem desse modo um sentido relacional, mas ainda não há clareza no sentido pessoal.⁹⁶

Pode-se afirmar que a caminhada do povo respectiva ao Antigo Testamento desenvolveu o entendimento da pessoa do Espírito Santo. Esse processo permitiu reconhecer desde o início, o modo quenótico do Espírito Santo agir. Como foi possível notar, o próprio processo gradual

⁹² FERNÁNDEZ, Aurélio. **Teologia dogmática**. Madri: Fareso. 2009, p. 356-357

⁹³ LARCHER, C. Estudos sobre o Livro da Sabedoria. Paris, 1969, p. 329-414. Apud: CONGAR, 2009, p. 27.

⁹⁴ CONGAR, 2009, p. 29.

⁹⁵ CONGAR, 2009, p. 29.

⁹⁶ PIKAZA, 1988, p. 307.

de reconhecimento da pessoa do Espírito demonstra seu modo quenótico de ser. Ademais, no próprio movimento de esconder-se para que o ser humano pudesse ir ao encontro de Deus, (movimento este que se percebe nos reis, profetas, nos livros sapienciais), aponta para a quênose do Espírito, que não quer revelar a si próprio, mas leva o ser humano em direção ao encontro de Deus. O Espírito em sua grandeza se faz pequeno e escondido, para que o ser humano em sua pequenez possa ir ao encontro de Deus.⁹⁷

2.1.2 Novo Testamento

Como se fez notar, o Antigo Testamento foi local da revelação do Espírito. Mesmo que de modo abscondito, ainda assim é possível entrever a manifestação do Espírito. Entender o modo como o Espírito se manifestou no Antigo Testamento ajudará na investigação de sua manifestação no Novo Testamento. O Catecismo da Igreja Católica ajuda na compreensão de tal realidade de passagem, demonstrando uma evolução no entendimento da Trindade à medida em que se deixam revelar.

O Antigo Testamento proclamava manifestamente o Pai e mais obscuramente o Filho. O Novo manifestou o Filho e fez entrever a divindade do Espírito. Agora, porém, o próprio Espírito vive conosco e manifesta-se a nós mais abertamente. Com efeito, quando ainda não se confessava a divindade do Pai, não era prudente proclamar abertamente o Filho: e quando a divindade do Filho ainda não era admitida, não era prudente acrescentar o Espírito Santo como um fardo suplementar, para empregar uma expressão um tanto ousada [...] É por avanços e progressões "de glória em glória" que a luz da Trindade brilhará em mais esplendorosas claridades.⁹⁸

O Espírito Santo, no que se refere à sua manifestação no Novo Testamento, não é uma realidade homogênea, mas sim diversificada. Contudo, mesmo diante da diversificada abordagem, tem um núcleo

⁹⁷ BULGÁKOV, 2014, p. 281.

⁹⁸ NAZIANZENO, Gregório. **Oratio**. 31. Apud: CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. n. 684.

comum que é a referência cristológica.⁹⁹ Pode-se dizer que a compreensão do Novo Testamento acerca do Espírito Santo se desenvolve na medida em que Jesus toma consciência de sua missão. Conforme Jesus ia crescendo em sabedoria e graça, com o respaldo das profecias, salmos e acontecimentos, dá a conhecer o Espírito que o habita.

O batismo de Jesus tem um papel fundamental nesse processo, pois é no seu batismo que se esclarece à Jesus, e também àqueles que lhe eram próximos qual a sua missão, revelando conjuntamente a pessoa do Espírito Santo. Trata-se de uma união que concentra na pessoa de Jesus todos os dons que foram concedidos pelo Espírito no decorrer de todo o Antigo Testamento. Deste modo, na pessoa de Jesus se entende que o Espírito sempre agiu na história do povo de Deus, e que com a vinda de Jesus a forma de manifestar-se do Espírito não tem uma ruptura, mas uma continuidade mais rica e mais esclarecida.¹⁰⁰

Diante disso, não se pode entender que foi somente no batismo que Jesus foi escolhido por Deus, pois além de ser uma ideia adocionista, também seria contraditória ao dado bíblico. “Não se pode separar a função reveladora soteriológica de Cristo daquilo que foi constituído desde o princípio.”¹⁰¹ O batismo de Jesus é uma plena tomada de consciência por parte dele, de ser aquele que “o Pai consagrou e enviou ao mundo” (Jo 10, 36). Ao dizer “Este é o meu filho amado, aquele que me aprouve escolher” (Mt 3, 17), não se trata de um chamado tal como o de Paulo ou de algum dos profetas, mas de uma declaração. É a confirmação da condição que qualifica Jesus naquilo que Jesus é.¹⁰²

Faz-se importante esclarecer aqui que o objetivo da pesquisa não é analisar todas as minúcias da manifestação do Espírito nas Escrituras, tampouco perpassar todas as passagens que citam a terceira pessoa da Trindade. O que se busca é entender qual a compreensão que cada momento teve da manifestação do Espírito, e dentro desse entendimento compreender a sua quênose. Assim, parece que os Evangelhos apreendem o Espírito como aquele que vem de Deus e dá os instrumentos necessários para compreender a própria missão dentro dos desígnios de Deus, desenvolvendo esta missão diante dos desafios que se apresentam. Na concepção, no batismo, e no ministério de Jesus é que se podem perceber a presença e a ação do Espírito.¹⁰³

⁹⁹ PIKAZA, 1988, p. 307.

¹⁰⁰ CONGAR, 2009, p. 36-39.

¹⁰¹ CONGAR, 2009 p. 48.

¹⁰² CONGAR, 2009, p. 35.

¹⁰³ CONGAR, 2009, p. 31.

Pode-se dizer que se percebe a presença do Espírito não pelo fato de ele querer se revelar, mas no processo de revelação do Filho. O Espírito em sua quênose não revela a si mesmo, mas revela o Filho.

Nas suas manifestações, Ele é um movimento “para Jesus”, a fim de o tornar visível e manifesto. A sua presença está escondida no Filho como o sopro e a voz que se apagam diante da palavra que eles tornam audível. Se o Filho é a imagem do Pai e o Espírito Santo a imagem do Filho, o Espírito, dizem os Padres, é o único a não ter a sua imagem numa outra pessoa, ele é essencialmente misterioso.¹⁰⁴

Se vê a presença do Espírito nos evangelhos sempre de maneira abscondita, e nunca procurando revelar a si mesmo. Na encarnação de Jesus, passando pelo seu suplício até a sua glorificação o Espírito estava presente de modo escondido, mas sempre como força e dinamicidade para a missão.¹⁰⁵ O Espírito não busca revelar a si mesmo, mas sempre o outro. “O papel do Espírito é ligar o Pai ao Filho e o Filho ao Pai, o céu e a terra, Deus com os homens, os homens com Deus e os homens entre si, por meio do amor.”¹⁰⁶

Dentre os diversos usos que se faz do termo “Espírito” nos evangelhos, a fórmula batismal em Mt 28,19 se sobrepõe de modo surpreendente, pois nesse versículo se especificam as três pessoas sob o nome. É talvez a enunciação mais explícita do caráter pessoal do Espírito no decorrer do Novo Testamento. Nas outras vezes em que Marcos e Mateus usam do termo é mais ligado à compreensão do Antigo Testamento, que não é errada, mas insuficiente dentro da busca de compreensão da revelação do Espírito.¹⁰⁷

É importante apresentar esse dado, pois a fórmula batismal é um aspecto que evidencia a reverência que as primeiras comunidades tinham para com a terceira pessoa da Trindade. Ademais, a Pessoa do Espírito Santo é colocada junto ao Pai e ao Filho, pois as comunidades percebiam, pelas palavras de Jesus, e pelos seus ensinamentos, que o Espírito era fundamental para a humanidade em sua relação com Deus.

¹⁰⁴ EVDOKIMOV, 2014, p. 86

¹⁰⁵ SANTOS, 2008, p. 118.

¹⁰⁶ KOUBETCH, Volodemer. **Da criação à parusía** – linhas mestras da teologia cristã oriental. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 97.

¹⁰⁷ MCKENZIE, 1983, p. 306.

Na medida em que os discípulos iam compreendendo que a morte e a ressurreição não eram o fim dos tempos, mas o início de algo grandioso, passaram a entender com mais clareza o que Jesus havia dito sobre deixar para eles um “outro consolador”. “A experiência do Cristo ressuscitado com os discípulos irradia a glória divina da eternidade na temporalidade e possibilita à quênose do Espírito Santo realizar nos discípulos e na Igreja a direção misericordiosa que devem tomar até a consumação dos tempos (Mt 28, 20)”.¹⁰⁸

Sua kénosis está nessa ação. Sem se mostrar, ele quer ser ponte, caminho, não chegada. Ele está escondido nas obras do criador, nas obras do Filho e nas obras de amor dos homens. E, com o Pentecostes, sua ação se torna conhecida plenamente, mas sua pessoa continua não revelada, e oculta.¹⁰⁹

Nos escritos paulinos, o Espírito é apresentado de forma recorrente. Pode-se dizer que em Paulo, a pneumatologia neotestamentária conquista um dos patamares mais elevados.¹¹⁰ O termo *Pneuma* é usado 147 vezes nos mais diversos aspectos e em referência a inúmeras realidades: o Espírito vem de Deus e chega a todos por meio da pregação. Viver no Espírito é uma realidade possibilitada pelo Batismo e por esse Espírito somos conduzidos a Deus. A vida no Espírito exige a renúncia dos desejos da carne. O Espírito é objeto da promessa feita a Abraão. O Espírito é quem concede os dons e carismas. Dele também vem o discernimento, e por fim, com bastante centralidade, Paulo apresenta o Espírito como aquele que permite uma existência cristã. São variadas temáticas que apresentam a manifestação do Espírito. Assim, dentre tantos aspectos que dão a conhecer o Espírito, pode-se entender a compreensão que havia da terceira pessoa da Trindade.¹¹¹

Em alguns momentos, os escritos de Paulo falam de *Pneuma* como dado a nós, mas totalmente relativo a Cristo, permitindo viver, conhecer e reconhecer a pessoa de Cristo.¹¹² O Espírito é aquele que faz o fiel

¹⁰⁸MEIRA, André. L. B. **A quênose trinitária como manifestação da misericórdia**. 154 p. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017, p. 110.

¹⁰⁹ SANTOS, 2008, p. 120.

¹¹⁰ PIKAZA, 1988, p. 308.

¹¹¹ CONGAR, 2009, p. 48-63.

¹¹² PIKAZA, 1988, p. 308.

confessar que Cristo é o Senhor, tal como vemos na carta à comunidade de Corinto: ninguém, falando sob a inspiração do Espírito de Deus, pode dizer: “Maldito seja Jesus” e ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor”, a não ser pelo Espírito Santo” (1Cor 12, 3). Ainda nesse sentido, em muitas passagens há uma aproximação tão grande do Cristo para com o Espírito que fica difícil de perceber autonomia ou a disparidade de uma obra do Espírito em relação à de Cristo.

Mais uma vez, o Espírito se apresenta de modo quenótico quando se considera que ele não busca revelar a si próprio, mas na alteridade de seu ser revela a pessoa do Filho. O amor quenótico do Espírito se manifesta no ocultamento em relação às outras pessoas da Trindade. Em uma espécie de autoaniquilamento, o Espírito se manifesta no escondimento. A quênose da terceira pessoa da Trindade está na renúncia da possibilidade de fazer-se notar em sua manifestação. Tal modo quenótico se mostra de tal forma que, quando nos escritos paulinos se fala do Filho e do Espírito, dá a impressão de que se fala somente do Filho.¹¹³

Na posterior reflexão trinitária, tais aproximações acabam fazendo sentido nas relações intratrinitárias, de modo que apontam a intimidade de união com Cristo. Por outro lado, é preciso encontrar aspectos que delimitem dentro nos textos paulinos a pessoa do Espírito e a forma como era compreendida pelo autor. Os exegetas em geral dizem que não há confusão entre o Senhor e o *Pneuma*. A prova é que Paulo fala do Senhor e do Espírito dentro de uma mesma perícopes, como pode ser visto em: Rm 1, 3-4; 1Cor 15, 45; Rm 8, 11. Além disso, Paulo fala de “o Espírito do Senhor”, de modo que “do ponto de vista funcional o Senhor e o seu Espírito fazem a mesma obra, na dualidade da função deles”.¹¹⁴

O Espírito em São Paulo não é uma simples força, É o próprio Deus enquanto comunicado, presente e ativo nos outros. É Deus como amor ativo em nós (Rm 5,5). Podemos ir mais longe e reconhecer nessa manifestação e comunicação trinitária de Deus indícios no sentido de uma personalidade do Espírito.¹¹⁵

Em Paulo, o Espírito passa a ser entendido de forma mais clara como uma pessoa, um indivíduo com personalidade. Chega-se a esta

¹¹³ XAVIER, Donizete José. A Kénosis da Trindade. **Cultura Teológica**, São Paulo, v. 15, n° 59. p.43-63, abr/jun 2007, p. 51.

¹¹⁴ CONGAR, 2009, p. 63-64.

¹¹⁵ CONGAR, 2009, p. 65.

conclusão quando se percebe que somente um sujeito livre e autônomo poderia exercer as atividades que Paulo coloca como sendo próprias do Espírito. Tal caráter pessoal fica bastante nítido na passagem de coríntios onde o Espírito é colocado como aquele que distribui os dons da graça “segundo a sua própria vontade”(1Cor 12, 11).¹¹⁶

Se o Espírito não se identifica com Cristo porque “é de Deus”, tampouco pode identificar-se simplesmente com Deus, porque é igualmente “de Cristo”; por isso, é necessário considerá-lo como alguém que se reveste de funções de cunho pessoal, cumpre ações e não pode ser meramente identificado com o poder de Deus ou com o de Cristo, porém, deve ser distinguido de um e de outro.¹¹⁷

Nos Atos dos Apóstolos, a função do Espírito Santo é também bastante diversificada, mas, de fato, é próprio do Espírito Santo atualizar e propagar, por intermédio do testemunho dos homens e mulheres a salvação adquirida por Cristo e em Cristo. A salvação é atribuída a Cristo, mas é o Espírito que anima os discípulos a anunciar. A comunicação do Espírito não é uma substituição do Cristo, mas uma transmissão de sua missão profética. De modo resumido poder-se-ia dizer que “Cristo transmite aos seus apóstolos a assistência do Espírito que ele recebeu no Jordão”.¹¹⁸

O Espírito de Cristo é também o Espírito da Igreja, de modo que a assistência dele para com a Igreja manifesta sua quênose. Isto é, o Espírito que no Antigo Testamento se escondia para aproximar o povo de Deus Pai; em Jesus se manifestou somente para revelar o Filho, agora, com a Igreja nascente faz da Igreja com todos os seus membros a sua morada e o lugar de sua quênose.

Von Balthasar salienta que o Espírito Santo dado como um dom a criação realiza a divinização do indivíduo, sem, no entanto, tirar aquilo que é próprio da criatura. A pessoa não deixa de ser o que é, não precisa ser algo mais, ao contrário, o Espírito se faz menor, a fim de que a criatura possa ter acesso a Deus. Pode-se afirmar, que na medida em que a

¹¹⁶ CONGAR, 2009, p. 65.

¹¹⁷ PIKAZA, 1988, p. 308.

¹¹⁸ CONGAR, 2009, p. 69

compreensão do Espírito se desenvolve, a percepção de seu movimento quenótico aumenta.¹¹⁹

Como já se fez notar, o entendimento sobre o Espírito Santo vai de modo gradual se desenvolvendo. Nos Atos, o modo de compreender a manifestação do Espírito caminha rumo à descoberta do Espírito como uma Pessoa que age no meio do povo e que tem uma relação muito próxima com Cristo.

O livro dos Atos dos Apóstolos deixa transparecer um progresso na personalização do Espírito Santo digno de nota, progresso que ultrapassa a simples personificação literária. A atribuição constante ao Espírito de uma série bem determinada de intervenções importantes na história da salvação parece indicar que ele, na prática, é concebido, como sujeito de atribuição divina e, de certa maneira, diferente de Iahweh, sem que seja colocado, por enquanto, o problema da distinção.
120

Um último bloco que do Novo Testamento merece atenção são os Escritos Joaninos, de modo especial o Evangelho de João. Isso porque, além de ser o último evangelho a ser escrito, o que pressupõe uma compreensão mais apurada da manifestação do Espírito, também traz uma visão mais detalhada do Espírito que é concedido por Jesus.¹²¹ “Aquele que Deus enviou diz as palavras de Deus, que lhe concede o Espírito sem medida” e também “ele concede o Espírito sem medida”.¹²² Na passagem da samaritana, Jesus oferece da água que é fonte que jorra para a vida eterna. Segundo Congar, trata-se do Espírito, que Jesus concede. O Espírito é, portanto, designado como aquele que dá impulso e ânimo para quem busca a vida eterna

No Evangelho de João, diferentemente dos outros evangelistas, na hora da morte de Jesus não se diz que Jesus expirou, ou rendeu o espírito. Em João se coloca: “Inclinando a cabeça, entregou o espírito”. Jesus dá o seu último suspiro e, por sua morte recebida voluntariamente, entrega o

¹¹⁹ VON BALTHAZAR, Hans Hurs. **Mysterium Paschale**: The Mystery of Easter. San Francisco: Ignatius Press, 2005, p. 297. Apud: MEIRA, 2017, p. 111.

¹²⁰ CONGAR, 2009, p. 72.

¹²¹ PIKAZA, 1988, p. 308.

¹²² CONGAR, 2009, p. 72.

espírito. Nessa passagem, além de apontar Jesus concedendo o espírito, fala também do ápice da quênose da Trindade, e, apesar de não se falar diretamente da entrega do Espírito Santo, é uma expressão da estreita ligação entre o dom do Espírito e Cristo imolado.¹²³

Quando se olha para o sofrimento de Jesus na cruz, vemos o ápice de sua quênose. No entanto, olhar para a cruz não é somente ver a quênose do Filho, mas no sofrimento e morte do Filho também acontece a quênose do Pai e do Espírito Santo. “Em toda a vida de Jesus estavam presentes o Pai e o Espírito. São inseparáveis. Em cada descida, humilhação, entrega de Jesus, o Pai e o Espírito também descem. É Deus, é a Trindade que desce, que sofre, que se humilha, que se dá pelo humano”.¹²⁴

A descida de Jesus, seu serviço, sofrimento e entrega total (auto-abandono) é a descida, serviço, sofrimento e abandono do Pai e do Espírito no Filho e com o Filho. Em analogia, a kénosis do Filho de Deus, Jesus Cristo, Segunda Pessoa da Trindade, pode-se refletir teologicamente a kénosis do Pai e do Espírito Santo.¹²⁵

O Pai se faz presente de forma quenótica na cruz. A entrega que o Filho faz de si corresponde a entrega do Pai. Sua quênose está em deixar que Cristo padecesse. “Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu filho único.”¹²⁶ É nessa entrega de seu Filho que Deus Pai mostra todo seu amor. A cruz é a história do Filho, mas é também do Pai e do Espírito. Na cruz se manifesta o coração da Trindade, e só trinitariamente pode-se entender a entrega que aconteceu na cruz. Vendo a cruz sob o prisma da Trindade faz perceber que há uma quênose e uma entrega das três Pessoas na cruz. O Filho que se entrega, o Pai que entrega o Filho, o Espírito, que é entregue pelo Filho e acolhido pelo Pai.¹²⁷

A questão é a seguinte: sendo a cruz uma realidade trinitária, Porque o Espírito estando presente no momento da cruz não se deixou ver? Porque ocultar-se em um momento de plena participação? Certamente para os olhos humanos, destreinados em aniquilar-se para

¹²³ CONGAR, 2009, p. 76.

¹²⁴ SANTOS, 2013, p. 117.

¹²⁵ SANTOS, 2013, p. 117.

¹²⁶ 1Jo 4, 10.

¹²⁷ FORTE, Bruno. **A Trindade como história**: Ensaio sobre o Deus cristão. Trad. Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 38.

revelar o outro, tal ação carece de sentido. Contudo, é próprio do Espírito Santo permanecer misteriosamente oculto “mesmo se ele age em todo momento importante da atividade divina: criação, redenção, cumprimento final. A sua função não é revelar a si mesmo, mas revelar o Filho”.¹²⁸

A cruz é o local da quênose recíproca da Trindade. Ela só se torna suportável e possível de se gloriar, quando vista como uma ação do Deus Uno-Trino e não como um abandono do Filho. O Filho não foi abandonado em sua quênose e em sua cruz, mas a Trindade estava toda presente na cruz em sua quênose. O Pai vive a sua quênose na entrega de seu único Filho, que por sua vez tem sua quênose na entrega e no sofrimento. O Espírito também está presente: “É o Espírito que deve ser entendido como Espírito da entrega do Pai e do Filho, e ao mesmo tempo é o Espírito que suscita amor para os homens abandonados e que dá a vida aos mortos”.¹²⁹

O Espírito é na cruz, aquele que se deixa entregar ao silêncio da morte e ao abandono. Com isso se faz entender que a cruz não é a morte de Deus, mas um ato que se desenrola em Deus. O Filho entrega o Espírito para que possa assumir a alteridade mais profunda do ser humano. O Espírito por sua vez se deixa entregar e é acolhido pelo Pai. “A alteridade do Filho em relação ao Pai na Sexta-feira Santa, que se consuma na dolorosa entrega do Espírito, a sua descida aos infernos na solidariedade com todos os que foram”.¹³⁰

João ainda apresenta o Espírito como a água que sai do lado aberto de Jesus, quando em seus últimos momentos na cruz é golpeado pela lança: Braun vê na água que sai do lado aberto o símbolo do Espírito e recorda a passagem em que Jesus diz: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim! Conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva”.¹³¹ O Espírito também é dado aos discípulos como dom pascal. “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio. Tendo assim falado, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo”. Nessas palavras Jesus comunica a missão que não é fácil, mas com o Espírito que anima e dá vigor, é possível.¹³² Por fim, Jesus promete outro Paráclito. Esse ponto tem importância incomparável. No

¹²⁸ SANTOS, 2013, p. 118.

¹²⁹ LADARIA, Luiz. F. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 87.

¹³⁰ FORTE, 1987, p. 39.

¹³¹ Jo 7, 37-38.

¹³² CONGAR, 2009, p. 78.

discurso de despedida, Jesus coloca o Espírito como um sujeito de ações, que dão ao Espírito características pessoais.

Se me amais, observais os meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós. [...] E minha palavra não é minha, mas do Pai que me enviou. Essas coisas vos disse estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse.¹³³

No quarto evangelho fica acentuada a personalidade do Espírito que não só é apresentado como um sujeito de ações, como também é chamado “o outro”.¹³⁴ Ainda não se pode falar de uma dogmática trinitária propriamente dita, mas sem dúvidas João aponta de forma muito precisa diversos aspectos que posteriormente serão base para toda a reflexão sobre a Santíssima Trindade. Quando Jesus fala: “rogarei ao Pai e ele vos dará um outro Paráclito”, percebe-se a relação de Jesus com o Pai e também sua relação com o Espírito que é colocado como um outro Paráclito, no sentido de uma continuidade àquilo que fez Jesus. No evangelho de João, toda caminhada de compreensão do Espírito como pessoa amadurece e toma corpo. As portas se abrem para uma posterior reflexão trinitária.¹³⁵

Para a reflexão proposta, é importante compreender que a compreensão que se adquiriu do Espírito nunca foi por que ele quis se revelar. Foi no movimento de revelar o outro, ocultando-se, que foi possível entrevê-lo em seu escondimento.

Pela quênose do Espírito Santo temos o impulso para buscar a Deus e conhecê-lo. O Espírito nos lança ao conhecimento do Filho, e pelo Filho chegamos ao Pai. Por isso ninguém pode chamar Jesus de Senhor a não ser no Espírito Santo (1Cor 12, 3) e nós recebemos este Espírito Santo, um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos Abbá! Pai! (Rm 8, 15). Sem se mostrar, ele quer ser uma ponte, não a chegada.¹³⁶

¹³³ Jo 14, 15-18; 24-26.

¹³⁴ PIKAZA, 1988, p. 309.

¹³⁵ CONGAR, 2009, p. 82-83

¹³⁶ SANTOS, 2013, p. 123.

2.2 A QUÊNULO DO ESPÍRITO SANTO ENQUANTO AMOR INTRATRINITÁRIO

Que o Espírito se manifesta de modo quenótico, isso já foi possível perceber na abordagem da Sagrada Escritura. Até este ponto, a pesquisa apresentou a forma como o Espírito foi entendido, e mais do que isso, possibilitou compreender que a sua manifestação não tem o objetivo de se exaltar ou aparecer. Muito pelo contrário, o Espírito se oculta com a finalidade de fazer o outro ser revelado. Tal movimento do Espírito recorda a passagem do Evangelho de João, onde João Batista testemunha sobre Jesus e afirma: “É necessário que ele cresça e eu diminua.”¹³⁷ Esse é o propósito do Espírito em agir de modo quenótico, possibilitar que o outro resplandeça.

Desenvolver a compreensão que as Escrituras fornecem sobre o modo quenótico do Espírito se manifestar, deve levar a um entendimento do papel do Espírito na Trindade econômica, ou seja, seu papel na criação. Como vimos, em relação ao ser humano, o Espírito age quenoticamente a fim de levar os homens ao encontro de Deus. Por outro lado, em relação ao Pai e ao Filho, o Espírito se esvazia de sua própria grandeza, para que em seu vazio possa resplandecer a primeira e a segunda pessoas da Trindade para que os seres humanos tenham a eles acesso.¹³⁸

Tendo construído tal base econômica, abre-se a possibilidade de entender melhor a Trindade em sua imanência. Karl Rahner, em seu axioma “A Trindade econômica é a Trindade imanente e vice e versa”, afirma que a Trindade se revela tal como ela é em si mesma.¹³⁹ Sendo assim, é na manifestação histórico-salvífica que se conhece Deus em sua natureza.¹⁴⁰ Portanto, para buscar compreender algum aspecto de Deus em suas relações intratrinitárias fez-se necessária toda uma construção da manifestação do Espírito na economia salvífica. Assim, baseado no que

¹³⁷ Jo 3, 30.

¹³⁸ SANCHES, Mário Antônio. Relações entre o Deus triúno e o mundo: Kênesis e o Reino. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 54, n. 2, p.230-241, jul./dez. 2014, p. 235-236.

¹³⁹ RAHNER, Karl. **Escritos de Teología IV**: Escritos recientes. Madrid: Taurus, 1962. p. 117.

¹⁴⁰ LADARIA, 2005. p. 39.

já foi desenvolvido, pode-se dizer que o Espírito se manifesta de modo quenótico na Trindade imanente tal como o faz na Trindade econômica.

Santo Agostinho em sua obra “*De Trinitate*” logo após expressar sua clareza quanto à Trindade de Deus, desenvolve através de analogias a sua compreensão no que diz respeito à Trindade imanente. O presente trabalho se deterá em uma analogia em especial, que se refere à realidade do amor. Para Agostinho, quando alguém ama, existem três realidades: aquele que ama, aquele que é amado e o amor. São três realidades, mas que formam uma só, que é o amor em si.¹⁴¹ Na obra em questão, Agostinho utiliza diversas analogias tanto do homem interno quanto do externo para tentar expor o seu entendimento acerca da Trindade. O que se busca aqui, no entanto, é captar a analogia do amor proposta por Agostinho que mais tarde será retomada por Ricardo de São Vitor.

Para o Vitorino, a pessoa do Espírito Santo é fundamental na relação intratrinitária, pois, sendo ela a terceira pessoa dentro da imanência trinitária, é quem possibilita que não exista uma relação dual, possibilitando uma relação de autêntica comunhão. A prova de que um amor é verdadeiro e perfeito é “o desejo que o amor demonstrado a um indivíduo seja, por sua vez, demonstrado a outros.”¹⁴²

Assim, são três os movimentos do amor trinitário: O Pai que entrega a si no seu amor fontal, o Filho que recebe esse amor na sua geração, e o Espírito Santo que é o fruto do amor de um e de outro, o amor culminado, ou seja, o vínculo da unidade desse encontro dialogal. Assim, o amor implica doação, em generosidade geradora (Pai), implica comunhão Filho e Pai que se encontram e dialogam plenamente e o amor comum, o Espírito Santo a quem oferecem o que compartilham, sendo diferentes um e outro.¹⁴³

Von Balthasar chamará esse movimento de “quênose primordial”.¹⁴⁴ Trata-se de um movimento de amor que transborda.

¹⁴¹ AGOSTINHO, A **Trindade**. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 2008, p. 288.

¹⁴² RICARDO DE SÃO VITOR. **De Trinitate**, III, 11. Apud: TAVARES, 2007, p. 163-164.

¹⁴³ MEIRA, 2017, p. 91.

¹⁴⁴ RIBEIRO, Clarita S. M. **Misterium Paschale**: a quênose de Deus segundo

Dentro das relações intratrinitárias o Pai se esvazia de sua condição de Pai para se encontrar no Filho sem com isso deixar de ser Pai. O Filho se esvazia de sua condição de Filho para encontrar-se no Pai sem com isso deixar de ser Filho. O Espírito Santo, nesse movimento, é o próprio amor quenótico e a relação. O Pai é o amor que se doa, é o “Amante”; o Filho é o “Amado”, pois é o amor que recebe; o Espírito é o “Amor”¹⁴⁵

Trata-se do movimento pericorético da Trindade onde “cada Pessoa saindo de si para as outras, obtém simultaneamente sua identidade a partir das outras.” Ou seja, é a comunhão e a interpenetração de vida na comunidade trinitária. O Pai existe no Filho e o Filho no Pai, e ambos no Espírito Santo como o Espírito existe em ambos.

A essência do Deus vivo é, portanto, o seu amor em eterno movimento de saída de si, como amor amante, de acolhida de si como amor amado, de retorno a si e de infinita abertura ao outro na liberdade, como Espírito do amor trinitário. A essência do Deus cristão é o amor no seu processo eterno, é a história trinitária do amor, é a Trindade como história eterna do amor, que suscita e assume e permeia a história eterna do mundo, objeto do seu puro amor.¹⁴⁶

Sumariamente, parte-se do ponto de partida de que Deus é amor, e sendo amor, manifesta-se tal como é. Deste modo, ao mesmo tempo que permite entrever a Trindade divina, também manifesta a quênose pericorética da relação intratrinitária. Por um lado, entender Deus como amor possibilita vislumbrar a Trindade, pelo fato de que pressupõe um “amante”, um “amado” e o próprio “amor” que existe entre amado e amante. Por outro lado, a compreensão de que Deus é amor leva ao entendimento de uma quênose pericorética, ou seja, um deixar de ser para que o outro seja, e para que venha a ser no outro. Isso exige um esvaziamento que é próprio do movimento quenótico, sobretudo para a

Hans Urs Von Balthasar. São Paulo, Loyola: 2004, p. 205. Apud: SANTOS, 2008, p. 114.

¹⁴⁵ SANTOS, 2008, p. 114.

¹⁴⁶ FORTE, Bruno. **A Trindade como História**. Ensaio sobre o Deus Cristão. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 141-142

pessoa do Espírito que na Trindade imanente é o próprio amor entre Pai e Filho.¹⁴⁷

Esta reciprocidade de amor é a especificidade da revelação quenótica do Espírito Santo como amor. O Espírito é o amor que reúne em si todo processo de amor: o sacrifício e a glória. Ele não revela a sua hipóstasis como acontece com o Pai e o Filho, mas perscruta cada coisa, também a profundidade e a intimidade de Deus. O Espírito não existe por si, ele é tudo nos outros, o seu ser é como um não-ser por amor e exatamente por isso é Espírito Santo. Ele é na Trindade mistério de comunhão na diversidade, um doar-se a si mesmo. É mistério de extroversão e alteridade, é quênose mesmo da Trindade.¹⁴⁸

O amante esvazia-se pelo amado e o amado esvazia-se pelo amante e por amor. E o amor é o próprio Espírito Santo. Portanto, o Espírito é, dentro da Trindade imanente, a própria quênose. É a doação total de si nas outras pessoas da Trindade. Um deixar de ser para que o outro seja. Uma negação de si para ser totalmente com o outro, uma síntese do amor intratrinitário. Assim fazendo, o Espírito não se glorifica a si mesmo, mas ao outro. Não ilumina para si mesmo, mas para revelar o amor infinito entre o Pai e o Filho.¹⁴⁹ O Espírito age de modo transparente, de maneira que não se faz notar. O Espírito “não existe para si, porque está inteiramente nos outros, no Pai e no Filho; seu próprio ser é como se fosse um não ser.”¹⁵⁰

O Espírito se dissimula do seu ser pessoa para ser a relação de amor entre o Pai e o Filho; ele é o movimento, a dinâmica, sem deixar de ser Pessoa;

¹⁴⁷ XAVIER, Donizete José. A Kénosis da Trindade. **Cultura Teológica**, São Paulo, v. 15, n° 59. p.43-63, abr/jun 2007, p. 48.

¹⁴⁸ XAVIER, 2007, p. 49.

¹⁴⁹ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. O amor escondido: Notas sobre a kenosis do Espírito no Ocidente. **Concilium**, São Paulo, v. 342, p. 54-65, 2011, p. 61.

¹⁵⁰ No existe para sí, porque está enteramente en los otros, en el Padre y en el Hijo; y su proprio ser es como si fuera un no ser” Cf. BULGÁKOV, 2014, p. 118.

é Pessoa-dom-que-se-dá. Fica abscondito, como que dissimulado na relação entre o Pai e o Filho.¹⁵¹

A quênose do Espírito Santo acontece na Trindade imanente, pois o Espírito é “antes de tudo o amor hipostático e quenótico que se manifesta escondendo-se na relação diádica entre o Pai e o Filho. É como se no interior de sua processão se perdesse a si mesmo.”¹⁵² A quênose se apresenta na terceira pessoa da Trindade com o esvaziamento de sua própria personalidade, fazendo-se transparente ante os outros. Diferente do Pai e do Filho, o Espírito Santo não revela a sua *hipóstasis* e nem a si mesmo, mas em seu escondimento se compõe o ápice do amor, pois estando a Santíssima Trindade no amor, o Espírito é o próprio amor, realizando em si, hipostaticamente, toda plenitude do amor. “Se Deus, que subsiste na Santíssima Trindade, é amor, o Espírito Santo é o amor do amor.”¹⁵³

2.3 A IMPORTÂNCIA DE PROMOVER O CONHECIMENTO DO ESPÍRITO SANTO E DE SUA QUÊNASE

Do que foi visto até aqui, pode-se entender que o Espírito age de modo quenótico tanto em sua manifestação econômica quanto dentro das relações intratrinitárias. Isso explica o porquê de o Espírito Santo ser entre as pessoas da Trindade aquele que é menos conhecido entre os homens. Em primeiro lugar porque “não há revelação objetiva da Pessoa do Espírito Santo como da pessoa do Filho-Verbo em Jesus e, por ele da pessoa do Pai”. “Para se revelar não utilizou – como *Iahweh* no Antigo Testamento e Jesus no Novo – o pronome pessoal ‘Eu’.”¹⁵⁴

Contudo, mesmo que o modo quenótico do Espírito Santo se manifestar diminua o conhecimento acerca da terceira pessoa da Trindade, algo mais parece influenciar essa ausência de conhecimento. De fato, mesmo com todo escondimento próprio do modo de revelar-se do Espírito, ainda assim é possível entrevê-lo em seu modo abscondito de manifestar-se. Assim, o desconhecimento da pessoa do Espírito Santo não é um fruto de sua quênose somente, pois tem a isso somado um outro

¹⁵¹ SANTOS, 2008. p. 114.

¹⁵² XAVIER, 2007, p. 51.

¹⁵³ “Si Dios, que subsiste en la Santísima Trinidad, es amor, el Espiritu Santo es el amor del amor.” BULGÁKOV, 2014, p. 119.

¹⁵⁴ CONGAR, 2009, p. 6.

fator determinante, que não caracteriza o seu escondimento, mas sim um certo esquecimento por parte do cristão.

O fator determinante que faz boa parte dos cristãos não conhecerem com o mínimo de profundidade a pessoa do Espírito Santo se deve, segundo Comblin ao fato de que, por bastante tempo, a teologia ocidental desinteressou-se pelo Espírito Santo e a liturgia ocidental tradicional deixou-o também marginalizado.¹⁵⁵ É uma espécie de circunstância adjacente à quênose do Espírito. O fato do Espírito agir de modo abscondido pode influenciar naquilo que se pode chamar “esquecimento”. Para evitar que tal esquecimento se torne uma problemática para a caminhada da Igreja, deve-se sempre estar atento, para que sempre se aprofunde o conhecimento acerca da terceira pessoa da Trindade. Exemplo disso é a Igreja oriental, que ao longo da história sempre buscou dar a devida ênfase ao Espírito.¹⁵⁶

Enquanto na Igreja oriental cristologia e pneumatologia sempre foram integradas, no Ocidente não aconteceu similarmente. Sobretudo após a virada constantiniana do século IV, a cristologia vai aos poucos se impondo, levando a teologia ocidental a ser acusada até mesmo de cristomonista.¹⁵⁷

Mais do que se debruçar sobre as diferenças teológicas entre Ocidente e Oriente, trata-se de enriquecer o conhecimento da terceira pessoa da Trindade. O Oriente sempre demonstrou grande sensibilidade pneumatológica e soube muito bem expressá-la em sua arte, liturgia e na espiritualidade. Esta voz que vem do Oriente já ressoa em nosso meio, e foi muito ouvida e de grande importância no processo do Concílio Vaticano II.¹⁵⁸

¹⁵⁵ COMBLIN, J. **O Espírito Santo e a libertação**, Petrópolis: Vozes, 1987, p. 9.

¹⁵⁶ CODINA, Victor. **Creio no Espírito Santo: Pneumatologia narrativa**. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 61.

¹⁵⁷ Cristomonismo: Significa centrar-se de forma unilateral e quase exclusiva no mistério de Cristo, esquecendo a dimensão do Espírito ou relegando-o a um apêndice final. Este eclipse do Espírito na Igreja ocidental, sobretudo a partir do segundo milênio, tem sido amplamente estudado e ainda que possivelmente esta afirmação tenha algo de exagerado, sem dúvida, põe o dedo em uma chaga real. CODINA, Victor. *Pneumatologia latino-americana*. **Revista Studium**, Curitiba, n. 10, p. 11-25, 2012, p. 12.

¹⁵⁸ CODINA, 1997. p. 64.

Deste lado do mundo, ou seja, no Ocidente cristão (Europa Ocidental e Américas), a pessoa do Espírito Santo ficou durante um longo tempo um tanto esquecida, e mesmo deixada de lado. O cristianismo ocidental configurou-se após o século IV e até o Século XX por uma primazia quase absoluta do Filho, segunda pessoa da Santíssima Trindade, chegando às raias de um cristomonismo.¹⁵⁹

Deixar de lado a terceira pessoa da Trindade acaba mutilando a revelação de Deus. O cristianismo está baseado na experiência do Espírito Santo. Sem o Espírito, “o fato Jesus não teria gerado o fato cristão, e tampouco o cristianismo teria podido deixar de ser uma seita pequena e clandestina, sair da sinagoga e ganhar o mundo, como Igreja de judeus e gentios”.¹⁶⁰

Sem o Espírito Santo, Deus está distante; Jesus Cristo fica no passado; o evangelho é letra morta; a Igreja, uma simples organização; a autoridade, um despotismo; a missão, uma propaganda; o culto, uma mera recordação; o agir, uma moral de escravos. Porém, no Espírito (...) Cristo ressuscitado se faz presente aqui e agora; o evangelho é poder de vida; a Igreja significa a comunhão trinitária; a autoridade é um serviço libertador; a missão, um novo Pentecostes; a liturgia, um memorial e uma antecipação; o agir humano é divinizado.¹⁶¹

Deus é trino, e cada uma das pessoas da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, enriquecem a vida cristã com os dons e os carismas próprios de sua personalidade e de sua ação peculiar na história. Exagerar a relação com uma das pessoas e menosprezar ou esquecer outra pessoa pode fazer o cristão perder a característica trinitária da fé cristã. O

¹⁵⁹ BINGEMER, 2011, p. 54.

¹⁶⁰ BINGEMER, 2011, p. 54.

¹⁶¹ I. HAZIM, *La Réssurrection et l’homme d’aujourd’hui*, 42 Irénikon (1968) 344-359. Apud: CODINA, Victor. *Pneumatologia latino-americana*. **Revista Studium**, Curitiba, n. 10, p. 11-25, 2012, p. 14.

equilíbrio é o ponto que deve ser procurado, levando à certeza de uma espiritualidade humanamente integrada e integradora.

Quando o cristão deixa de buscar a pessoa do Espírito, surge uma lacuna em sua vida, falta dinâmica, interioridade, carisma. O espaço que fica quando se esquece o Espírito tende a ser preenchido. Nesse sentido, o Ocidente buscou uma substituição da presença do Espírito e de tudo o que ela traz consigo. Os “vazios do Espírito” foram remediados por outros elementos teológicos na Igreja Latina.¹⁶²

Existem três grandes temas ou realidades teológicas que na prática da vida de fé suprem a ausência da pneumatologia. A Virgem Maria, a Eucaristia e o Papa.¹⁶³

Não se trata de excluir as realidades citadas ou deixá-las de lado. O que se está querendo afirmar não é a necessidade de substituir completamente tais realidades pelo Espírito Santo, mas trata-se de reconhecer que a relação dessas realidades teológicas com o Espírito Santo ficou muito esquecida e empobrecida sobretudo antes do Concílio Vaticano II.¹⁶⁴

Das três realidades citadas (Papa, Eucaristia e Maria), Codina afirma que, sem dúvida, a figura que mais supriu na fé do povo a dimensão do Espírito foi Maria. Por um lado, essa busca surge como uma resposta pelo interesse de conhecer o Jesus histórico, mas também como uma forma de compensar a imagem de Deus excessivamente dura e severa. A imagem da mãe apresenta ao povo a figura de bondade, de misericórdia e de mediação. Imagens que correspondem à pessoa do Espírito Santo.¹⁶⁵

A isto se acrescenta, especialmente na América Latina, o desejo de compensar a imagem de Deus severa e dura, ligada à condenação. [...] Uma imagem mais próxima, doce, materna e misericordiosa. Maria converte-se, assim, na advogada e intercessora diante do juízo de Cristo ou do Pai. [...] Maria apresenta o rosto materno de

¹⁶² CODINA, Víctor. **O Espírito do Senhor: força dos fracos**. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 111.

¹⁶³ BINGEMER, 2011, p. 59.

¹⁶⁴ CODINA, 2019, p. 113.

¹⁶⁵ CODINA, 2019, p. 114.

Deus, sua compaixão, dá-nos a vida da graça, leva-nos a Jesus, é vida, doçura e esperança nossa.¹⁶⁶

O problema não está em valorizar Maria e afirmar a presença do Espírito na Santa Mãe de Deus. O desafio está em se atribuir a Maria aquilo que é próprio do Espírito, fazendo-a ocupar o lugar do próprio Paráclito. Dentro de uma perspectiva quenótica mal compreendida corre-se o risco de tal equívoco. A Santíssima Virgem é plena do Espírito Santo, e, sendo o Espírito Santo quenótico em sua manifestação, ao olhar para Maria se vê a plenitude da vida no Espírito, mas sem com isso ver a própria pessoa do Espírito Santo. Tal hipótese não tira a responsabilidade de cada cristão em refletir e promover sempre mais a pessoa do Santo Espírito.

Junto com Maria, outras duas realidades são colocadas, o Santíssimo Sacramento e o Papa. Juntas, elas formam as três realidades brancas, ou três brancuras. Segundo Congar, foi 'Ph. Pare' quem primeiro falou das três brancuras como realidades substitutivas do Espírito Santo. Não se trata de uma substituição completa, pois se assim fosse, o presente trabalho não teria como ser feito, pois faltariam referências. Não se pode negar, no entanto, que tais realidades obscureceram o conhecimento acerca da pessoa do Espírito.¹⁶⁷

Com o intuito de exemplificar a forma como tal substituição acontece na prática, trazem-se aqui citações de Scheeben e Mermillod respectivamente, que deverão elucidar aquilo que se quer dizer:

A Eucaristia, Maria e a Santa Sé são as ligações principais pelas quais a Igreja é estabelecida, mantida e mostrada como a verdadeira, total, firme e viva comunhão com Cristo.¹⁶⁸

Aquilo que é próprio do Espírito Santo acaba sendo atribuído a outras realidades. A não compreensão do modo quenótico do Espírito ser e agir leva a esse tipo de desordem. Não considerar a quênose na revelação do Espírito provoca uma transferência das funções próprias do Espírito para outras realidades.

¹⁶⁶ CODINA, 2019, p. 115.

¹⁶⁷ CONGAR, 2009, p. 209

¹⁶⁸ Ph. PARE. The doctrine of the Holy Spirit in the Western Church. p. 102. Apud: CONGAR, 2009, p. 209.

Há três santuários: a manjedoura, o Tabernáculo e o Vaticano. Há três realidades “falta palavra” Deus, Jesus Cristo e o Papa. O que pretendemos? Dar-vos Jesus Cristo na Terra.¹⁶⁹

Como se fez notar, são dadas a outras realidades aquilo que é próprio do Espírito Santo. Nas citações acima se percebe que sequer o Espírito é lembrado onde na verdade ele deveria ter papel central. Por um lado, não aparecer é algo próprio do Espírito. Interessar-se demais no Espírito vai contra aquilo que o próprio Espírito deseja. “Se o Espírito está de fato dizendo: ‘olhe para eles, não para mim’ então a insistência em se concentrar nele acaba frustrando e não promovendo aquilo que ele deseja realizar em nós”¹⁷⁰ Assim, o Espírito de fato não quer ser o centro das atenções, mas isso não significa que deva ser esquecido. Maria, a Eucaristia e o Papa são extremamente importantes para a Igreja, mas não substituem a terceira pessoa da Trindade. A quênose do Espírito Santo deve fazer com que se veja em toda Igreja a sua beleza e os seus dons, sem, no entanto, esquecer-se do próprio Espírito Santo.

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja ocidental se voltará para a eclesiologia pneumática tão rica e profunda que marcou os primeiros séculos de história da Igreja. Nesse retorno, se busca superar o esquecimento pneumatólogico e suas consequências negativas. “A teologia pós-conciliar refletirá sobre a pneumatologia privilegiando algumas categorias teológicas como a quênose, a libertação, a antropologia e a graça. Mas sempre inserindo o pensar pneumatólogico dentro do pensar trinitário.”¹⁷¹

O Concílio será um exemplo de tal abertura ao Espírito. Diversos observadores no Concílio eram orientais, o que ajudou a enriquecer e promover a realidade pneumatólogica nos textos conciliares. O Espírito é colocado sempre em relação com Cristo, evitando assim um cristomonismo, bem como um pneumacentrismo. Cabe agora a todo povo cristão fazer com que as letras do Concílio se façam vida na caminhada da Igreja.¹⁷²

No mesmo sentido, na carta encíclica de Leão XIII, *Divinum Illud Munus*, percebe-se esse resgate pela realidade pneumatólogica na Igreja.

¹⁶⁹ J. Friedrich, 1987, p. 587. Apud CONGAR. 2009, p. 210.

¹⁷⁰ SMAIL, Tom, **A pessoa do Espírito Santo**. Trad. José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1998, p. 34.

¹⁷¹ BINGEMER, 2011, p. 59.

¹⁷² CONGAR, 2009, p. 221-224.

No número treze da carta, o Papa exorta que deve-se promover o conhecimento e o amor do Espírito Santo. Aponta que muitos não conhecem o Espírito Santo e sequer ouviram dele falar. Outros ainda, já ouviram falar do Espírito Santo, mas é uma fé superficial, que pouco conhece a terceira pessoa da Trindade. Todo cristão deve buscar conhecer melhor o Espírito Santo, entender a importância de amar o Espírito Santo, porque ele é Deus, e também porque ele é o primeiro e eterno amor substancial.¹⁷³

O Espírito sempre se revelou, desde o início do mundo ele constantemente se revela, mas sua revelação não acontece com a finalidade de fazer-se conhecer. O desejo do Espírito não é aparecer, ser visto. O Paráclito não quer ser o centro das atenções, mas quer, no entanto, apontar para o outro. Revelar a pessoa do Pai e do Filho, revelar os desígnios de Deus em meio ao Povo, revelar os carismas e os profetas. Enfim, o Espírito revela toda a beleza da Trindade e os diversos dons da Igreja, mas faz tudo isso sem revelar a si mesmo. O convite a conhecer o Espírito significa valorizar a sua presença, mesmo que abscôndita, reconhecendo sua grandeza silenciosa e seu amor quenótico.

¹⁷³ LEÃO XIII. *Encíclica **Divinum Illud Munus***. Vaticano: 1897. Não paginado; DIM 13. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_09051897_divinum-illud-munus.html> Acesso em: 01 jun. 2020.

3 A QUÊNOSE DO ESPÍRITO SANTO NO DISCERNIMENTO VOCACIONAL

A partir de tudo aquilo que foi desenvolvido até o presente ponto, é possível concluir duas coisas: O discernimento é uma realidade que acontece na relação entre o homem e Deus, e pressupõe um encontro com Deus através da oração, um encontro com o outro nas mais diversas relações e um encontro consigo mesmo no processo de autoconhecimento. A segunda conclusão é relativa à pessoa do Espírito Santo. A terceira pessoa da Trindade se revela de modo quenótico, ou seja, não busca aparecer, mas, pelo contrário, revela-se ocultando a si próprio, buscando levar o outro ao encontro e à revelação.

O objetivo deste trabalho, e de modo especial deste capítulo, é tentar encontrar as relações existentes entre o modo quenótico do Espírito se manifestar e o discernimento vocacional em seus distintos aspectos. Parte-se aqui de toda a base construída nos capítulos anteriores, de modo que se entende que o Espírito Santo sempre esteve inserido nas relações da Trindade com a criação. Ainda, parte-se do pressuposto de que em todo discernimento vocacional há a busca de saber no interior do próprio indivíduo que discerne, qual é o chamado que Deus faz, e que esse chamado implica uma relação, um diálogo que acontece entre Deus que chama e o ser humano que é convidado a responder.

Para estabelecer tal reflexão, parece fundamental entender o modo como o Espírito Santo pode, em sua quênose, estabelecer a relação com o ser humano. Sem dúvida, o segundo capítulo muito ajudou na constatação de que o Espírito Santo age no interior de todo homem. Tendo entendido como que o Espírito age, procurar-se-á identificar e desenvolver quais os modos em que esse agir acontece, buscando, dentro desse movimento as devidas relações para com o discernimento vocacional, em suas relações com Deus, com os outros e consigo mesmo.

3.1 O ESPÍRITO SANTO NO HOMEM

Como visto em todo desenvolvimento acerca da manifestação quenótica do Espírito Santo nas Escrituras, foi possível perceber que a terceira pessoa da Trindade sempre se fez presente no meio do povo. Ademais, em tal manifestar-se, nunca o fez revelando a si mesmo de modo direto, mas através de pessoas. Daí que a fé de todo católico afirma

do Espírito Santo: ‘Ele que falou pelos profetas’.¹⁷⁴ Deus habitava no meio de seu povo, seu Espírito era ativo e estava presente naqueles que realizavam suas obras: reis, profetas e fiéis piedosos o serviam fielmente. Deve-se acrescentar, que essa revelação do Espírito no Antigo Testamento difere de sua revelação na Nova Aliança. “O Espírito não é concedido nem revelado na Antiga Aliança nas mesmas condições que na Nova, a da encarnação e de Pentecostes”.¹⁷⁵

No Antigo Testamento o Espírito é uma força que se apodera dos indivíduos em momentos particulares. O Novo Testamento por sua vez já apresenta o Espírito como aquele que desceu sobre Jesus e permaneceu com ele. Não se trata mais de um auxílio em um momento determinado, mas uma presença constante na vida de quem o abriga. Ainda, a presença do Espírito vai além da presença na pessoa do Filho, mas é dado a toda humanidade para ser também nela uma presença constante. Era, no entanto, preciso que o Filho fosse glorificado, para então comunicar o Espírito aos homens. Assim expressa João em seu evangelho: “Ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado.”¹⁷⁶ É a afirmação de que “a Páscoa-glorificação de Cristo inaugurou um regime novo através da comunicação do Espírito aos homens”.¹⁷⁷

Isto não quer dizer que o Espírito não existia no Antigo Testamento. Segundo Congar, é preciso entender a revelação do Espírito como uma progressão do entendimento do povo no decorrer da caminhada. A grande passagem se dá na pessoa de Jesus, que tira todo empecilho do caminho que leva ao conhecimento do Espírito Santo. O fato de Jesus precisar ser glorificado para recebermos o Espírito Santo passa pela descida de Jesus à mansão dos mortos resgatando toda humanidade, dando a ela essa possibilidade de viver no Espírito assim como o próprio Jesus viveu.¹⁷⁸

A graça dos justos da Antiga Aliança não atingia seu ponto final, a glória corporal e espiritual: Era preciso que a paixão e morte de Cristo tirasse os

¹⁷⁴ SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, J. **História dos dogmas**, O Deus da salvação, Séculos I-VIII – Tomo 1. São Paulo: Loyola, 2002, p. 112.

¹⁷⁵ CONGAR, Yves. **Ceio no Espírito Santo**, Ele é senhor e dá a vida- Tomo 2. Trad. Euclides Martins Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 103.

¹⁷⁶ Jo 7, 39.

¹⁷⁷ CONGAR, 2010, p. 106.

¹⁷⁸ CONGAR, 2010, p. 109.

obstáculos da *Reatus Poenae*¹⁷⁹ provindo do pecado de natureza¹⁸⁰

Nesse mesmo sentido, Leão XIII na *Divinum Illud Munus* afirma que “a comunicação do Espírito Santo feita depois de Cristo é muito mais abundante.”¹⁸¹ Esta abundante comunicação só pode ser entendida quando se parte da revelação do Mistério Pascal. Se por um lado Jesus anuncia um novo consolador na quinta-feira santa, na sexta-feira de sua Paixão e no domingo da Ressurreição ele dará o Espírito Santo a toda humanidade como um dom através das feridas de sua crucificação.¹⁸² “O Espírito Santo, que é dentro da Trindade imanente a Pessoa-Dom, é dado aos apóstolos e à Igreja de uma maneira nova mediante o Mistério Pascal de Cristo e, por intermédio deles, à humanidade e ao mundo inteiro.”¹⁸³

A história de Deus com o ser humano não acaba quando Jesus morre na cruz, mas continua com o Espírito que se coloca na história humana. Depois que Jesus experimentou o abismo do abandono, não deixará os homens abandonados, não deixará a humanidade sozinha, mas entregará o seu Espírito que permanecerá para sempre.¹⁸⁴ Não se trata deste modo de uma presença qualquer do Espírito, mas de sua habitação

Com efeito, segundo o Evangelho de São João, o Espírito Santo é-nos dado com a vida nova, como Jesus anuncia e promete no dia solene da festa dos Tabernáculos: «Quem tem sede, venha a mim; e beba quem crê em mim. Como diz a Escritura, “do seu seio fluirão rios de água viva”. E o Evangelista explica: «Jesus dizia isso referindo-se ao Espírito,

¹⁷⁹ *Reatus poenae* é o estado de pecado em que uma pessoa está sujeita à punição.

¹⁸⁰ CONGAR, 2010, p. 109.

¹⁸¹ LEÃO XIII. **Carta encíclica *Divinum Illud Munus***, Sobre a presença e virtude admirável do Espírito Santo. 1897. Não paginado; DIM. 9. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_0_9051897_divinum-illud-munus.html> Acesso em: 27 jul. 2020.

¹⁸² JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Dominum et Vivificantem***, 1986. Não paginado; DV. 24. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html> Acesso em: 08 jun, 2020.

¹⁸³ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 23.

¹⁸⁴ REHBEIN, Franzisca. C. **Experiência do Espírito**: Experiência do compromisso. São Paulo: Loyola, 1981, p. 58.

que haveriam de receber os que n'Ele acreditassem¹⁸⁵

A presença do Espírito na vida dos seres humanos não é, portanto, uma reflexão posterior da Igreja ou uma dedução desenvolvida, mas é um anúncio do próprio Jesus que na última ceia, antes de deixar este mundo anunciou aos apóstolos do seguinte modo: ¹⁸⁶ “Tudo o que pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Eu pedirei ao Pai, e ele vos dará um outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da verdade.”¹⁸⁷

A Igreja, portanto, instruída pelas palavras de Cristo, indo beber à experiência do Pentecostes e da própria «história apostólica», proclama desde o início a sua fé no Espírito Santo, como n'Aquele que dá a vida, Aquele no qual o imperscrutável Deus uno e trino se comunica aos homens, constituindo neles a nascente da vida eterna.¹⁸⁸

Muitas outras passagens do Novo Testamento contribuem para o entendimento dessa questão. São Paulo em sua carta à cidade de Corinto afirma: “Acaso não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”¹⁸⁹ Noutro trecho da mesma carta Paulo exorta: “Ou acaso não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que está em vós e que vos vem de Deus, e que vós não vos pertenceis?”¹⁹⁰ O Apóstolo lembra que seus destinatários não estão sobre o domínio da carne, mas sobre o domínio do Espírito que neles habita. O tema da habitação aparece diversas vezes em Paulo, predominando a ideia de estabilidade e de firmeza indestrutível, uma relação definitiva de aliança e de comunhão com Deus.¹⁹¹

Esta presença escondida de Deus em cada pessoa não se exaure na revelação bíblica. O Espírito Santo continua inserido na criação. Ele age

¹⁸⁵ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 1.

¹⁸⁶ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 3.

¹⁸⁷ Jo 14, 13. 16 s.

¹⁸⁸ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 1.

¹⁸⁹ 1Cor 3, 16.

¹⁹⁰ 1Cor 6, 19.

¹⁹¹ CONGAR, 2010, p. 113.

universalmente nos seres humanos¹⁹², de modo que “o amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo, que nos foi dado.”¹⁹³ Esta presença se faz perceber no decorrer da história em tantos místicos, que em seus escritos e testemunhos descrevem a própria experiência de ser templo do Espírito Santo.¹⁹⁴

Importante frisar que esta habitação não é algo que o Espírito Santo faz sozinho, ou seja, não é uma ação separada do Pai e do Filho. Dizer isso equivale à afirmação de que a encarnação é uma obra somente do Filho assim como a sua ressurreição. O Pai faz todas as coisas pelo Verbo no Espírito, e assim é salvaguardada a unidade da Trindade.¹⁹⁵ “Tudo o que é realizado, seja para nossa providência, seja para o governo do Universo, é realizado pelos Três, sem por isso ser triplo.”¹⁹⁶

Nossa renovação é de certa maneira a obra da Trindade toda [...]. E se parecemos atribuir a cada uma das Pessoas algo do que vem até nós ou do que é feito em relação à criatura, cremos entretanto que tudo se faz pelo Pai, passando pelo Filho no Espírito Santo.¹⁹⁷

Isso não quer dizer que cada uma das pessoas divinas não tenha uma identidade singular. Há uma marca hipostática de cada Pessoa, de modo que não é como se o Espírito desenhasse em nós a essência divina, mas ele próprio se imprime, como na cera, nos corações daqueles que o recebem. Esta vinda acaba sendo o fundamento para o retorno do homem

¹⁹² Leonardo BOFF. **A Trindade e a sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1987, 3a. Ed. (Coleção Teologia e Libertação) p. 253.

¹⁹³ Gl 4, 6; Rm 5, 5.

¹⁹⁴ Esses místicos descrevem uma experiência espiritual que supõe um dom absoluto, na fé e no amor, um abandono total a Deus, à sua ação, às suas inspirações, de modo que se realiza aquilo que São Paulo testemunhava: não sou mais eu que vivo, mas é o Senhor que vive em mim. A união espiritual e a habitação das Pessoas divinas estão juntas, quase que indistintas. CONGAR, 2010, p. 115

¹⁹⁵ CONGAR, 2010, p. 127

¹⁹⁶ São Gregório de Nissa, (PG 45, 125c). Apud: CONGAR, 2010, p. 128.

¹⁹⁷ CIRILO de Alexandria, In Ioan. lib. X, c. 2 (PG 74, 337). Apud: CONGAR, 2010, p. 128.

no Espírito, pelo Filho, ao Pai. O retorno de igual modo é uma obra conjunta dos divinos três.¹⁹⁸

Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abbá! Pai! O próprio Espírito se une ao nosso Espírito para testemunhar que somos filhos de Deus.¹⁹⁹

Salvando a comunidade de ação das três pessoas, é ao Espírito Santo que se atribui esta presença divina na humanidade. O fundamento desta presença é o amor, pois é o amor a autocomunicação de Deus aos justos, pela qual permanece neles e mora em seu interior. Esta presença é o que confere a dignidade de filho de Deus, que participa de sua própria vida. A alma que tem consciência desse divino hóspede pode ouvir sua voz próxima e penetrante, a dialogar com ela. É um imenso dom que Deus concede às almas nesta vida, isto é, autocomunicar-se a elas e permitir que elas tenham consciência dessa presença divina.²⁰⁰

Como brevemente exposto no parágrafo anterior, esta divina habitação nos confere a dignidade de filhos de Deus. O Verbo se fez homem, para que o homem entrasse em comunhão com o Verbo, e deste modo, recebendo a adoção, se tornasse um filho de Deus. A encarnação eleva a humanidade pecadora à filiação divina, que é a maior dignidade dada à humanidade.²⁰¹ Sendo, portanto, filhos no Filho, a humanidade pode assim como Jesus chamar Abbá Pai,²⁰² ou seja, ter esta proximidade filial para com o Pai.²⁰³

¹⁹⁸ CONGAR, 2010, p. 129.

¹⁹⁹ Rom 8, 14-16.

²⁰⁰ PIKAZA, 1988, p. 442-448.

²⁰¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. Vaticano: 1964. Não paginado; LG. 32. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentiumpo.html>. Acesso em: 1 jul. 2020.

²⁰² CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; GS 22.

²⁰³ KUNRATH, Pedro Alberto. Comunicação pessoal de Deus com o homem. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 39 n. 1 p. 82-93 jan./abr. 2009, p. 92.

O cristão realiza assim a sua salvação, isto é, torna-se filho de Deus, enquanto está em Cristo e é movido pelo Espírito. Por isso, a filiação vem considerada em relação ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: somos “filhos do Pai no Filho por meio do Espírito” (GS 22).²⁰⁴

Cabe agora a esta pesquisa, entender como esta habitação da terceira pessoa da Trindade no ser humano influencia o processo de discernimento de cada indivíduo. São diversos aspectos que agora devem ser reunidos, de modo que seja tirada uma conclusão que ajude a entender toda a dinâmica de chamado e resposta próprios da realidade vocacional. Nesse sentido, será preciso encontrar as possíveis relações entre a terceira pessoa da Trindade que em sua quênose habita em cada pessoa, e o indivíduo, que em sua busca vocacional deseja responder ao chamado e, que a cada passo procura encontrar aquele que chama.

3.2 DISCERNIMENTO E QUÊNOSE

Percebendo a presença do Espírito na vida de cada indivíduo, começa-se a compreender a forma como este mesmo Espírito ajuda cada ser humano em seu discernimento vocacional. Isto é, quando se compreende que o Espírito habita o ser humano, e que esta habitação se dá de modo quenótico e com o objetivo de conduzir cada pessoa ao Pai, chega-se ao entendimento de que o Espírito habita cada um dos seres humanos de modo abscondito, para que estes possam ir de modo livre e consciente ao encontro de Deus, respondendo ao chamado vocacional dirigido a cada indivíduo.

Todo o entendimento que se buscou acerca da presença do Espírito Santo no homem, foi feito tendo em vista a relação que começa a se estabelecer. Isto é, só é possível entender a participação do Espírito no discernimento vocacional quando há um entendimento de que o indivíduo pode ter em si a presença do Espírito Santo, e, ao mesmo tempo, saber que o Espírito Santo em sua quênose faz-se pequeno, condescendente à realidade humana. O Espírito se despoja de sua grandeza, para que se faça pequeno tal como é o homem em relação a Deus, para que o homem em

Disponível em: <<https://core.ac.uk/reader/25530516-related-papers>> Acesso em: 08 mai. 2020.

²⁰⁴ KUNRATH, 2009, p. 92.

sua pequenez possa ir ao encontro da grandeza de sua vocação, bem como ao encontro do próprio Deus.²⁰⁵

Esta permeabilidade da matéria ao Espírito tem como condição a condescendência criatural do Espírito Santo, sua quênose na criação. A criatura tem já por sua constituição, o Espírito de Deus, é pneumatófora, ainda que esta ‘pneumatoforia’ conhece para ela sua própria medida. E nesta medida já está incluída a potência de ser da própria criatura.²⁰⁶

É justamente por essa presença do Espírito que o espírito do homem amadurece e se fortalece. Em decorrência da comunicação divina que acontece pelo Espírito Santo, há o encontro do espírito humano que conhece os segredos do homem, com o Espírito de Deus que conhece as profundezas do próprio Deus.²⁰⁷ No Espírito, Deus se abre ao homem, ao espírito humano. O sopro escondido do Santo Espírito faz com que o indivíduo possa se abrir também a Deus. “Pelo dom da graça, que vem do Espírito Santo, o homem entra numa vida nova, é introduzido na realidade sobrenatural da própria vida divina e torna-se habitação do Espírito Santo, templo vivo de Deus”.²⁰⁸

Apesar disso, uma lacuna se evidencia. Se o Espírito habita em cada um dos seres humanos e abre o espírito humano ao encontro do Espírito de Deus, porque ainda se desconhece sua Pessoa? Ou seja, mesmo que o Espírito se faça presente de modo quenótico, ainda assim se faz presente. Como esta presença do Espírito pode passar despercebida, e de que modo pode existir um escondimento quenótico sendo que o Espírito atua diretamente?

O modo mais comum do Espírito Santo se revelar é através da quênose. Mesmo que sua habitação e a ligação estabelecida com o ser humano sejam diretas, ainda assim o Espírito consegue ser discreto, isto é, quenótico. Só se pode falar em quênose na medida em que se entende a ação de Deus como um elemento criativo.

²⁰⁵ BULGÁKOV, 2009, p. 280.

²⁰⁶ BULGÁKOV, 2009, p. 281.

²⁰⁷ 1Cor 2, 10.

²⁰⁸ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 58.

O Espírito de Deus não anula a própria criação, ele não destrói o homem e a dimensão espiritual de sua vida. Pois não é necessário que Deus, para se revelar aos homens, destrua o mundo criado em sua bondade essencial. Não se deve entender a atuação do Espírito divino como destruição da estrutura da vida humana.²⁰⁹

A realidade é que o Espírito entra em tão profunda união com o ser humano, que não se torna possível distinguir as próprias realizações das realizações do Espírito. É uma dimensão importante para compreender a busca por discernir a própria vocação, ou seja, a realização existencial do mistério trinitário na vida.²¹⁰ O Espírito que vem ao encontro da humanidade não é como alguém que busca algum lugar para morar, e tendo encontrado, derruba a casa e reconstrói exatamente conforme o seu gosto. O Espírito habita no lar que cada indivíduo dispõe, de modo que depois de estabelecida a morada, vai progressivamente iluminando tudo aquilo que a morada pode vir a ser. O Espírito não impõe, mas propõe. “Não é uma realidade em si, mas uma realidade em nós.”²¹¹

O Espírito não age de modo externo apontando ao ser humano o caminho a seguir. Ao contrário, no horizonte das consciências e do mais profundo do coração humano está o Espírito,²¹² presente de modo íntimo e inefável nas almas, como que em seu templo.²¹³

Ao comunicar-se no Espírito Santo como dom ao homem, transforma o mundo humano, a partir de dentro, a partir do interior dos corações e das consciências. Neste caminho, o mundo, participante do dom divino, torna-se, como ensina o Concílio, cada vez mais humano, cada vez mais profundamente humano, ao mesmo tempo que, nele, vai amadurecendo, através dos corações e das consciências dos homens, o Reino no qual Deus será definitivamente “tudo em todos”, como dom e como amor.²¹⁴

²⁰⁹ BRANDT, Hermann. **O Espírito Santo**. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 150.

²¹⁰ REHBEIN, 1981, p. 56.

²¹¹ REHBEIN, 1981, p. 59.

²¹² JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 67.

²¹³ LEÃO XIII, 1897, não paginado; DIM 10.

²¹⁴ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 59.

Ao perceber que o Espírito Santo age a partir do próprio ser humano, e não como um agente externo, evidencia-se a relação direta de tal manifestação para com a realidade vocacional. Pois, se o Espírito age sem interferir na liberdade humana, isso possibilita ao homem realizar por sua própria força e pela graça de Deus o discernimento de sua vocação. Só o Espírito pode operar a mudança, mas de tal modo que permanecem intocadas a dignidade e a responsabilidade da pessoa. Trata-se de um novo ser a partir do Deus criador e do encargo pessoal do indivíduo.²¹⁵

Deste modo, o Espírito que habita em cada um não quer fazer com que o homem seja direcionado a partir de dentro como uma manipulação ou de fora tal como uma marionete. O Espírito que está na pessoa quer verdadeiramente manifestar-se no seu próprio ser, mas de modo que não interfira na liberdade e na consciência do ser humano.²¹⁶ “Deus não age no homem como um ser estranho, introduzindo nele realidades que não lhe são próprias. [...] A ação do Espírito Santo, [...] é percebida pelo homem como sua própria verdade.”²¹⁷

O Espírito tem como característica ser o “amor que revela os outros e se revela pelos outros.”²¹⁸ A quênose do Espírito Santo possibilita ao homem ser ele mesmo em sua busca de Deus e da própria vocação, pois se conforma e se limita às condições do humano. Assim, a quênose do Espírito Santo abre a possibilidade de o indivíduo ouvir a voz de Deus e responder com liberdade e consciência a este chamado.²¹⁹

A admirável ação do Espírito nas almas oculta a qualquer olhar sensível,²²⁰ fala ao ser humano no íntimo do próprio indivíduo. Através de convites e avisos ocultos que na mente e no coração são sentidos pelo movimento do Espírito Santo. Tais inspirações chegam secretamente, de modo que se apresentam tais como um sussurro do vento, assim como evidenciam as Sagradas Escrituras.²²¹ Assim corrobora Tomás de Aquino

²¹⁵ FARIAS, José Jacinto. Pneumatologia e Antropologia. **Didaskalia**: Revista publicada pela Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, XXV, p. 469-503, 1995, p. 485.

²¹⁶ REHBEIN, 1981, p. 59.

²¹⁷ RUPNIK, 2008, p. 27.

²¹⁸ BOFF, 1987, p. 254.

²¹⁹ BULGÁKOV, 2014, p. 280.

²²⁰ LEÃO XIII, 1897, não paginado; DIM 8.

²²¹ LEÃO XIII, 1897, não paginado; DIM 11.

quando compara o Espírito aos movimentos do coração, que tem uma influência oculta, mas que vivifica o corpo a cada pulsação. O Espírito de igual modo une e vivifica a Igreja, mesmo estando invisível aos olhos.²²²

A presença do Espírito Santo é imprescindível no discernimento, pois como já considerado no primeiro capítulo, discernir é saber qual caminho seguir. É impraticável fazer um caminho de discernimento tendo como bússola somente a própria decisão, baseada nas sensações e impulsos, pensamentos e sentimentos que são próprios do humano.²²³ Basear-se somente pela própria subjetividade, sem abertura para o Espírito Santo levará a um itinerário de satisfação pessoal e individualismo. Estar fechado em si mesmo torna o sujeito incapaz de reconhecer os dons de Deus.²²⁴ Quando, por outro lado, existe abertura para o divino hóspede, então haverá confiança e convicção no caminho, pois o Espírito Santo é o guia supremo da humanidade, é a luz do espírito humano.²²⁵

Ao homem, criado à imagem de Deus, o Espírito Santo concede como dom a consciência, a fim de que nela a imagem possa refletir fielmente o seu modelo, que é, a um tempo, a própria Sabedoria e a Lei eterna, fonte da ordem moral no homem e no mundo. A desobediência, como dimensão originária do pecado, significa recusa desta fonte, pela pretensão da parte do homem de se tornar fonte autônoma e exclusiva para decidir sobre o bem e o mal. O Espírito que perscruta as profundezas de Deus e que, ao mesmo tempo, é para o homem a luz da consciência e a fonte da ordem moral.²²⁶

²²² *S. Th.* II q.8, al. Apud: LEÃO XIII, 1897, não paginado; DIM 11.

²²³ O discernimento é o trabalho que se faz para descobrir no íntimo do próprio ser qual é a sintonia, isto é, quais pensamentos e quais sentimentos são frutos dessa relação com Deus e quais não são. Além disso, é importante saber a quais desses pensamentos e sentimentos deve-se dedicar a vida. É preciso cultivar uma certa capacidade de decodificá-los, a fim de saber o que Deus espera de cada um. OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Antropologia da formação inicial do presbítero**. São Paulo: Loyola, 2011, p. 146-148.

²²⁴ FRANCISCO, 2018, p. 61; GeE 126.

²²⁵ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 6.

²²⁶ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 36.

Toda a busca por entender o modo como o Espírito Santo age em sua habitação no ser humano tem a finalidade de indicar a importância fundamental do Espírito no discernimento. Caso esse passo não for dado, isto é, se no processo de discernimento não se considerar o Espírito Santo, percorrer-se-á um caminho sempre incerto, imprevisível e às vezes errado. Ademais, entender a presença do Espírito Santo em cada indivíduo possibilita desenvolver cada uma das realidades do discernimento em relação à quênose. Tais realidades, já apresentadas no primeiro capítulo²²⁷ são como setas, que têm como função apontar o caminho a ser feito para ir ao encontro do chamado feito por Deus.

3.2.1 O Espírito que possibilita a oração

Dando prosseguimento à pesquisa, buscar-se-á a partir deste ponto estabelecer relações entre a quênose do Espírito e as realidades do discernimento apresentadas no primeiro capítulo. Em primeiro lugar desenvolver-se-á a temática da oração relacionada com a quênose do Espírito Santo. Falar em oração é falar em um diálogo do ser humano com Deus. Em um diálogo, sempre se faz necessária a ausência de interferências, e na oração não é diferente. A maior interferência na relação dialogal com Deus é a realidade do pecado. Não se pode falar em oração e quênose sem antes falar daquilo que pode atrapalhar a relação dialogal própria da oração. Diante disso, far-se-á necessário entender a realidade do pecado, e mais do que isso, entender como tal realidade é superada com a ajuda quenótica do Espírito Santo. Tal dinâmica própria do Espírito, é longamente refletida na *Dominum et Vivificantem* de João Paulo II. Trata-se do Espírito como aquele que conscientiza acerca da realidade do pecado.²²⁸ Esta temática será aqui desenvolvida, pois dentro dela se percebe uma ação quenótica do Espírito, sem a qual não seria

²²⁷As dimensões às quais se refere o texto são os respectivos subcapítulos da primeira parte deste trabalho. Portanto, dizer que as realidades do discernimento serão desenvolvidas significa dizer que procurar-se-á relacionar a realidade da quênose do Espírito Santo com as relações existentes no discernimento: com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Em um primeiro momento, trar-se-á presente a importância do Espírito para que exista a relação do ser humano para com Deus. Ou seja, a função própria do Espírito de conscientizar a pessoas sobre o pecado e a realidade da oração. Tal dinâmica é essencial para que entre a humanidade e a divindade exista a relação própria da vocação. Em seguida, as dimensões da ação e da interioridade psicológica serão desenvolvidas em relação à quênose do Espírito Santo.

²²⁸JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 26.

possível desenvolver uma vida de oração. Basicamente, sem a oração não é possível fazer o discernimento, de igual forma, sem tomar consciência da realidade do pecado não se pode fazer uma oração profícua.

3.2.1.1 O Espírito que conscientiza sobre o pecado

Assim como em uma caminhada, quanto mais obstáculos houver no caminho, mais difícil é caminhar, assim também acontece no processo de discernimento. O obstáculo no processo da oração e do discernimento é a realidade do pecado. O pecado não é outra coisa senão confiar somente em si mesmo. É a falta de confiança em Deus e a confiança nos próprios meios. É confiar no dinheiro, no prestígio, esperando que estas realidades tragam realização e mostrem o caminho que só Deus pode oferecer.²²⁹

A Bíblia expressa esta realidade usando a palavra carne. Carne e Espírito estão em contradição.²³⁰ A carne produz um projeto do indivíduo voltado para si mesmo, entregue aos próprios interesses. No mundo do pecado, a pessoa encarcera seu espírito dentro dos próprios horizontes, buscando realização e felicidade em projetos mesquinhos e totalmente presos ao material.²³¹ É a confusão pela qual muitos se deixam levar e diante da qual a doutrina católica procura acautelar quando afirma: Deus colocou no coração do ser humano um desejo tão grande de ser feliz, que somente ele pode preencher.²³²

No discernimento, um passo importante é saber quais realidades vêm de Deus e quais vêm do príncipe do mundo, isto é, do maligno. Discernir entre o que é o bem e o que é mal não pode ser algo feito sem a ajuda de Deus. Esse foi o erro dos primeiros pais: querer ter o conhecimento do bem e do mal, querer discernir a partir dos pressupostos individuais, fechando-se para o dom de Deus. O relato do livro do Gênesis ajuda a entender esse processo na medida em que nos mostra que só o Espírito pode apontar onde está o pecado e a graça. É imprescindível ao discernimento a presença quenótica do Espírito, pois é ele que, sem se fazer notar, mostra o caminho.²³³

²²⁹ COMBLIN, José. **O Espírito Santo no mundo**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 68.

²³⁰ 1Cor 3, 17.

²³¹ BOFF, 1987, p. 237.

²³² CATECISMO..., 2000, não paginado; CIC 1718.

²³³ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 27.

A serpente disse então para a mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como Deuses, versados no bem e no mal.”²³⁴

A serpente é o exemplo da tentação de querer discernir a própria vida desvinculando-se de Deus²³⁵. A consciência do homem deve ser o reflexo da sabedoria de Deus, um dom do Espírito, onde o Espírito age. O pecado está em negar esta fonte, na pretensão de se tornar uma fonte autônoma de decisão do que é bom e do que é mau.²³⁶

Sim, no mundo criado, Deus permanece a primeira e soberana fonte para decidir sobre o bem e o mal. [...] Ao homem, criado à imagem de Deus, o Espírito Santo concede como dom a *consciência*, a fim de que nela a imagem possa refletir fielmente o seu modelo, que é, a um tempo, a própria Sabedoria e a Lei eterna, fonte da ordem moral no homem e no mundo.²³⁷

O Espírito é quem convence o ser humano quanto à realidade do pecado. Assim, é o Paráclito quem possibilita a cada pessoa fazer o discernimento vocacional. Sem o Espírito Santo, o homem busca por seus próprios critérios saber o que é o bem e o que é o mal, e é aí que se afasta de Deus, e incorre no mesmo erro dos primeiros pais. Deus chama o homem à amizade, e mantém-se aberto ao homem convidando-o à comunhão com ele.²³⁸ “O Espírito divino leva o espírito humano a transcender-se e a sair de si mesmo. Ou seja: a presença do Espírito divino cria algo no espírito humano que este mesmo não pode criar.”²³⁹

O Espírito é quem pode levar o homem a conhecer o seu mal, e em contrapartida o orienta para o bem. Com sua septiforme multiplicidade de dons atinge todo tipo de pecado do ser humano, proporcionando ao mesmo tempo todas as graças. Portanto, o discernimento precisa do

²³⁴ Gên 3, 4-5.

²³⁵ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 36.

²³⁶ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 34-35.

²³⁷ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 36.

²³⁸ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 34.

²³⁹ BRANDT, 1985, p. 150.

Espírito, pois é ele quem ilumina as consciências, mostra a realidade de pecado, mas evidencia ainda mais a graça.²⁴⁰

E assim, o Espírito Divino, que procede do Pai e do Filho na luz eterna da santidade como amor e presente, [...] derrama a abundância de seus dons em Cristo e em seu corpo místico, a Igreja; e com sua graça e presença saudável, ele eleva os homens dos caminhos do mal, transformando-os de terrestres e pecaminosos em criaturas espirituais e quase celestes. Porque tantos e tão marcados são os benefícios recebidos da bondade do Espírito Santo, que a gratidão nos obriga a voltar-se para Ele, cheio de amor e devoção.²⁴¹

O Espírito não age senão de dentro, penetrando como que em uma unção. Faz cada pessoa experimentar a atração pelo absoluto de um modo mais forte do que é o sentimento de culpa. O Espírito faz cada ser humano ver as próprias misérias, e o egoísmo que está por detrás do pecado. Faz isso mostrando a realidade do pecado, contudo, dá maior evidência à vida nova oferecida por Deus. A convicção de injustiça e pecado surge quando vemos a beleza do caminho oposto, isto é, o caminho que leva a Deus.²⁴²

Aqui é que se faz entender a importância da consciência. Ela é um dom de Deus, que nos permite ter acesso a ele. Ela é o santuário onde a pessoa pode se encontrar a sós com Deus, cuja voz lhe fala intimamente. Essa voz que ressoa pode-se ouvir com os ouvidos do coração indicando o caminho a seguir: faça isso, evite aquilo.²⁴³ “Tal capacidade de ordenar o bem e proibir o mal, inserida pelo Criador no homem é a propriedade principal do sujeito pessoal.”²⁴⁴ O Espírito encontra-se com a voz da consciência humana ao convencer o mundo quanto ao pecado.²⁴⁵

O convencer quanto ao pecado, sob o influxo do Espírito da verdade, de que fala o Evangelho, não pode realizar-se no homem por outro meio que não seja o da consciência. Se a consciência for reta, ela

²⁴⁰ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 42.

²⁴¹ LEÃO XIII, 1897, não paginado; DIM 12.

²⁴² CONGAR, 2010, p. 170.

²⁴³ CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; GS 16.

²⁴⁴ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 43.

²⁴⁵ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 44.

servirá para resolver segundo a verdade os problemas morais, que se apresentam tanto na vida individual, como na vida social.²⁴⁶

No mundo atual, inúmeras realidades se apresentam ao ser humano. Muitos são os elementos que combatem no próprio homem. De um lado, como criatura, percebe suas limitações, mas de igual modo sente o chamado a uma vida superior. Atraído por tantos convites distintos o indivíduo se vê constringido a escolher entre eles acolhendo uns, renunciando a outros. E quantas vezes nesse momento chega a mesma conclusão de Paulo quando escreve aos Romanos: “Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero.”²⁴⁷

O ser humano encontra-se dividido em si mesmo, lutando para saber o caminho, uma luta entre luzes e trevas. Nessa luta acaba percebendo sua incapacidade de repelir os ataques do inimigo.²⁴⁸ “Mas o Senhor em pessoa veio para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo.”²⁴⁹ O Espírito é quem ilumina e faz perceber o pecado. “O homem, portanto, longe de se deixar enredar na sua condição de pecador, apoiando-se na voz da própria consciência, deve combater sem tréguas para aderir ao bem”²⁵⁰, recordando sempre que não é um trabalho que será feito sozinho, mas sempre com o auxílio da graça de Deus.

Quando age sob influência do Espírito Santo, o ser humano amadurece e é fortalecido. Quando há a abertura do indivíduo para o grande dom divinamente comunicado, o espírito humano que conhece os segredos do homem se encontra com o Espírito Santo que perscruta as profundezas do próprio Deus. Deus abre-se ao espírito humano. O sopro escondido do Espírito Santo faz com que o homem se abra para sua graça, e assim, o faz entrar em uma vida nova, tornando-se um templo de Deus.²⁵¹

Na comunhão de graça com a Santíssima Trindade dilata-se o espaço vital do homem, elevado ao nível sobrenatural da vida divina. O homem vive em

²⁴⁶ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 43.

²⁴⁷ Rom 7, 19.

²⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; GS 13.

²⁴⁹ Jo 12, 31.

²⁵⁰ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 44.

²⁵¹ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 58.

Deus e de Deus, vive segundo o Espírito e ocupa-se das coisas do Espírito.²⁵²

Só se pode falar em um discernimento vocacional mediante a consciência de que sem a presença do Espírito não se pode conhecer o bem e o mal. O fechamento à presença do Espírito em nada ajuda no discernimento, muito ao contrário, só atrapalha. A impermeabilidade da consciência faz com que o homem não consiga se entender, pois quando se fecham as portas para o Espírito Santo, estão se fechando as portas para as respostas que dão o sentido para a existência. Deus é a origem e o fim do homem, e sem o Espírito o homem não consegue se entender, pois perde o sentido de Deus, e por consequência o próprio sentido.²⁵³

Sem o Espírito, o mundo tende somente ao técnico e ao material, toma um caminho de morte e de insensibilidade. Perde-se o caráter ético do indivíduo que discerne o bem em meio ao mal, pois não há a abertura para o Espírito agir. O materialismo influencia nessa resistência, pois é um existir para morrer, onde não é possível falar em Espírito ou mesmo em vocação. Tudo acaba sendo um resultado das escolhas que são motivadas pelos desejos mundanos, não há chamado e nem resposta e aos poucos vai se perdendo o sentido.²⁵⁴

Quando com o auxílio do Espírito o sujeito liberta-se de toda escravidão do egoísmo e do apego às falsas seguranças, a relação com Deus torna-se transparente. O indivíduo se torna capaz de dirigir-se a Deus estabelecendo o diálogo próprio da dinâmica vocacional. Esta relação dialogal que se abre ao desvencilhar-se do pecado é a própria realidade da oração. A oração, tão importante para o discernimento só tem possibilidade de acontecer mediante a ação do Espírito. Além disso, mais do que a possibilidade de acontecer, é também pelo Espírito em sua dimensão quenótica que a própria oração é feita.

A consciência que o Espírito produz acerca da realidade do pecado abre o caminho de encontro do ser humano com Deus, isto é, extirpa toda realidade que impede o indivíduo de ouvir e responder ao chamado de Deus. Tal abertura à transcendência é um passo necessário para que toda ação dê fruto no processo de discernimento. Tal abertura se dá através da consciência do pecado, tomando amplitude através da oração.²⁵⁵

²⁵² JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 58.

²⁵³ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 47-51.

²⁵⁴ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 56-57.

²⁵⁵ FRANCISCO, 2018, p. 69; GeE 147.

3.2.1.2 O Espírito Santo na oração do discernimento

A oração é um aspecto imprescindível do discernimento, pois é por meio da oração que se desenvolve no indivíduo a abertura necessária, isto é, a conaturalidade que deve haver para que seja possível ouvir com clareza o que Deus fala.²⁵⁶ Trata-se da busca de conformar a própria vontade à vontade de Deus, o que não exclui a vivência ativa na comunidade. Muito pelo contrário, a oração faz com que se perceba, frente às oportunidades que a vida oferece, qual é o caminho que condiz com o Espírito Santo e qual não é condizente.²⁵⁷

O Espírito é fundamental na realidade da oração. Cada indivíduo em sua oração procura elaborar um diálogo com Deus, onde busca ouvir o que Deus quer lhe dizer, e em contrapartida busca pedir e louvar a Deus por toda a caminhada e todo discernimento. Mas como alguém que está na indecisão de sua vocação poderia de qualquer modo pedir ou agradecer? É justamente aqui que o Espírito auxilia mais uma vez no processo do discernir.

O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que devemos de pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual é o desejo do Espírito; pois é segundo Deus que ele intercede pelos santos.²⁵⁸

O conhecimento que se tem do Espírito Santo não existe porque se tem com ele um encontro face a face. Não pode ser visto em sua revelação, pois ele não se revela para que seja visto. Em vez disso se começa a conhecer o Espírito na medida em que se percebe que a capacidade humana de reconhecer e responder a Cristo e ao Pai não tem sua fonte na própria humanidade. Isso não significa que tal capacidade seja algo que vem de fora, pelo contrário, vem do mais íntimo do ser humano, do Espírito Santo que habita o seu ser. “O Espírito fica conosco, de nosso lado no encontro com o Pai e o Filho, permitindo a nós conhecê-los e confiar neles.”²⁵⁹

²⁵⁶ LIBÂNIO, 2000, p. 12.

²⁵⁷ SCHIAVONNE, 2009, p. 29 e 46.

²⁵⁸ Rom 8, 26-27.

²⁵⁹ SMAIL, Tom, **A pessoa do Espírito Santo**. Trad. José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1998, p. 33.

O Espírito é desse modo o mestre da oração, pois é ele que conduz ao Filho e ao Pai e, estando diante deles, ajuda a rezar.²⁶⁰ Em sua revelação quenótica o Espírito nunca busca revelar a si mesmo, mas sempre o outro. Na oração o Espírito faz o mesmo movimento, possibilitando à humanidade dirigir-se ao Pai e ao Filho. A oração que o ser humano faz é sempre uma oração no Espírito.²⁶¹ Conforme Efésios indica: “Em orações e súplicas, rezando sempre no Espírito. Aplicai-vos a isto com incansável vigilância.”²⁶² A oração no Espírito não é um tipo de oração que se faz em um momento e de uma forma determinada, mas deve ser toda e qualquer oração. A oração, mais do que uma obrigação que se deve cumprir, é um gracioso dom que se recebe. Não é tanto algo que deve se fazer por Deus, mas algo que Deus faz em cada um.²⁶³

Negar esta presença do Espírito seria colocar a oração como uma responsabilidade exclusiva do humano, negligenciando assim o papel do Espírito Santo. A oração acaba ficando engessada, uma exigência, uma lei, pois o Espírito não está com o sujeito que reza, mas se torna o objetivo da oração, uma finalidade distante. A oração no Espírito e com o Espírito não é somente uma tarefa exigida, mas um dom do próprio Espírito Santo. Isso não quer dizer que orações planejadas e disciplinadas sejam erradas, muito pelo contrário, são instrumentos preciosos quando vinculados ao auxílio do Espírito. O Espírito é quem permite rezar, de tal forma que se pode afirmar: “Não é que tenhamos de orar para que o Espírito possa trabalhar em nós; é porque o Espírito está em nós que podemos orar.”²⁶⁴

Conforme Comblin, a oração é inspirada pelo Espírito quando leva o orante a clamar: *Abba Pai*.²⁶⁵ Mais uma vez torna-se explícita a quênose do Espírito, agora na dimensão da oração. O desejo do Espírito está em levar o sujeito a dirigir-se ao Pai e ao Filho, e não a si próprio. Em seu escondimento o Espírito permite que os seres humanos tenham possibilidade de dialogar, pedir e agradecer a Deus. Ao mesmo tempo em que direciona cada pessoa ao encontro do Pai e do Filho, e não ao encontro de si mesmo.²⁶⁶

Na hora em que se faz o encontro da oração, é o Filho e o Pai que respondem à consciência daquele que reza. Deles se recebe e a eles se

²⁶⁰ CATECISMO..., 2000, não paginado; CIC 741.

²⁶¹ SMAIL, 1998, p. 204.

²⁶² Ef 6, 18.

²⁶³ SMAIL, 1998, p. 205.

²⁶⁴ SMAIL, 1998, p. 208-210.

²⁶⁵ Rom 8, 15.

²⁶⁶ COMBLIN, 2010, p. 103.

responde. Somente quando finda tal encontro e, por assim dizer, afasta-se e reflete-se a respeito, é que se pode tomar consciência da ação escondida e misteriosa do Espírito que possibilita tal encontro. Tal presença é essencial, e sem ela não poderia haver tal encontro. Não seria possível confessar *Abbá Pai*, ou *Kyrios*, Senhor, se não fosse pelo Espírito. O Espírito não busca iluminar a si mesmo, mas o Pai e o Filho, bem como a relação deles com cada um dos seres humanos que vão ao seu encontro.²⁶⁷ Nesse sentido, a analogia feita por Packer pode ajudar na compreensão.

Quando a iluminação é bem-feita, os holofotes devem ser dispostos de tal maneira que nós não os vejamos; de fato, não devemos ver de onde vem a luz; o que pretendemos enxergar é apenas a estrutura sob a qual incide a luz.[...] Isto ilustra bem o papel do Espírito Santo na nova aliança. Ele é, por assim dizer, o holofote escondido que aponta para o salvador.²⁶⁸

O Espírito é aquele que trabalha em cada ser humano para fazer o que este não pode por si mesmo. Livra de todos os modos de pensar que afastam de Cristo, e traz novos modos de pensar que permitem receber Cristo, ou seja, guia pelo caminho do discernimento. O Espírito na oração revela-se não como um novo objeto da consciência humana, mas como aquele que possibilita que cada um conheça e receba o Pai e o Filho.²⁶⁹

Na liturgia, as orações ao Pai, pela mediação de Cristo terminam: “Na unidade do Espírito Santo”. O Espírito é quem suscita a oração, é quem faz orar, pois conhece a Deus assegurando o acesso ao Pai. Pelo Cristo no Espírito, é desse modo que se tem acesso ao Pai, conforme se pode ver em Efésios 3,12 e em Romanos 5,2.²⁷⁰ O Espírito que habita nos corações, é ele mesmo a oração, ele é a união do indivíduo com Deus, e portanto, sua oração. Ainda é o ser humano que faz a oração, mas por uma antecipação do Deus que é “tudo em todos” é ele mesmo em cada ser humano.²⁷¹

²⁶⁷ SMAIL, 1998, p. 33-34.

²⁶⁸ PACKER, J.I. **Keep in step with the Spirit**, IVP, Leicester, 1984, p. 66.

Apud: SMAIL, 1998, p. 34.

²⁶⁹ SMAIL, 1998, p. 67.

²⁷⁰ CODINA, 2010, p. 79.

²⁷¹ CONGAR, 2010, p. 162.

Somos nós que clamamos *Abbá Pai*, (Rm 8,15) mas clamamos através dele (Espírito Santo), de modo que é também verdadeiro dizer que é ele que clama (Gl 4,6). É ele? Somos nós? Ele está tão dentro de nós, entregue nos corações, e ele é, como Espírito, tão sutil e penetrante (Sb 7, 22) que pode estar em todos e em cada um, sem violentar a pessoa, inseparável de seu movimento espontâneo.²⁷²

O lugar em que o Espírito Santo se coloca na profunda empreitada que é a oração será entendido a partir do momento em que se apreender o que é a oração. Padre L. Beinaert faz uma distinção que esclarece tal questão. Distingue ‘suplica rezada’ de ‘oração orante’. A suplica rezada é o desejo do indivíduo sendo lançado para Deus. Uma expressão dos desejos e necessidades do próprio indivíduo, desconsiderando o querer de Deus. A oração orante, no entanto, se encontra na ordem de Deus, e por isso, busca adequar a própria vontade à vontade de Deus.²⁷³ Exemplo de tal oração é Jesus no horto, quando diz: “Entretanto, seja feita a tua vontade, e não a minha.”²⁷⁴ Então Deus é reconhecido como Deus. De fato, “orar é fazer com que Deus seja Deus, não um prolongamento de nosso braço demasiadamente curto”²⁷⁵

A meta da oração é [...] desejar o desejo de Deus, isto é, desejar o que Deus deseja e deixar Deus desejar em nós. É aí que a oração se apresenta como mistério de Deus em nós e evento do Espírito, pois a função do Espírito é tanto ser o desejo de Deus em Deus quanto ser o desejo de Deus em nós. O Espírito educa nosso desejo, aprofunda-o dilata-o e ajusta-o ao desejo de Deus dando-lhe até o mesmo objeto.²⁷⁶

Mais uma vez fica perceptível o papel fundamental da quênose do Espírito para a vocação. Sem tal movimento, não poderíamos conhecer a

²⁷² CONGAR, 2010, p. 157.

²⁷³ BEINAERT. L. *La priere de demand dans nos vies d’homme*. Paris, 1966. p. 333-351 LUMEN vitae 22. Apud: CONGAR, 2010, p. 160.

²⁷⁴ Lc 22, 42.

²⁷⁵ CONGAR, 2010, p. 160.

²⁷⁶ CONGAR, 2010, p. 160.

vontade de Deus em nós, que é a nossa própria vocação. No Espírito em sua dimensão quenótica é que se torna possível orar, e fazer da oração uma experiência de entrega e ajustamento da própria vontade à vontade de Deus. Não é preciso ter medo de rezar, tampouco medo de não rezar corretamente. O Espírito Santo está ao lado daquele que reza, dando forma e inspirando a resposta dada ao Pai e ao Filho, mostrando como rezar e o que rezar. Da parte de cada indivíduo cabe estar sempre aberto ao Espírito, não caindo no pecado da autossuficiência e do egoísmo.²⁷⁷

No âmbito vocacional, a realidade da oração leva a refletir sobre a postura que aquele que discerne deve adotar para ir ao encontro de Deus. Não cabe à pessoa rezar dizendo a Deus qual deve ser a sua vocação. Não se trata de colocar em Deus os próprios anseios, pedir o que se quer sem considerar o que Deus quer. A oração no discernimento deve considerar o Espírito Santo, que em sua quênose leva cada pessoa a fazer a autêntica oração, que permite a Deus fazer a sua vontade. A vontade de Deus, por sua vez, respeita a autonomia do indivíduo, e se encontra na profundidade mais íntima do ser humano, onde está a sua vocação.²⁷⁸

Toda a reflexão concernente à vida de oração não deve levar à ideia de que se pode fazer o discernimento sem a vivência comunitária, ou seja, sem um caráter ético. O encontro e a escuta da voz de Deus possibilitadas pelo Espírito na oração devem ser buscadas também nos fatos da vida. Em sua quênose, o Espírito também participa na relação entre o sujeito que discerne e os acontecimentos do cotidiano. Quando as ações são feitas de acordo com o Espírito que habita em cada um, a pessoa se torna capaz de pensar no outro, e pensar em justiça e na paz, não somente no próprio benefício. A superação da estrutura do pecado e a vida de oração possibilitam ver o outro para além do horizonte da autorreferencialidade.²⁷⁹

3.2.2 O Espírito que faz agir

Quando, por meio do Espírito se toma consciência da realidade do pecado e se desenvolve uma vida de oração, cresce no indivíduo uma consciência conduzida de acordo com o Espírito de Deus. Essa consciência por sua vez, é o que permite ao sujeito chamar pelo nome o bem e o mal. Quando há clareza sobre o que é bom e o que é mal na consciência, esta realidade se amplia para o mundo. Tudo aquilo que se

²⁷⁷ SMAIL, 1998, p. 215.

²⁷⁸ SMAIL, 1998, p. 215-219.

²⁷⁹ COMBLIN, 2010, p. 69.

opõe à vida e constitui uma violação da integridade da pessoa humana se desvela diante da reta consciência. A busca pelo bem que se dá na consciência, agora toma a amplitude das relações e atitudes do dia-a-dia. Trata-se de “uma etapa da luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, que caracteriza toda a vida humana, quer individual quer coletiva.”²⁸⁰

O fato de o Espírito Santo fazer-se presente nas consciências jamais pode levar o indivíduo a concluir que o discernimento se faz sozinho. A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do ser humano,²⁸¹ onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa a sua voz.²⁸² A consciência alinhada ao Espírito de Deus permite, que diante das situações de pecado e maldade no mundo, sejam sentidos os impulsos do Espírito que são antagonísticos e de resistência a tais situações.²⁸³

A presença do Espírito no ser humano implica em uma saída de si mesmo, dos próprios interesses egoístas, e por outro lado, uma abertura para com os demais, superando o individualismo.²⁸⁴

Ao habitar no amor de Deus por meio do Espírito Santo que nos foi dado, somos capazes de experimentar ou perceber o que é congruente com esse amor. A sabedoria, o dom do Espírito, capacita-nos a julgar corretamente as coisas que são de Deus por causa de uma afinidade ou conaturalidade com o amor de Deus presente em nossos corações.²⁸⁵

O discernimento vocacional não evoca somente uma relação com Deus, mas é um chamado para ir ao encontro do outro, e isso só se faz possível por meio do Espírito Santo em sua quênose. “O campo operacional do Espírito Santo não é o barulho do mercado ou a gritaria da

²⁸⁰ JOÃO PAULO II, 1986, não paginado; DV 43.

²⁸¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; GS 16.

²⁸² LEERS, Bernardino. A consciência ética e o Espírito Santo. **Convergência**, Brasília: CRB, N. 311, P. 155-165, 1998, p. 156.

²⁸³ EDWARDS, Denis. **Sopro de vida: Uma teologia do Espírito Criador**. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2007, p. 268.

²⁸⁴ CODINA, Víctor. **Não extingais o Espírito: Iniciação à pneumatologia**. Trad. Paulo Ferreira. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 78.

²⁸⁵ AQUINO, Tomás. **Suma Teológica: teologia, Deus, Trindade**. (q.43, a.5, ad.3). São Paulo: Edições Loyola, 2016, p. 691.

massa, mas o silêncio dos corações, das consciências éticas em busca da verdade e da justiça”.²⁸⁶ Se desvela aqui mais uma importante relação entre o discernimento e a quênose do Espírito, pois, como se fez notar, a constitutiva realidade do discernir do caráter ético só se faz possível perante o Espírito em seu escondimento.

É pela ação que o Espírito realiza sua obra no mundo. Sua ação penetra na ação humana, potenciando-a e fazendo-a verdadeiramente criadora. Por isso o Espírito Santo se esconde; Ele revela as potencialidades humanas e cósmicas; imbui de força criadora os agentes da história e permite que eles se transformem em verdadeiros agentes e não meros repetidores e mandatários de alguém exterior.²⁸⁷

O Espírito deste modo indica o caminho ao sujeito que discerne. Ao revelar as potencialidades humanas o Espírito dá a cada um sinais sensíveis do chamado de Deus. Em humildade interiorizada, o Espírito Santo coopera, para que toda pessoa descubra o caminho do bem servir e a combater todo mal que pode afligir as pessoas, famílias e povos. Sem esta união entre o Espírito Santo e o espírito humano, corre-se o risco de trabalhar em vão.²⁸⁸

A vida do indivíduo, quando direcionada pelo Espírito Santo, se apresenta em seu agir de acordo com o mesmo Espírito. É o que diz São Paulo aos Gálatas: “Se, portanto, vivemos segundo o Espírito, caminhemos também segundo o Espírito”²⁸⁹. Também aos Romanos afirma: “Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o Espírito, as coisas que são do Espírito. [...] Vós não estais na carne, mas no Espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós.”²⁹⁰

Nesse sentido, Leão XIII na *Divinum Illud Munus* afirma que a caridade é uma nota própria do Espírito Santo e dos justos que participam desse mesmo Espírito.²⁹¹ Viver no Espírito torna-se ainda mais basililar

²⁸⁶ LEERS, 1998, p. 159.

²⁸⁷ BOFF, 1987, p. 253.

²⁸⁸ LEERS, 1998, p. 160.

²⁸⁹ Gl 5, 25.

²⁹⁰ Rom 8, 5; 8, 9.

²⁹¹ LEÃO XIII, 1897, não paginado; DIM 11.

para o discernimento, tendo em vista que a atitude de discernir precisa passar pela realidade do outro, acima de tudo do pobre e do oprimido. O lugar do discernimento é também a solidariedade com os que são oprimidos.²⁹² Importante frisar que é pelo Espírito em seu escondimento que se faz possível discernir a vocação nas atitudes e vivências.

O Espírito Criador do universo aproveita o universo todo para abrir os olhos e chamar a atenção dos seres humanos, apelar à sua responsabilidade e a sua inteligência, motivar sua coragem e fazê-los assumir a missão de colaborar para o melhor. Com os talentos que receberam todos são chamados a trabalhar na obra maravilhosa da libertação de tudo e todos os que foram criados para a felicidade.²⁹³

Ao mesmo tempo que o Espírito que habita em cada pessoa estimula a agir em favor da justiça e da caridade, abrindo os olhos para além dos próprios horizontes, ajudando no discernimento, ele também age na realidade do outro. A importância de sair de si mesmo em direção ao outro, está no fato de que o Espírito age também no outro, e nessa ação permite que o outro seja um auxílio para o discernimento de quem se aproxima. O discernimento começa quando existe abertura para a ação do Espírito, mas o aprofundamento desse discernimento acontece quando se olha para o outro, que sem saber é um valioso instrumento na descoberta da vocação.²⁹⁴

O Espírito Santo não dá a resposta pronta, pois, se assim fosse, onde estaria a liberdade? Ele usa a mediação humana das pessoas e das situações. Alguém que em sua ignorância apela por saber, alguém que está com fome e quer comer; sem coragem e precisa de apoio; errou e não sabe como agir. Os apelos abrem os ouvidos e os olhos para situações de injustiça e opressão, que acendem no coração o desejo de ser alguém melhor, de ajudar a construir o reino de Deus.²⁹⁵

Ao perceber que o outro é também um meio pelo qual Deus fala a cada indivíduo, cada sujeito deve concluir que também ele é um instrumento de Deus no processo de discernimento do outro. Se por um lado as situações externas e os outros iluminam a caminhada vocacional

²⁹² EDWARDS, 2007, p. 257.

²⁹³ LEERS, 1998, p. 161.

²⁹⁴ LEERS, 1998, p. 162.

²⁹⁵ LEERS, 1998, p. 162.

daquele que discerne, é preciso considerar que as ações e atitudes do próprio indivíduo são sinais para aqueles que o circundam.

O Espírito fala ao coração, à consciência, mas este falar não é algo abstrato e teórico. Visto que o amor de Deus pelo ser humano se revelou na encarnação e na doação de Jesus Cristo, todos são chamados a experimentar na própria vida este amor, colocando-o na doação ao Pai e aos outros. De Igual modo, a quênose do Espírito, ou seja, o despojamento de si próprio para que o outro seja, deve levar cada pessoa a viver tal despojamento.²⁹⁶ “Nisto conhecemos o amor: que ele deu a vida por nós. E nós também devemos dar as nossas vidas pelos irmãos.”²⁹⁷

O Espírito que estava em Jesus, o ‘nós’ divino e a auto-entrega divina, levando-o à total autodoação ao Pai, por nós, na cruz, imprime também à nossa existência a marca deste ‘nós’, desta autodoação. Já que o Espírito se mostrou a nós na cruz como autodoação, como autotranscendência, a experiência do Espírito e participação neste Espírito é sempre também a experiência da auto-entrega divina em nós, num duplo sentido: por Cristo em direção ao Pai e aos homens.²⁹⁸

Sair do comodismo e do horizonte do “eu” é um passo fundamental. Trancar-se nas falsas seguranças e confortos em nada ajuda no discernimento. “Bons olhos e bons ouvidos não são suficientes para a consciência ética despertar”²⁹⁹ e, em vez de cair em lamentações e visões negativas do mundo, começar a agir. A consciência ética, fruto de uma vida no Espírito e do sair ao encontro do outro, aponta o caminho do discernimento, e o discernimento aponta o caminho da vocação, que é, em última análise, a ida ao encontro de Deus e dos irmãos.³⁰⁰

Ao assumir livremente a dinâmica do seguimento, a partir de sua resposta vocacional, o discípulo coloca Cristo ao centro de sua vida, descentralizando-se, passa a oferecer o sacrifício

²⁹⁶ REHBEIN, 1981, pg. 57.

²⁹⁷ 1Jo 3,16.

²⁹⁸ REHBEIN, 1981, pg. 57.

²⁹⁹ LEERS, 1998, p. 162.

³⁰⁰ LEERS, 1998, p. 162.

da própria existência, a submissão da própria vontade à vontade de Deus em favor dos irmãos.³⁰¹

O Espírito Santo não se manifesta com a intenção de mostrar a sua pessoa, mas sempre no intuito de revelar o outro, tanto na Trindade quanto na criação. Da mesma maneira, cada pessoa é chamada a fazer o mesmo em relação às demais pessoas. Ao fazer isso, na medida em que se consola os outros, experimenta-se o Consolador, quando se ajuda o próximo, se experiencia o Paráclito; na medida em que se defende o outro, se experiencia o “Advogado”³⁰²

Deve-se dizer ainda que o agir e a consciência ética não são dons entregues prontos, assim que são pedidos ao Santo Espírito. São, na verdade frutos de uma caminhada paciente e perseverante. O Espírito é um abismo de riqueza, sabedoria e ciência, que respeita a liberdade e as capacidades de cada indivíduo, aniquilando-se em sua quênose, para que cada pessoa possa tornar seus talentos operacionais e discernir a própria vocação.³⁰³

Dentro dessa reflexão, desponta uma temática de grande riqueza, que tem relação direta com o discernimento e o Espírito Santo. Trata-se do tema dos carismas, que diz respeito tanto à temática vocacional quanto à ação do Espírito Santo. Tal tema, teve grande relevância na elaboração da *Lumen Gentium*, e sua natureza pneumatológica em muito auxilia na compreensão da temática vocacional. Ao falar do Espírito Santo afirma:

Distribui individualmente a cada um, como lhe apraz, os seus dons (1Cor 12, 11), e as graças especiais, que os tornam aptos e disponíveis para assumir os diversos cargos e ofícios úteis à renovação e maior incremento da Igreja, segundo aquelas palavras: “A cada qual se concede a manifestação do Espírito para utilidade comum.”(1Cor 12, 7).³⁰⁴

De tal modo esse tema é importante, que a oficialidade conferida pelo Concílio à redescoberta do Espírito Santo e às suas

³⁰¹ COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA, **Vocação e Discernimento**: Texto base. Brasília: CNBB, 2018, p. 33; n° 62.

³⁰² REHBEIN, 1981, p. 59.

³⁰³ LEERS, 1998, p. 160.

³⁰⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 12.

inumeráveis consequências eclesiológicas deu-se, sobretudo, através do tema dos carismas. A superação do monofisismo cristomonista redundou, no âmbito da Eclesiologia, na redescoberta da ministerialidade batismal e na consequente assunção da missão por parte de toda a Igreja.

É uma realidade extremamente relacionada com a quênose e o discernimento, pois os carismas dados pelo Espírito são, desde os mais extraordinários até os mais simples, úteis às necessidades da Igreja. O carisma se revela como a provocação do Espírito para o homem ir ao encontro da própria vocação, é um impulso para a descoberta e o discernimento do chamado de Deus.³⁰⁵

O discernimento da vocação está na atitude de cada batizado em descobrir o seu lugar dentro do Corpo de Cristo, lugar definido pelos carismas distribuídos pelo Espírito, segundo a disposição do Corpo determinada pelo Pai. A realidade dos carismas está vinculada com a reflexão deste trabalho na medida em que se compreende o discernimento como um movimento de saída, e que supõe a ação, o colocar em prática os dons que Deus deu a cada um. Discernir o próprio carisma é, ao mesmo tempo, discernir a própria vocação. Carisma não deve ser entendido como alguns dons determinados e espetaculares, mas sim como todo dom dado pelo Espírito visando a construção da comunidade. A um é dado a sabedoria, a outro, uma palavra de ciência, a outro a fé, e todos os dons provenientes do mesmo Espírito Santo.³⁰⁶

Da parte do ser humano, é preciso haver a abertura necessária, para que possa ser provocado pelas situações que se apresentam. “Não se deixar provocar, não querer ser provocado, pode significar a perda de si próprio, da verdadeira humanidade, e este realmente é o caso quando não se permite que o Espírito Santo chame para fora do *status quo*.”³⁰⁷ Pela quênose do Espírito Santo cada um é chamado a ir ao encontro daqueles que precisam. Por sua vez, a ida ao encontro do próximo evidencia em cada indivíduo o caminho de seu discernimento, e, por conseguinte, o chamado feito por Deus.

Abordar a temática do agir em relação à quênose do Espírito é algo de importância fundamental. Por um lado, esclarece tal realidade que muitas vezes pode ser esquecida quando se fala em discernimento. Isto é, a busca da vocação passa pela realidade comunitária, onde as atitudes e os acontecimentos sinalizam ao espírito a vocação para a qual Deus chama. Não obstante, faz recordar também que toda a dinamicidade do

³⁰⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1964, não paginado; LG 12.

³⁰⁶ COMBLIN, 2010, p. 106-107.

³⁰⁷ BRANDT, 1985, p. 137.

caráter ético do discernimento não produz frutos quando desvinculado da proximidade e intimidade para com Deus.

3.2.3 Autoconsciência e liberdade no discernimento

Ao abordar no primeiro capítulo a dimensão psicológica do discernimento algumas considerações surgiram. O desenvolvimento da reflexão a respeito do valor da psicologia no discernimento possibilitou entender a importância da autocompreensão do indivíduo. O fato do sujeito conhecer-se permite uma maior clareza na dinâmica vocacional. Deus chama cada um pelo nome, ou seja, chama cada um para ser realizado e encontrado consigo mesmo. O chamado de Deus para determinada vocação, nada mais é do que um chamado para ser em plenitude aquilo que a pessoa é em seu ser.

A importância desse autoconhecimento está relacionada com as escolhas que o indivíduo toma. Autoconhecer-se é saber que é próprio do humano ser relacional com o próximo e com Deus. As decisões do indivíduo, quando baseadas em uma personalidade encontrada e consciente, fazem com que o sujeito decida de acordo com o chamado de Deus feito em seu íntimo. Além disso, o conhecimento de si mesmo permite ao sujeito saber quais são as vozes que falam em seu interior.³⁰⁸

Isso é importante, pois o ser humano é composto de diversas faculdades que quando não colocadas de modo organizado em seu interior, podem levar a um conflito interno. A conquista da própria identidade leva o sujeito a ordenar as realidades presentes em seu interior, possibilitando desenvolver um discernimento livre e coerente.³⁰⁹

É dentro dessa perspectiva de ordenamento de realidades internas que o Espírito age em sua quênose. O divino hóspede ajuda cada pessoa a descobrir a própria identidade e ordenar as próprias faculdades, sem com isso interferir ou expropriar a pessoa da própria realidade. O Espírito se esconde, para que o humano possa se encontrar.³¹⁰ Além disso, é por essa mesma presença quenótica do Espírito que toda a dinâmica vocacional é uma realidade livre.

Mas que significa estar livre? Ser livre é fazer tudo aquilo que se tem desejo? Mas deixar-se levar por todo tipo de poder volitivo não faz da pessoa um escravo de suas vontades e vícios? Haveria, pois, alguma

³⁰⁸ RUPNIK, 2008, p. 122.

³⁰⁹ BAQUERO, 1991, p. 84.

³¹⁰ RUPNIK, 2008, p. 122.

liberdade em um indivíduo comandado pelo vício e pelos desejos da carne? Parece que ser livre não está em fazer tudo o que se quer, tendo em vista que aquilo que o corpo quer nem sempre corresponde àquilo que a pessoa em seu ser espera alcançar.³¹¹

De modo semelhante, pode-se dizer que a liberdade está no seguimento da lei? Seguindo-a, conseguir-se-ia libertar dos desejos puramente carnis? A lei seria um indicativo daquilo que cada pessoa deveria seguir para não ser um escravo do pecado. No entanto, no mesmo momento que se tiram as algemas do pecado que tiram a liberdade do ser humano, coloca-se no lugar um grilhão ainda mais forte, que é a própria lei. Aquele que faz determinada coisa porque a lei assim indica, não está fazendo segundo a própria liberdade, mas por causa da lei. O trabalho no sábadado era proibido pela lei judaica, e diante de uma vida que deveria ser salva, ou um doente que precisasse de ajuda, nada era feito, pois a lei colocada como um fim em si mesma não permitia qualquer atividade.³¹²

Jesus, em diversas passagens alertou para o perigo de uma lei que tira a liberdade. Quando a lei é absolutizada, e não se considera o papel do Espírito Santo, o indivíduo fica cego pela lei, e não exerce a sua liberdade. Diante de uma lei que dita a última palavra irrestritamente, o indivíduo não tem a capacidade de averiguar as circunstâncias, omitindo sua capacidade de usar a própria consciência na decisão a ser tomada. Simplesmente decide por aquilo que a lei exige. Daí que o Evangelho apresenta situações diversas onde Jesus prefere salvar uma vida, mesmo que isso seja uma quebra daquilo que a lei previa. Jesus é livre, pois diante de cada situação não precisava de uma lei dizendo como ele deveria ou não agir. Jesus era livre porque tinha em si o Espírito Santo e com a presença do Paráclito conseguia livremente fazer aquilo que era o certo.

O discernimento sinaliza ao ser humano que ele é livre, pois aquele que é escravo da lei não precisa discernir, pois só precisa fazer o que a lei manda. Ademais, fazer o discernimento é um sinal de que o pecado já não comanda a vida do próprio indivíduo. Aquele que vive no pecado não precisa discernir, pois só se deixa levar pelos desejos e paixões.

No discernimento o indivíduo pode, com a ajuda do Espírito Santo saber qual a atitude mais correta diante de cada situação. Não se deixa levar pelos estímulos dos desejos e dos vícios, tampouco se engessa em um seguimento incondicional da lei. Discernir se torna a atitude daquele

³¹¹ MADRE, 2011, p. 75-76.

³¹² COMBLIN, 2010, p. 63.

que é livre no Espírito, daquele que, pela própria consciência e pela assistência do Espírito Santo encontra o caminho certo a seguir.

O Espírito ajuda o sujeito a libertar-se do pecado e da morte, e, para além disso, o próprio Espírito é, ele mesmo, portador da liberdade. De tal modo, afirma São Paulo ao se dirigir aos Coríntios:³¹³ “Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”.³¹⁴ Diante disso, cada cristão é chamado a fazer continuamente opções livres em sua vida, entendendo que sua consciência é o último santuário pessoal no qual o ser humano se relaciona com Deus.³¹⁵

A vida cristã não é uma escravidão, mas é libertação. Libertação da lei antiga, do pecado, da morte. O cristianismo não é uma moral, mas uma vida nova, cheia de liberdade, na qual o Espírito age a partir de dentro. A antiga lei foi substituída pelo Espírito, que nos move a partir de dentro, interpela-nos e nos seduz.³¹⁶

A presença do Espírito não tira a liberdade do ser humano, pois o Espírito não suprime a identidade da pessoa. A consciência de identidade de cada um não é abolida. O Espírito só faz com que cada um veja a verdade. Fazer perceber a verdade não é imposição ou autoritarismo, mas fonte de liberdade. Por isso, somente pelo Espírito é que podemos conhecer Cristo. Não é por que o Espírito guarda esta informação e só dá àqueles que a ele se submetem, mas por que o Espírito Santo conhece a Cristo tal como o Cristo mesmo se conhece. Reconhece-se o Cristo por meio do Espírito que habita em cada cristão e o faz ver a verdade. Não é uma questão de obrigar a ver o que o Espírito quer que seja visto, mas é perceber entre tantas afirmações aquilo que é a verdade.³¹⁷

A realidade da liberdade mostra como todos os aspectos deste trabalho estão interligados. É pela quênese do Espírito que é possível ter acesso a Deus e realizar o discernimento. Por sua vez, é pelo discernimento que se pode trilhar um caminho livre diante das decisões que precisam ser tomadas, de modo que é respeitada a deliberação do sujeito, bem como o chamado que Deus faz a cada ser humano.

³¹³ CODINA, 2010, p. 80.

³¹⁴ 2Cor 3, 17.

³¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 1965, não paginado; GS 16.

³¹⁶ TOMÁS DE AQUINO, Suma Theologica, 1^a e 2^{ae}, q. 106, a 1 e 2. Apud: CODINA, 2010, p. 80.

³¹⁷ SMAIL, 1998, p. 76.

É o Espírito que liberta de toda estrutura, tornando a pessoa apta para uma verdadeira opção. O Espírito leva ao discernimento, faz a pessoa perceber que tudo é permitido, mas que nem tudo edifica. O ‘preço’ da liberdade é o discernimento, é a necessidade de escolher, e assumir responsabilidades. Sempre tendo em vista que discernir não está entregue às puras luzes humanas, pois o Espírito é quem abre os olhos para se discernir. O Espírito não impõe normas e leis, mas em sua quênose ilumina as mentes e possibilita o discernimento.³¹⁸

Graças à presença quenótica do Espírito, o sujeito tem a possibilidade de fazer um discernimento livre e pessoal. É livre porque o Espírito permite superar tudo o que aprisiona a decisão e tira a capacidade de escolher segundo a própria individualidade e identidade. Ou seja, o Espírito possibilita ao indivíduo ser autêntico nas escolhas, sem se prender aos desejos, vícios ou mesmo às leis. O Espírito faz o ser humano se conhecer, e com isso conhecer o caminho que Deus propõe. Daí que é um caminho pessoal, pois ao mesmo tempo que o Espírito faz do ser humano um ser autônomo diante das estruturas que podem tirar a liberdade, ele também faz toda essa dinâmica sem se impor ou aparecer, respeitando assim a identidade e a autenticidade do sujeito que discerne a própria vocação.

³¹⁸ COMBLIN, 2010, p. 74.

CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo desenvolver a relação entre a quênose do Espírito Santo e o discernimento vocacional. Através de tal relação, buscou-se compreender o papel do Espírito Santo na dinâmica vocacional, de modo específico dentro do processo de discernimento da vocação.

Para tal finalidade, cada temática foi investigada separadamente, para em seguida desenvolver as relações entre os dois assuntos centrais, isto é, o discernimento e a quênose do Espírito Santo. Assim, direcionou-se o primeiro capítulo para a realidade do discernimento vocacional. O segundo capítulo teve como tema de investigação a quênose do Espírito Santo. Por fim, o terceiro capítulo procurou estabelecer as relações entre as temáticas desenvolvidas nos capítulos anteriores. Com isso, se almejou compreender como o Espírito em sua quênose participa do processo vocacional.

O discernimento vocacional é uma temática ampla e precisou ser desenvolvida por etapas bem definidas. Em um primeiro momento sentiu-se a necessidade de tratar do discernimento em sua amplitude de realidades, pois discernir é algo que ultrapassa o âmbito vocacional. Tendo feito tal explanação, foi possível falar especificamente da realidade vocacional do discernimento. Ao abordar o ato de discernir na dinâmica da vocação, percebeu-se que se trata de uma realidade que envolve o ser humano como um todo e perpassa todas as suas relações. Assim, para estruturar a dinâmica do discernimento vocacional refletiu-se as relações do indivíduo com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Perpassando tais realidades, este trabalho buscou obter uma compreensão daquilo que é o discernimento vocacional.

Tendo desenvolvido o primeiro capítulo, passou-se a investigar a realidade da quênose do Espírito Santo. O objetivo desse segundo capítulo foi entender como a quênose do Espírito Santo acontece. Para tal objetivo, buscou-se sinais desse agir quenótico do Espírito em diferentes espaços. Através das Sagradas Escrituras, foi possível perceber o desenvolvimento da compreensão da pessoa do Espírito, bem como de sua manifestação quenótica. Pela reflexão teológica posterior, pôde ser visualizada a importância da realidade da quênose na relação do humano com o divino. Também através da reflexão a respeito da quênose, se percebeu a própria identidade do Espírito, que em seu ser e agir não busca aparecer, mas sempre procura iluminar o outro. O segundo capítulo ainda ajudou a entender a importância de conhecer o Espírito Santo e abrir-se a seu agir.

Diante das considerações originadas nos capítulos antecedentes, foi possível chegar ao capítulo terceiro, cujo desenvolvimento buscou responder às indagações que deram origem à pesquisa como um todo. Ou seja, buscou responder ao questionamento acerca da relação e lugar do Espírito no processo de discernimento vocacional. Tais questionamentos tiveram o devido respaldo dentro da busca por estabelecer relações entre as temáticas principais.

Na tarefa de relacionar a quênose do Espírito e o discernimento vocacional algumas conclusões importantes surgiram. Em primeiro lugar, deve-se dizer que este trabalho mostrou o papel fundamental que o Espírito tem dentro da dinâmica vocacional. Tal é a importância, que sem o Espírito Santo não há possibilidade de desenvolver um processo de discernimento da vocação que seja livre e coerente. Em segundo lugar, foi possível perceber a relação direta que o Espírito em sua quênose tem com cada uma das relações próprias do discernimento, isto é, com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

Na relação com Deus, a quênose do Espírito é o que permite ao ser humano ir ao encontro da divindade. O Espírito dá ao homem a consciência da realidade do pecado, permite que todo obstáculo entre o homem e Deus seja eliminado e dentro do próprio sujeito ensina e conduz na oração. Faz tudo isso sem mostrar seu rosto, sem revelar sua identidade, quenoticamente, de tal modo que a liberdade do indivíduo permanece intacta, e a busca por Deus parte do próprio homem. Assim, o Espírito Santo em sua quênose tem fundamental importância na relação do indivíduo com o Pai e o Filho, que é uma das bases do discernimento vocacional.

O Espírito não fica somente nessa relação transcendental, mas também se faz presente nas realidades de discernimento que surgem nos acontecimentos da vida do próprio ser humano. É pelo Espírito que a pessoa percebe no mundo aquilo que é bom e o que é mau. A vida no Espírito dá ao indivíduo a coragem de sair da autorreferencialidade e ir ao encontro daqueles que necessitam. Nessa saída de si o sujeito consegue discernir o seu chamado, pois percebe que sua vida é um instrumento de Deus que deve ser colocado a serviço dos demais na busca por justiça e pela paz. Tudo isso se dá por meio do Espírito que revela as potencialidades e dá clareza às suas decisões. Faz todo esse movimento sem aparecer, de modo quenótico.

É ainda pelo Espírito que cada ser humano vivencia toda dinâmica vocacional de modo livre e autêntico. O Espírito permite ao homem conhecer a própria identidade e ordenar as próprias faculdades, sem com

isso interferir ou expropriar a pessoa da própria realidade. Dentro desse processo de autoconsciência e ordenamento das realidades internas, o sujeito é chamado a ser livre de toda estrutura que o aprisiona. O discernimento vem a ser o fruto de uma vida no Espírito e de um processo vocacional que considera o agir quenótico do Espírito Santo.

Diante da amplitude que o discernimento sob a luz da quênose do Espírito Santo comporta, abre-se um grande leque de possibilidades de reflexão, cuja pesquisa não tinha como objetivo alcançar, mas que podem ser desenvolvidas em análises posteriores. Para futuras pesquisas, tal reflexão pode ampliar-se para um ramo litúrgico-sacramental. De modo que considere a importância dos sacramentos dentro da relação do discernimento com a divindade a partir da quênose do Espírito.

Também dentro da moral, o discernimento vocacional à luz da quênose do Espírito pode ser objeto de reflexão, uma vez que se insere dentro das decisões do indivíduo e aborda temas afins como consciência e liberdade. No mesmo sentido, a temática do discernimento na quênose do Espírito Santo abre a possibilidade de reflexões na prática pastoral e eclesial, considerando que o modo quenótico do Espírito agir é algo que atinge toda a caminhada da Igreja.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, A **Trindade**. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 2008.
- AZEVEDO, Marcello de Carvalho. **Autoridade e Discernimento**. Exposição feita no painel sobre Autoridade e discernimento, durante a XIII AGO da CRB Nacional, no dia 25 de julho de 1983.
- BALTHASAR, H. U. **O evento Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BAQUERO, Victoriano. **Tenho vocação?** Orientações metodológicas. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BIBLIA de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. O amor escondido: Notas sobre a Kênosis do Espírito no Ocidente. **Concilium**, São Paulo, v. 342, p. 54-65, 2011.
- BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BRANDT, Hermann. **O Espírito Santo**. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- BULGÁKOV, Sergui. **El Paráclito**. Trad. Miguel Montes. Salamanca: Ediciones Síguime, 2014.
- CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**. O que significam as relações trinitárias na vida em sociedade? São Paulo: Cidade Nova, 2000.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
- CENCINI, Amadeu. **Construir cultura vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CODINA, Víctor. **O Espírito do Senhor: força dos fracos**. São Paulo: Paulinas, 2019.

_____. **Creio no Espírito Santo**: Pneumatologia narrativa. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. **Não extingais o Espírito**: Iniciação à pneumatologia. Trad. Paulo Ferreira. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. Pneumatologia latino-americana. **Revista Studium**, Curitiba, n. 10, p. 11-25, 2012.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo no mundo**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **O Espírito Santo e a libertação**, Petrópolis: Vozes, 1987.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA. Pastoral Vocacional. **Texto base do IV Congresso Vocacional do Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. Vaticano: 1964. Não paginado; Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentiumpo.html. Acesso em: 1 jul. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes***. Vaticano: 1965. Não paginado; Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 15 nov. 2019.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Decreto *Ad Gentes***. Vaticano: 1965. Não paginado; Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 26 mai. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Dei Verbum*** (DV). In: Santa Sé. Concílio Ecumênico Vaticano II- Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONGAR, Yves. **Creio no Espírito Santo**: Ele é senhor e dá a vida- Tomo 2. Trad. Euclides Martins Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Creio no Espírito Santo**: Revelação e experiência do Espírito. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2009.

DOMÍNGUES, Luiz M.G. **Discernir o chamado**: A avaliação vocacional, Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2010.

EDWARDS, Denis. **Sopro de vida**: Uma teologia do Espírito Criador. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2007.

EVDOKIMOV, Paul. **O Espírito Santo na tradição ortodoxa**. Trad. José Luiz de Almeida Monteiro. São Paulo: Ave Maria, 1996.

FARIAS, José Jacinto. Pneumatologia e Antropologia. **Didaskalia**: Revista publicada pela Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, XXV, p. 469-503, 1995.

FERNÁNDEZ, Aurélio. **Teologia dogmática**. Madri: Fareso, 2009.

FORTE, Bruno. **A Trindade como história**: Ensaio sobre o Deus cristão. Trad. Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1987.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate***. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. Exortação Pós Sinodal ***Christus Vivit***: Para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

HORTELANO, Eduardo L. **O discernimento**: Formar em e para. Inst. de Espiritualidad, Universidad Pontificia Comillas, Espanha, 2018.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Dominum et Vivificantem***, sobre o Espírito Santo na Vida da Igreja e do Mundo. Vaticano, 1986. Não paginado; Disponível em: < http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html> Acesso em: 08 jun, 2020.

KOUBETCH, Volodemer. **Da criação à parusia** – linhas mestras da teologia cristã oriental. São Paulo: Paulinas, 2004.

KUNRATH, Pedro Alberto. Comunicação pessoal de Deus com o homem. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 39 n. 1 p. 82-93 jan./abr. 2009.

LADARIA, Luiz. F. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

LEÃO XIII. **Carta encíclica *Divinum Illud Munus***, Sobre a presença e virtude admirável do Espírito Santo. Vaticano, 1897. Não paginado; Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_09051897_divinum-illud-munus.html> Acesso em: 01 jun. 2020.

LEERS, Bernardino. A consciência ética e o Espírito. **Convergência** Brasília: CRB, N. 311, P. 155-165, 1998.

LIBÂNIO, João B. **O discernimento espiritual revisitado**. São Paulo: Loyola, 2000.

MADRE, Filipe. **Vinde e vede**, o chamado de Deus e o discernimento vocacional. São Paulo: Paulinas, 2011.

MCKENZIE, John. **Dicionário Bíblico**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MEIRA, André. L. B. **A quênose trinitária como manifestação da misericórdia**. 154 p. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOSCONI, Luis. **Dar um sentido verdadeiro à vida**: O maior desafio do Ser Humano. São Paulo: Paulinas, 2006.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. **Antropologia da formação inicial do presbítero**. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **Evangelho da vocação**: dimensão vocacional da evangelização. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Nossa resposta ao amor**, Teologia das vocações específicas. Loyola, São Paulo: 2001.

_____. **Teologia da vocação**. São Paulo: Loyola, 1999.

PAULO IV. **Carta encíclica *Populorum Progressio***. Vaticano: 1967. Não paginado; Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

PIGNA, Arnaldo. Trad. Atílio Cancian. **A vocação: Teologia e Discernimento**. São Paulo: Loyola, 1989.

PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo. **Dicionário Teológico: O Deus cristão**. São Paulo: Paulus. 1988.

RAHNER, Karl. **Escritos de Teología IV**: Escritos recientes. Madrid: Taurus, 1962.

REHBEIN, Franzisca. C. **Experiência do Espírito**: Experiência do compromisso. São Paulo: Loyola, 1981.

RIBARIC, Sergio Alejandro. **O silêncio de Deus**: Segundo Hans Urs von Balthasar. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

RUPNIK, Marco Ivan. **O discernimento**. Trad. Euclides Martins Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANCHES, Mário Antônio. Relações entre o Deus triúno e o mundo: Kênosis e o Reino. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 54, n. 2, p.230-241, jul./dez. 2014.

SANTOS, Eduardo. A Descida do Deus Trindade: a quênose da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 16, n° 62, p. 111-123, Jan/Mar 2008.

SCHIAVONE, Pietro. **Il discernimento**: Teoria e prassi. Milano: Pauline, 2009.

SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, J. **História dos dogmas**, O Deus da salvação, Séculos I-VIII – Tomo 1. São Paulo: Loyola, 2002.

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens a fé e o discernimento vocacional**. Documento preparatório. Brasília: Edições CNBB, 2017.

SMAIL, Tom, **A pessoa do Espírito Santo**. Trad. José Ceschin. São Paulo: Loyola, 1998.

TAVARES, Sinivaldo. **Trindade e criação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**: teologia, Deus, Trindade. São Paulo: Loyola, 2016. v.1.

TROCHU, Francis. **O cura d'Ars**: A história de São João Maria Vianney. São Paulo: Cultor de livros, 2018.

VON BALTHAZAR, Hans Hurs. **Mysterium Paschale**: The Mystery of Easter. San Francisco: Ignatius Press, 2005.

XAVIER, Donizete José. A Kénosis da Trindade. **Cultura Teológica**, São Paulo, v. 15, nº 59. p.43-63, abr/jun, 2007.